FENÔMENOS PARAPSICOLÓGICOS E ESPÍRITAS

CÍCERO VALÉRIO

Editôra
PIRATININGA
SÃO PAULO

O autor, clínico conceituado no país, é também autor de livros e trabalhos científicos alguns dos quais vertidos e transcritos em outro idioma.

Tem representado a entidade a que pertence o seu setor médico, em congressos nacionais, e figurado, como representante do país, em congressos internacionais.

Adotando pseudônimo na presente edição é propósito revelar a sua identidade nas edições subsequentes.

O motivo que o levou a lançar mão de pseudônimo decorre do fato de existir, segundo seu ponto de vista, ainda, entre nós, perseguições religiosas subterrâneas repercutindo sôbre familiares dos autores que têm a hombridade de encarar de frente a realidade de fenômenos que algumas religiões teimam em conservar ocultos para serem relegados ao esquecimento, como se possível fôsse ocultar permanentemente "a verdade que algum dia terá que se revelar".

PEDIDOS PARA

EDITÔRA PIRATININGA

CX. POSTAL 15.190 - S. PAULO

CÍCERO VALÉRIO

★

Fenômenos Parapsicológicos e Espíritas

★

EDITÔRA PIRATININGA
SÃO PAULO

Fenômenos Parapsicológicos e Espíritas

NOTA EXPLICATIVA

Das pessoas que frequentaram os grupos de observação e estudo dos fenômenos de metapsíquica, umas deram-me permissão para que os seus nomes fôssem publicados por extenso. Outras, tendo em vista a falta de compreensão ainda reinante em nosso meio, para o estudo dêsses fenômenos, determinada pelos preconceitos sociais, pelas campanhas subterrâneas exercidas por certas seitas religiosas, e, mesmo, pela divergência de ponto de vista religioso entre os membros da própria família, acharam conveniente que, por enquanto, sòmente fôssem usadas as iniciais de seus nomes.

À fim de obedecer a um critério uniforme, decidi empregar para todos sòmente as iniciais, tendo, no entanto, em arquivo, os nomes e endereços dos indivíduos que a elas correspondem.

Faço constar ùnicamente por extenso o nome dos médiuns, que pela natureza da missão que exercem, já estão ligados, notòriamente, ao mister de divulgação da fenomenologia espírita.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

Movimento de objetos mediante contacto

a) — movimento de mesas com revelação de fatos.
b) — movimento de copo com comunicações psicográficas.

Movimento de objetos sem contacto

a) — levitação.
b) — deslocamento de móveis e objetos do aposento.
c) — transportes de objetos.
d) — pancadas.
e) — teorias explicativas.

CAPÍTULO II

Fenômeno de Incorporação

Definição.

Atos e comunicações ccm o meio, por intermédio da incorporação.

Comunicações vocais, receitas e intervenções cirúrgicas.

Fenômenos de incorporação observados com um médium de S. Paulo.

Personalidade e grau de instrução do médium José Pedro de Freitas — (Arigó).

Realização de diagnósticos clínicos e intervenções cirúrgicas sangrentas.

CAPÍTULO III

Monição e Premonição

Definição.
Premonição de mortes, de acidente, de doença.
Localização do cadáver de um afogado.
Um caso de monição por percepção intuitiva.

CAPÍTULO IV

Aparição de Fantasma

A percepção do fantasma fora da interferência do sentido normal.

A percepção do fantasma por intermédio da visão.

O fantasma de vivos.

O fenômeno do desdobramento com bilocação.

O desdobramento em vigília.

O sono, os acidentes, a anestesia, como causas que favorecem o fenômeno.

Casos de aparição de fantasma de mortos.

CAPÍTULO V

Visão às Escuras em Aposento Fechado

Observações realizadas com o médium João Cosme.

Observações com o médium Armando Ramos e Silva.

Observações com o médium Melchíades Borges.

Experiências realizadas por Aksakof.

a) Experiências feitas em casa do Sr. Everitt, em Londres.
b) Experiências realizadas com a médium Kate Cook.
c) Experiências feitas com o médium Bredif.

CAPÍTULO VI

Materalização de tecidos, metais, plantas, flôres e objetos

Materialização de Tecidos

Um caso citado por Aksakof e observado por William Crookes.

Um caso de materialização de tecido e de objetos, em Sorocaba.

Materialização de Metais

Um caso observado por Richet na Algéria.

Um caso de desmaterialização seguido de materialização de dois aneis de ouro, citado por Aksakof.

Um caso de materialização, citado por Aksakof, de um anel, por intermédio de uma corrente de ouro.

Materialização de flôres e plantas

Um caso citado por Aksakof, testemunhado pelo Sr. A. J. Davis.

Um caso referido por Aksakof transcrito do livro "Fatos Surpreendentes", de Wolfe.

Materializações de flor e pétalas observadas com o médium Armando Ramos.

Materialização de flor observada com um médium, à Rua Visconde de Pirajá.

Três casos de materialização de planta e de flor com a médium Mme. Esperance.

CAPÍTULO VII

Materialização de formas humanas

Materialização completa e incompleta ou parcial. Idéias e concepções de Richet a respeito do fenômeno de materialização.

William Crookes e Charles Richet entre os precursores da metapsíquica.

A fraude e condições que a favorecem.

Estudos e observações de autores sôbre o ectoplasma.

A teoria "Corpuscular do Espírito".

Materializações parciais ou incompletas

Materialização de mãos, dedos, busto e ante-braço.

Casos de materialização de ante-braço, mão e dedos minuciosamente descritos por William Crookes.

Desmaterialização da mão da entidade.

O aparecimento de mão luminosa.

Fenômeno observado com o médium João Cosme

Materialização de ante-braço e mão de criança.

Fenômeno observado com o médium Armando Ramos

A materialização de uma cabeça de índia.

A materialização de um busto com os membros superiores.

CAPÍTULO VIII

Materialização Total ou Completa
Experiências de William Crookes com a médium Florence Cook e o fantasma Katie King

O confronto dos caracteres físicos da médium e do fantasma.

O confronto das respectivas provas fotográficas.

A diferença de condutibilidade elétrica do corpo da médium e do fantasma.

As diferenças de dados clínicos observados pelo exame da médium e da forma materializada.

A desmaterialização do fantasma ao ser agarrado por um dos assistentes e por efeito da luz intensa.

As modificações súbitas do aspecto do fantasma.

Observações do Sr. Livermore com a médium Kate Fox e o espírito materializado Estela

Identificação da figura materializada, pelo aspecto físico, pelas provas intelectuais e por fotografias.

Observações realizadas sucessivamente com os médiuns João Cosme, Nelson Rocha, Armando Ramos e Silva e Melchíades Borges.

A extraordinária mediunidade de Francisco Xavier.

CAPÍTULO IX

O Ponto de Vista de Altos Dignitários da Igreja Católica a Respeito do Espiritismo.

INTRODUÇÃO

Não tive propósito de escrever um livro de Parapsicologia.

Procurei simplesmente, sendo sincero comigo mesmo e como um dever para com os que desconhecem o assunto, divulgar os inúmeros fatos de que tive a rara oportunidade de ser testemunha.

Constituem êsses fatos, para as pessoas sinceras e bem intencionadas, despidas de preconceitos científicos ou religiosos e de vaidade, um novo mundo que surge fecundo de perspectivas que alteram fundamentalmente as nossas concepções das coisas, com o descortino de uma paisagem nova no âmbito da nossa vida quotidiana.

Afastei-me, deliberadamente, das complexidades e do emaranhado das exposições científicas, narrando, singelamente, os fatos que por mim e por outros amigos e colegas, foram observados, e que, pela sua gritante realidade, são eloqüentes na sua expressão verdadeira para despertar o interêsse daquêles que buscam a realidade dêsses fenômenos. A fim de conferir uma certa ordem didática na exposição da matéria, servi-me de alguns têrmos técnicos com êsse único propósito.

Se êste pequeno e modesto trabalho puder trazer algum proveito aos que desconhecem êsses assuntos e que desejam, com sinceridade, palmilhar êste roteiro que nos leva ao conhecimento de novos horizontes, sentir-me-ei recompensado do gasto de energia que representa tôda e qualquer

elaboração mental, mesmo nas produções as mais singelas.

* * *

Ter-se a oportunidade de presenciar fenômenos que nos surpreendem, por fugir às normas e às regras do habitual, constitui verdadeiro privilégio.

Cada dia mais, no entanto, êsses fenômenos se multiplicam e se apresentam, com maior freqüência, aos olhos dos observadores que desejem conhecer e descortinar fatos que escapam à percepção das pessoas displicentes e daquelas que, podendo ver, negam-se deliberadamente a conhecer a realidade dêstes fenômenos extraordinários.

Em regra, o homem, na ignorância dêste vasto campo de estudos, repele e repudia tudo aquilo que foge à alçada dos seus exíguos conhecimentos, que têm para êle, uma vastidão ilimitada.

Assim é que, êstes por ignorância, aqueles por comodidade e displicência, outros por dogmas e tabus religiosos, ou ainda, levados por falhas da ciência que de tudo pretende entender, deixam escapar, por falta de estudos, a realidade palpável dêsses fenômenos.

Devemos, por último, citar os que deixam de lado a pesquisa dêstes fatos, pelo receio natural da crítica e remoque dos que procuram ridicularizar e menosprezar os estudiosos e pesquizadores que têm a ousadia e a coragem de investigar a existência daquilo que grande número de pessoas repele, pelo fato de não poder explicar.

No entanto, sábios de envergadura e de conceito mundial, como William Crookes, Charles Richet, Bozanno, Camilo Flammarion, Schrenck Notzing, Zöellner, Fred Myers, A. R. Wallace, Aksakof, Gustavo Geley, Ochorowicz, Delanne, Lombroso, etc. documen-

taram a realidade dos fenômenos e, alguns deles, publicaram notáveis obras a respeito.

Na Inglaterra, na França, na Alemanha, nos Estados Unidos, os fenômenos, há muito, foram e continuam a ser estudados. Na Argentina, funciona a "Associacion Médica Argentina de Metapsíquica", tendo como presidente o Dr. Orlando Canavesio, psiquiatra que é também Diretor do instituto de Psicopatologia Aplicada Argentino".

Teses têm sido defendidas por doutorandos de medicina da Universidade de Córdoba e valiosos trabalhos publicados a respeito do assunto.

Em Congresso Médico Internacional, de que participei, na Europa, como um dos delegados do Brasil, o presidente do congresso dedicava-se a êstes estudos.

Não é, pois, desprimoroso nem desmoralizante dedicar-se a êsses estudos, nos meios mais esclarecidos e adiantados,

Apesar das causas assinaladas, que embargam e dificultam o estudo da parapsicologia, entre nós, é de se admirar que diante da abundância de fenômenos que, dia a dia, se tornam mais numerosos e convincentes, não estejam mais difundidos êsses conhecimentos, devido à sistemática obstinação dos nossos meios mais esclarecidos e das esferas científicas, em se negarem a encarar de frente o problema.

É tão nocivo o preconceito científico, quanto o preconceito religioso. Ambos entravam o progresso da humanidade. O fanatismo religioso atingiu ao seu apogeu com a Inquisição, sendo cometidos desatinos inomináveis de que se arrepende o catolicismo moderado dos nossos dias. Galileu adotando, em livro publicado, o sistema de Copérnico, segundo o qual a Terra girava em tôrno do sol, foi submetido ao Tribunal da Inquisição e obrigado a abjurar aquela teoria.

O preconceito científico leva o atraso à ciência que estaciona, perdendo tempo valioso de avanço e aperfeiçoamento, detida nos marcos estabelecidos pelos seus axiomas mal fundamentados.

Assim, os areólitos foram durante muito tempo negados pela ciência, chegando o grande Lavoisier a êles se referir nêstes têrmos: "Não havendo pedras no céu não há possibilidade de poderem cair sôbre a terra". Com ironia, do mesmo modo, os sábios repeliram o fato de domínio popular, da queda, com chuvas abundantes, de peixes e sapos, argumentando dogmáticamente: "Como não há sapos nas nuvens, não é admissível que possam cair sôbre a terra".

Até há bem pouco tempo, era verdade indiscutível a indivisibilidade do átomo, que representava a mínima partícula da matéria. Só depois, pôde a ciência avançar, céleremente, recuperando o tempo perdido, ao se enveredar pelo vasto horizonte da desintegração atômica.

Do mesmo modo, o progresso da medicina é entravado pelos preconceitos e dogmas científicos.

Repugna e causa aversão tôda inovação que vem abalar os fundamentos de princípios firmemente estabelecidos pela ciência, quando já adquiriram foros de verdades indiscutíveis.

Em virtude do dogmatismo científico, grande número das descobertas da medicina têm sido realizadas por indivíduos estranhos à carreira. Pasteur, o precursor da microbiologia, não era médico e sofreu grande campanha de descrédito dos representantes da medicina.

Jesty e Gener, na descoberta da vacina anti-variólica, fundamentaram-se na observação, já do domínio popular, para o lançamento das bases da vacinação contra a varíola.

O professor Henrique Rôxo, catedrático jubilado da cadeira de Psiquiatria da Universidade do Brasil e

católico fervoroso, nos primeiros tempos acérrimo opositor da doutrina espírita, que sistemàticamente combatia em brilhantes aulas ministradas aos seus alunos, tocado talvez pela realidade dos fenômenos, espírito inteligente e progressista, já na 3ª Edição de 1938, de seu livro, "Elementos de Psiquiatria", na página 754, procura reconsiderar a sua atitude, assim se manifestando: "O espiritismo que é praticado por grandes sábios e que motivou um excelente livro do justamente pranteado Prof. Charles Richet, deve ser estudado.

"Não provoca a loucura; aquêle que pode ser causa, é o espiritismo de exploração, dos ignorantes, das classes populares.

"O espiritismo científico não deve ter o seu estudo ridicularizado.

Muitas vezes aquilo que hoje não é explicável e não pode ser admissível, representa a grande verdade do dia de amanhã". E mais adiante: "Pode ser que, no futuro, a vida de além-túmulo se esclareça e que a irradiação de fôrça nervosa que nos vivos exista, se complasme nos mortos em vultos que a êles sobrevivam.

Homens de valôr científico incontestável vêm estudando o assunto e devem ser acoroçoados".

Por sua vez, Charles Richet que, antes de tomar conhecimento do assunto e realizar pesquisas científicas que o convenceram plenamente da realidade dos fenômenos, zombava dos estudos e conclusões a que chegara William Crookes, penitencia-se da precipitação do seu julgamento e no seu "Tratado de Metapsíquica", 2ª edição francesa, refundida, 1923, à página 35, assim se manifesta: "O respeito pelas idéias convencionais, era de tal forma absorvente que ninguém se dava ao trabalho de estudar os fenômenos ou de contestá-los. Todos se contentavam em rir e eu, por minha vez, não me envergonho em declarar que me situava entre os cegos voluntários. Sim! Ria-me em vez de ad-

mirar o heroismo do grande sábio que ousava dizer, em 1872, que há fantasmas dos quais se podem cuvir os batimentos cardíacos e tirar fotografias".

Ao interromper neste ponto, a apreciação que vinha desenvolvendo a respeito da matéria, tive a grata satisfação de verificar — por um projeto de lei que me veio ter às mãos, de autoria do deputado Campos Vergal, sob o n.º 4.598, 1958, que propõe ao Congresso Nacional a criação da cadeira de Metapsíquica — que, entre nós, está sendo tentado o lançamento das bases para o estudo científico dos fenômenos metapsíquicos.

Neste projeto, tive ocasião de verificar que os estudos de metapsquica nos diferentes países já alcançaram uma difusão muito além do que se podia imaginar.

Asssim é que, nos Estados Unidos, em cêrca de 50 das maiores e mais conceituadas universidades e colégios, é ministrado o ensino de metapsíquica.

Em universidades da Alemanha e da Holanda foi criada a cadeira de parapsicologia. Nas universidades inglêsas de Londres, como de Oxford e Cambridge, funcionam órgãos prepostos à investigação e pesquisa dos fenômenos paranormais.

Por outro lado, em várias nações como a França, Suiça, Alemanha, Itália, Bélgica, Dinamarca, Noruega, Grécia, Rumânia, Letônia, Islândia, Turquia, Polônia, Portugal, Áustria, Japão, India, Estados Unidos, Canadá, Argentina, etc. funcionam sociedades e institutos científicos destinados aos estudos da matéria.

Entre nós, funciona a "Sociedade de Medicina e Espiritismo" que teve longos anos, como presidente, Levindo Mello, seu fundador; também se destina ao estudo dos fenômenos paranormais.

Seria interessante, portanto, que o projeto de lei oficializando o estudo da metapsíquica nas nossas escolas superiores, fôsse aprovado pelo Congresso, a fim de que a pesquisa e o interêsse por êsses fenômenos se

desenvolvessem, entre nós, marcando o descortino de um novo campo para a ciência, de grande alcance para a humanidade.

Tal a importância desses estudos que Richet chegou a adiantar que "iriam êles modificar de "fond en comble" nossas idéias sôbre a vida e a matéria".

São surpreendentes os fenômenos observados por William Crookes e registrados em "Fatos Espíritas".

Eis as conclusões: "Certamente, se se tratasse de provar algum fato simples e natural, quase evidente "a priori", ou não contradizendo os dados científicos vulgares, eu estaria plenamente satisfeito: as provas seriam largamente satisfatórias e me pareceria quase inútil continuar, tão brilhantes e conclusivos parecem ser os fatos acumulados nessas sessões; mas trata-se de demonstrar fenômenos verdadeiramente absurdos, contrários a tudo o que os homens, o vulgo e os sábios têm admitido há milhares de anos.

E' um desmoronamento completo de todo o pensamento humano, de tôdas as suas experiências; é um mundo novo que se abre diante de nós, e, por consequência, não é possível deixar-se de ser muito reservado na afirmação desses estranhos e assombrosos fenômenos".

Às páginas 19 e 24 do livro "Fatos Espíritas". William Crookes assim se manifesta: "Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos mais enraizados pontos do credo científico — entre outros a universal e invariável ação da fôrça de gravitação — que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos, da vista e do tacto — testemunho corroborado pelos sentidos de tôdas as pessoas presentes — que me dizem não serem testemunhos mentiro-

scs, ainda que êles deponham contra as minhas idéias preconcebidas".

"Ver-se-á que todos êsses fatos têm o caráter mais surpreendente, e parecem inteiramente inconciliáveis com tôdas as teorias conhecidas da ciência moderna.

"Tendo-me assegurado da sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhes o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridiculariza-das, por críticos e outras pessoas, que nada em absoluto conheciam do assunto, e que não tinham bastante cri-tério para ver e julgar, por si mesmas, se êsses fenô-menos são ou não verdadeiros".

CAPÍTULO I

MOVIMENTO DE OBJETOS MEDIANTE CONTATO
MOVIMENTO DE MESAS COM REVELAÇÃO DE FATOS

Em residência de meus pais, à noite, reunia-me com alguns irmãos, a fim de fazermos o que denominavámos a brincadeira da mesa.

Em tôrno de uma pesada mesa de refeição, onde podiam acomodar-se 14 ou mais pessoas, assentavámo-nos fazendo um círculo contínuo com as mãos espalmadas sôbre a superfície e tocando-se pela extremidade dos dedos.

Depois de breve período de concentração, um dos componentes da corrente da mesa, com voz enérgica sentenciava: "Se há espírito presente, levante a mesa do lado de fulano". Quando a ordem custava a ser atendida, a voz de comando insistia: "Levanta"! "Levanta"! e assim, sucessivamente, até que pequeno estremecimento se fazia sentir acompanhado de leve estalido e, do lado determinado para se levantar a mesa, começava ela a se erguer, até atingir a uma posição que facilitasse a estabilidade do equilíbrio.

Além do fenômeno mecânico do movimento da mesa, era possível determinar-se, por meio de perguntas e dados convencionais, a idade de cada pessoa presente, a quantia em dinheiro que cada um trazia consigo, etc.

Assim, quando se desejava saber a idade de uma pessoa ou a quantia de que era portadora, convencionava-se, com explicação prévia, que cada ano de idade ou mil réis corresponderia a uma pancada da mesa.

Ao pedido, seguia-se o movimento ritmado de descida e subida da mesa, assinalando precisamente, por pancadas, o número de anos ou a quantia de que era portadora a pessoa em causa, fato muitas vêzes desconhecido dos presentes que faziam a experiência.

A um dos irmãos, que não participava do grupo, por não acreditar na veracidade dos fatos, foi-lhe reservada uma decisiva prova de convicção. Mantendo-se a mesa levantada com os dois pés suspensos em uma das extremidades, foi convidado a subir êle nêste lado sôbre o móvel. Apesar de se tratar de pessoa alta e com o peso aproximado de 60 quilos, a mesa estalou com a sobrecarga recebida, mantendo-se, no entanto, erecta no decorrer da experiência.

Com três irmãos, comparticipei de interessante experiência, do mesmo gênero.

Tomamos uma pequena mesa de cêrca de um metro e vinte de comprimento e, como na experiência anterior, colocamos as mãos espalmadas sôbre a superfície de maneira a fazer uma cadeia contínua. Ordenei que a mesa se levantasse do lado oposto, ao em que me achava situado, e ela atendeu. Mandei que se sustivesse em um só pé e fui atendido. Pedi, então, aos irmãos, que me deixassem fazer sòzinho a experiência. Mandei novamente que se levantasse do lado oposto e que se mantivesse em um único pé, sendo prontamente atendido. Dei então a ordem final para que se mantivesse suspensa no ar, sem se servir dos pontos de apoio. Com surprêsa minha, a mesa passou a se deslocar pelo assoalho, com grande velocidade, a ponto de, com dificuldade, poder seguir-lhe eu o movimento.

Depois de acompanhá-la, durante um certo percurso, achei prudente interromper a experiência, retirando as mãos da superfície, como medida de cautela para os imprevistos que pudessem sobrevir e a mesa estacionou imediatamente.

MOVIMENTO DO COPO COM FENÔMENOS DE MONIÇÃO E PREMONIÇÃO

O operador escreve, em forma circular, as letras do alfabeto sôbre um papel em branco ou papelão, deixando constar, em extremos opostos, as palavras "sim" e "não".

O papelão, assim disposto, é colocado sôbre uma mesa lisa. Na área central, é colocado um copo ou xícara, de bôca voltada para baixo.

Duas pessoas, destacadas para realizar a experiência, colocam os respectivos dedos indicadores sôbre o fundo do copo.

Depois de breve período de espera, nota-se um impulso súbito que leva o copo a deslisar, circularmente, sôbre a área da mesa, circundada pelo papelão.

Neste movimento contínuo, o copo se aproxima de cada letra que vai compor as palavras, sendo a letra, assim assinalada, anotada mentalmente pelo operador. Formam-se, assim, palavras que serão ditadas pelo operador ou copiadas por um escrevente ao lado, depois de enunciadas, formando períodos muitas vezes claros e precisos, às vezes espontâneos, outras vezes em resposta a perguntas dos circunstantes.

As duas palavras, sim e não, colocadas nos extremos opostos do círculo de letras têm por fim responder diretamente às perguntas que possam ser esclarecidas sem maiores esplanações, afim de poupar trabalho ao operador.

Foi feita esta explicação preliminar, para melhor compreensão das pessoas estranhas a êstes estudos.

A primeira experiência de que participei com meu pai, realizou-se quando eu ainda era estudante de medicina, na fazenda de um tio, estando presente u'a médium, que não interveio diretamente nos trabalhos.

Tendo um dos membros da família se envolvido em acontecimento que muito preocupava a meu pai, resol-

veu êle indagar, por esta forma, sôbre a marcha de futuras ocorrências relacionadas com o caso.

Logo depois de colocarmos os dedos indicadores sôbre o fundo de um copo de couro, iniciou êle um movimento giratório, relativamente rápido, sendo registradas respostas precisas e judiciosas a respeito do caso do meu irmão, o que veio a constituir motivo de tranquilidade e confôrto moral para meu pai.

Tive, nessa ocasião, oportunidade de verificar que o copo era impulsionado por uma fôrça estranha a nós. Bastava um descuido de um de nós, em acompanhar a rotação do copo, para que se notasse o movimento que lhe continuava a imprimir a fôrça propulsora, que se podia observar pelo impulso que do copo se propagava ao dedo, no seu ritmo de movimentação.

De uma feita, em casa de um colega, em Laranjeiras, tendo se apagado, inesperadamente a luz, e os operadores retirado os dedos do corpo, continuou êle durante alguns momentos, no escuro, o movimento de rotação. Tinha-se a impressão de que o dedo era arrastado, pelo copo, no seu deslizamento contínuo sôbre a mesa, em resposta à nossa arguição.

Ainda em casa dêsse colega, no bairro de Laranjeiras, com a participação de três a quatro pessoas, voltamos a nos reunir, semanalmente, para observação e estudo dêsses fenômenos.

De quando em vez, inesperadamente, era surpreendido com a comunicação de pessoas falecidas, das quais, há muitos anos, já não me lembrava, como professores, colegas, amigos, etc.

Com um colega de ginásio e de curso médico, já falecido, que vamos designar pelas iniciais R. C., que sempre se manifestava, passou-se um fato interessante.

Antes de iniciar a sessão, externei, por brincadeira, o desejo de me transferir para o outro mundo. No decorrer da sessão, tendo-se manifestado o espírito de R. C., fiz-lhe a seguinte pergunta: R. C. tendo nós sido

colegas de ginásio e de curso superior e havendo, neste lapso de tempo, um longo convívio de intimidade, desejava que você desse uma prova de convicção por fatos do nosso conhecimento recíproco, para que eu soubesse que estava tratando com a sua pessoa.

Por intermédio do amigo e de sua espôsa, que tinham os dedos pousados sôbre o copo, veio-me a seguinte resposta: "Diga ao fulano que não perde por esperar, para se transferir para o lado de cá, porque a classificação que recebemos, quase sempre, fica abaixo da nossa expectativa". E logo a seguir: "Ele é como aquêle apóstolo que foi preciso ver para crer. Vou, no entanto, atender ao seu pedido: — "Você se lembra da última vez que estêve em Juiz de Fora?" — "Naquela ocasião, Você teve motivo para ficar sentido comigo".

No momento, não tinha eu absolutamente nenhuma lembrança de ter havido algum fato que desse margem a desentendimento entre nós. Respondi, pois, prontamente: Em Juiz de Fora, não me recordo de nada que tenha ocorrido que desse motivo a algum mal-entendido entre nós. Só, quando éramos estudantes, recordo-me que, no Rio, tivemos ligeira incompreensão por questões na escola.

Respondeu-me êle: "Você recorda-se de quando estêve em minha casa?"

Só então vieram-me prontamente à lembrança todos os fatos que então se passaram.

Fui efetivamente visitá-lo, em sua residência e fiquei surpreendido pelo fato de não comparecerem à sala, a sua senhora e filhos, ficando eu intimamente sentido com o inesperado da ocorrência.

Por fim, arrematou êle: "Você sabe que nem sempre podemos fazer o que desejamos, o que muitas vêzes nos obriga a cometer algumas "gaffes" na vida social".

O que é interessante, neste caso, é a completa impossibilidade da explicação do fato pela teoria da transmissão do pensamento, visto nem de longe me ocorrer

a lembrança de ter estado em sua residência, fato que, uma vez recordado, deu motivo à reprodução mental de ocorrências com êle diretamente relacionadas.

Um dos espíritos, que freqüentemente se manifestavam, era o pai do colega S. C., em casa do qual nos reuníamcs.

De uma feita, informou ao filho que tinha êste sido nomeado para um estabelecimento bancário.

Estranhou o colega que tal fato pudesse haver ocorrido, uma vez que, até aquêle momento, não tinha recebido nenhuma comunicação do banco a respeito e, por outro lado, o presidente, a que havia sido endereçado o pedido para a sua nomeação, já haver, há algum tempo, deixado a presidência do estabelecimento.

Tempos depois, sendo chamado para ver um cliente, lá encontrou um cunhado dêsse cliente que lhe informou, na qualidade de funcionário bancário, ligado à secção relacionada com as nomeações, que, entre os nomeados, tinha lembrança de haver visto o seu nome.

Adiantou mais que, já estando na iminência do esgotamento do prazo legal para a posse no cargo, deveria tomar providências imediatas.

Acresce ainda esclarecer que o presidente daquele estabelecimento, logo depois de ter deixado o banco, haver informado não ter procedido à nomeação.

Pondo-se imediatamente em campo, pôde ainda chegar antes do término do prazo, para assumir as funções.

No caso em apreço, devem-se destacar duas particularidades de grande importância. Primeiro, a comunicação positiva, feita com absoluta segurança, pela entidade, de um fato que não apresentava nenhuma perspectiva de realidade, deixando de ser admitido por todos e ainda pela pessoa interessada.

Segundo, a providencial aproximação do interessado com o funcionário bancário, que lhe prestou a informação ainda dentro do prazo legal, para que pudesse tomar posse do cargo.

MOVIMENTO DE OBJETOS SEM CONTACTO
TELECINESIA

Assim é denominado o fenômeno da movimentação de objetos, a distância, sem contacto.

Neste capítulo, vou descrever fatos que foram observados por mim e grupos de amigos e colegas que, há longo tempo, vimos estudando êsses fenômenos com mais de um médium, variando os componentes dos grupos, havendo eu, no entanto, de todos participado com rigorosa assiduidade.

Êsses fenômenos foram presenciados em sessões de materialização, com médiuns de efeito físico, tendo sido por nós observados os seguintes fatos: a levitação de quadro fosforescente, a levitação do médium, o movimento, sem contacto, de mesa e do pendente do lustre, o movimento do copo, o movimento de uma cadeira, com o médium assentado, o transporte de objetos.

E' observado o fenômeno de levitação, quando o objeto, sem ser tocado, movimenta-se no ar, perdendo contacto com o solo ou com objetos ou móveis que lhe possam servir de ponto de apôio.

Assistí, pela primeira vez, o fenômeno de levitação de um quadro fosforescente em uma sessão de materialização, na Sociedade de Medicina e Espiritismo, à Av. Rio Branco. O quadro de papelão ou outro material leve, achava-se impregnado de uma substância fosforescente que tinha por fim destacar, na obscuridade, os movimentos do objeto que se tornava luminoso.

Na sala da Sociedade, com cadeiras localizadas em forma de anfiteatro, o quadro, visível na obscuridade, deslocou-se, ràpidamente, tocando, como uma borboleta em vôo lento, sucessivamente, vários pontos do teto e as partes altas das quatro paredes laterais da sala, com movimentos livres e independentes que excluiam totalmente a possibilidade de fraude, ainda mais que o

médium, em franca hipnose, podia ser observado pelos assistentes mais próximos.

Êste médium, João Cosme, um grande médium de efeitos físicos, figurou em inúmeras destas sessões, por vários anos sucessivos, sendo, quase todas elas, por mim assistidas.

Em outros capítulos, terei a oportunidade de voltar novamente a fazer referências a êle.

Em sessões subsequentes, em outros locais, tive ocasião de verificar o mesmo fenômeno de levitação do quadro. Por movimentos rítmicos, muitas vezes, suspenso no ar, subindo e descendo e, deslocando-se de um ponto para outro do aposento, acompanhava a cadência da música de uma vitrola que era levada, habitualmente, às sessões de materialização.

Por vêzes, o deslocamento do quadro era acompanhado da voz assoviada, à maneira de um pássaro, de uma entidade que, quase sistemàticamente, comparecia às sessões e dizia chamar-se Atanásio. A voz acompanhava as oscilações do quadro como se estivesse com êle identificada.

De uma feita, estando com meu sogro, numa dessas sessões, pedi ao Atanásio que entregasse o quadro em suas mãos. Do alto do teto, onde ziguezagueava o quadro, dirigiu-se ao ponto onde eu e meu sogro nos achávamos assentados, como se estivesse à nossa procura e, como se houvesse perdido a fôrça de propulsão e a estabilidade, foi cair no colo do assistente ao lado.

Outro fenômeno de levitação, que tive ocasião de presenciar, passou-se com êsse mesmo médium, sendo êle próprio levitado.

Em uma sessão, em casa de um colega em Laranjeiras, Dr. O. B., estavam todos os assistentes reunidos em uma ante-sala, junto a um aposento, sem janela, onde ficou o médium assentado em uma poltrona e com os braços algemados e pernas amarradas aos pés da pol-

trona, por meio de corrente fixada com cadeado. A uma distância suficiente para não permitir que fôsse por êle manuseada, foi colocada uma vitrola de corda manual, tendo na proximidade alguns discos. A porta do aposento foi fechada, ficando a chave em meu poder. Momentos depois, todos os assistentes que se achavam reunidos na ante-sala, em obscuridade, sentiram derramar-se no pescoço, com absoluta precisão, sem molhar a roupa, um líquido que deu a todos a impressão de água. Logo depois, ouviu-se no aposento, através da porta fechada, o ruído de dar corda na vitrola e, a seguir, o som da música.

Depois de pequeno intervalo, em que nos conservamos atentos ao desenrolar dos fenômenos, ouvimos um grande barulho, dando a impressão da queda de um corpo pesado.

Abrimos imediatamente a porta, acendemos a lâmpada e vimos o médium recostado na poltrona, dormindo profundamente, lançado a cêrca de dois metros do local em que o havíamos deixado, com as algemas e a corrente mantidas nos lugares em que as havíamos colocado.

Apesar de a ocorrência ter-se realizado em recinto não iluminado, dispõe, no entanto, de elementos decisivos de convicção, pela sua gritante realidade, pelas seguintes razões: Primeiro — a prova da levitação é dada inquestionavelmente pelo fato de ser encontrado o médium, a cêrca de dois metros do ponto onde se achava, conservando intactas a corrente e as algemas, em local onde se encontrava sòzinho, não havendo, portanto, possibilidade de ser projetada a distância a poltrona, nem por êle, nem por outra pessoa.

Segundo — no período decorrido, entre o barulho de queda do móvel e a nossa presença no aposento, não haver qualquer possibilidade de fraude, uma vez que era absolutamente impossível ao médium retirar as algemas

e a corrente, firmemente fixada pelo cadeado, e projetar a poltrona a uma distância de dois metros, repôr novamente a corrente e as algemas e apresentar-se, como foi encontrado, profundamente adormecido.

Em outra sessão, em que estêve presente a Sra. F. S., para fins de desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, valendo-se, para isso, da colaboração do grande médium Armando Ramos, auxiliado por Da. Esther Calderon, outra grande médium de efeitos físicos, reunímonos em Botafogo.

Faço um pequeno parêntese para dizer algumas palavras a respeito de Armando Ramos e Silva, sôbre quem oportunamente voltarei a falar. Homem íntegro e equilibrado, que sempre se distinguiu pela elevação de conduta e pelo seu caráter, é natural do Estado de Pernambuco. Dispondo, assim, de tão valiosos atributos morais, constitui elemento precioso como garantia de honestidade e lisura dos trabalhos observados, apesar de não desconhecermos a possibilidade de fraude inconsciente, praticada pelos médiuns.

Realizou-se a sessão, na residência de Da. Esther Calderon, em semi-obscuridade, colocando-se os componentes do grupo nas proximidades da mesa da sala de jantar.

Ouvimos ruído de deslocamento do móvel, que se achava situado a cêrca de meio metro de distância dos componentes do grupo, podendo ser observado o seu deslocamento, sem contacto, por todos os assistentes.

Logo a seguir, ouvimos o tilintar dos pendentes do lustre, situado no meio da sala, notando-se nitidamente, a sua franca oscilação.

Foi descrita em capítulo anterior: "Movimento de objetos mediante contacto", uma ocorrência verificada numa das sessões realizadas em casa do colega S. C., em Laranjeiras.

Fazíamos, nas nossas reuniões semanais, a comunicação, por meio do copo, com as entidades, quando, repentinamente, a luz se apagou.

O colega e sua senhora, que eram os operadores, retiraram, automàticamente, os dedos do fundo do copo e, com suprêsa nossa, continuamos, por um momento, a ouvir o barulho de seu deslizamento, espontâneo, sôbre a mesa.

Também, no bairro de Laranjeiras, onde, inúmeras vêzes comparticipei de sessões de materialização, com a ação conjugada de dois médiuns de efeito físico, tive ocasião de presenciar interessante fenômeno de deslocamento de móvel sem contacto.

Armando Ramos e Melchíades Borges, também dotado de grande fôrça mediúnica, foram os dois grandes médiuns que participavam desta reunião, nas sucessivas sessões que realizavam conjuntamente e que eram quase sempre presididas pelo químico J.M.V.C.

Enquanto um médium mantinha-se na cabina, o outro permanecia na sala, figurando entre os elementos da corrente. Naquela noite, já havia Armando Ramos passado pela cabina e achava-se entre os assistentes.

Na obscuridade, pequenas bôlhas luminosas, coloridas, surgiram no chão, rente à sua cadeira e, a seguir, ouviu-se um estalido, ao mesmo tempo que um rastilho luminoso se elevava a uma altura de cêrca de sessenta centímetros, em sua frente, à maneira do sódio, quando se põe em contacto com o ar.

Logo depois, da cabina, onde se encontrava Melchíades Borges, foi projetado intenso facho de luz sôbre a cadeira, em que se achava assentado Armando Ramos. Passou, então, a cadeira, à vista de todos os presentes, a se deslocar, sem nenhum contacto, para o meio da sala, como se fôsse empurrada por uma fôrça misteriosa.

Numa das sessões rotineiras de materialização, com o médium João Cosme, anunciou uma entidade, que presidia à orientação espiritual dos trabalhos, Padre Zabeu, que um dos presentes iria receber uma lembrança.

Efetivamente, pelo Atanásio, entidade a que anteriormente fiz referência, fêz entrega, ao Dr. M.O.B. de um objeto que, ao terminar a sessão, viemos a saber que se tratava de uma cruz, sob recomendação do Padre Zabeu de que não permitisse que ninguém nela tocasse, além do seu possuidor.

Era uma cruz de ouro, incrustada de granadas, tendo no centro um brilhante, que deveria, por tôda a sua vida, ser mantida no pescoço, por meio de uma corrente.

Aturdido com a grandiosidade do fenômeno, como ocorreria a qualquer de nós, viu-se êle tentado a mostrar a várias pessoas o objeto que, por uma delas, foi tocado inadvertidamente.

Em sessão subsequente, advertiu-lhe o padre Zabeu que, devido à sua inobservância da recomendação que lhe fôra feita, a cruz deveria ser por nós lançada ao mar e que, por mecanismo de transporte, iria ser reconduzida à casa, onde se realizava a sessão.

Por duas vêzes o fenômeno do lançamento da cruz, com retôrno subsequente, foi por todos nós observado: uma vez de Niterói para o Rio e, outra vez, do Rio para Niterói.

Tendo o fenômeno se passado, nas duas travessias, quase do mesmo modo, irei descrever os fatos ocorridos, sòmente em uma das etapas.

Para termos absoluta certeza da realidade da surpreendente ocorrência, resolvemos cercar-nos, para a experiência, de toda cautela e cuidado.

A fim de que a cruz não pudesse ser trocada por outra idêntica, tratamos preliminarmente de identificá-la, nela fazendo, com ponta de aço, inscrições de le-

tras e sinais convencionais. Um colega, completamente agnóstico, Dr. O. C., à última hora, chegou ao extremo de tirar do paletó de um dos presentes um fio de tecido, que amarrou em tôrno da cruz, como recurso de maior identificação.

O Dr. M.O.B. numa medida extrema, fóra do conhecimento de todos do grupo, torceu para baixo, com o polegar, o braço da cruz, antes de lançá-la ao mar.

Diante de todo êste complexo mecanismo de identificação, a ninguém poderia caber dúvida de que aquela era a mesma cruz, por nós vista e manuseada. Por ordem do padre Zabeu, que se materializava, e falava por intermédio de um megafone fosforescente, que se podia divisar fàcilmente na obscuridade, recebemos instrução que deveríamos tomar uma barca, e, ao chegarmos presumivelmente ao meio da Guanabara, devíamos lançar a cruz ao mar.

Assim fizemos, saindo da casa onde se fazia a reunião, à Rua Conde de Irajá; tomamos a seguir a barca e à altura provável do meio da baía, à vista de todos, foi a cruz lançada ao mar, por M.O.B. sendo ainda, por nós divisada, ao tocar na queda a superfície das águas.

Fomos até Niterói e, voltando na mesma barca, novamente nos reunimos na casa onde se fazia a sessão. Materializou-se novamente o padre Zabeu e tomando do megafone, disse-nos: "Meus filhos! A fé transporta montanhas! A cruz, que lançaram ao mar, acha-se novamente entre nós".

Terminada a sessão, acendemos a luz e vimos, sôbre u'a mesa, a cruz com todas as evidências da identificação, que havíamos feito, junto a um bocado de areia molhada do mar.

De todos os fenômenos de transporte, por mim presenciados, foi êste o mais surpreendente pela evidência dos fatos que, pela sua expressiva realidade, falam por si mesmos, dispensando argumentação.

Richet, no seu "Tratado de Metapsíquica", à página 621, diz o seguinte:

"Não nego os transportes. Seria de uma temeridade indesculpável negar-se qualquer coisa em metapsíquica. Posso únicamente dizer que o fato ainda não pôde ser demonstrado".

Penso que, diante da completa documentação que cercou êste caso de transporte, presenciado por um grupo selecionado de pessoas idôneas, não pode restar a menor dúvida a respeito da demonstrabilidade do fenômeno.

Neste capítulo incluem os autores as pancadas que se observam, com a presença de médiuns de efeito físico, sôbre móveis, portas e paredes do aposento.

Apesar de ter ouvido pancadas, em inúmeras sessões de materialização, deixo de descrever com mais minúcia o fato, bem estudado por outros autores, por falta de elementos de convicção para os leitores, visto ter ocorrido em sessões realizadas na obscuridade, não permitindo, dêste modo, contrôle completo do fenômeno.

Essas pancadas faziam ouvir-se, por vêzes, simultâneamente em dois pontos distantes do aposento, marcavam o início e o fim das sessões, e, ainda, em outras ocasiões, por meios convencionais, serviam como recurso de comunicação das entidades com as pessoas presentes.

A única demonstração convincente do fenômeno verificou-se em algumas sessões, em que as pancadas foram vibradas nos pontos altos do aposento, junto ao teto, pontos êsses não acessíveis às pessoas presentes, senão por intermédio de uma vara ou outro objeto, inexistentes no local da sessão.

Alguns autores como Richet, para darem explicação científica ao fenômeno do movimento de mesas, atribuem o fato a contrações musculares inconscientes do médium ou dos operadores.

Seria mais sincero que os cientistas confessassem, *lealmente, a impossibilidade de explicação* de fenôme-

nos, que escapam ao âmbito do conhecimento atual da ciência, do que fiormularem teorias e hipóteses absurdas ou ingenuamente infantís, como a das contrações musculares inconscientes.

No caso que foi descrito, de u'a pesada mesa de fazenda sôbre a qual se colocou, do lado que se mantinha suspensa, um adulto de cêrca de sessenta quilos, é totalmente inadmissível que a mesa pudesse se manter, nessa posição; mesmo que todos os operadores exercessem fortes trações. Todos se achavam. com as mãos espalmadas sôbre a sua superfície. Sòmente o seu próprio peso, cêrca de 50 kgs, seria suficiente para impedir que ela se mantivesse suspensa.

Entretanto, o próprio Richet, procurando fugir, nas idéias emitidas, no seu "Tratado de Metapsíquica", à explicação espiritualista dos fenômenos, não possuindo uma diretriz segura de orientação, adianta certas afirmações, em determinado trecho do livro, para, logo adiante, contramarchar, explicando o mesmo fato de maneira diferente. Assim é que, à página 527, diz o seguinte: "O problema está longe de ser tão elementar. Cometer-se-ia grande êrro tudo se pretender explicar pelas contrações musculares inconscientes. Com efeito, os grandes movimentos da mesa, quando é muito pesada, por exemplo, e que as contrações musculares são quase imperceptíveis, dificilmente poderão ser explicados pelos movimentos inconscientes, de maneira que, em alguns casos, é quase impossível afirmar-se que os deslocamentos da mesa sejam devidos unicamente a contrações musculares".

"Quantas e quantas vêzes vi mesas pesadas se deslocarem intensa e ràpidamente, tendo o médium apenas as tocado. Viravam, voltavam, iam de uma extremidade a outra do apcsento, com tal agilidade que com dificuldade se podia acompanhá-las e, no entanto, o médium nada mais fazia do que tocar ligeiramente com o dedo o centro da mesa".

E em uma nota, à margem, da página 528, assim se manifesta: "Para explicar pela mecânica natural êsse fenômeno, tôdas as hipóteses são absurdas. Não havia ganchos nem cordas. Achavamo-nos a meia luz e contínhamos as mãos e a cabeça de Eusapia".

Estas marchas e contra marchas de Richet, traduzindo a sua insatisfação com as teorias científicas, que não explicam os fatos de maneira aceitável, já prênunciavam a sua conversão, mais tarde, à causa espiritualista, revelada em carta a Bozzano e publicada na revista londrina "Psychic News", de maio de 1936, cujo original correspondente ao assunto, encontra-se reproduzido, à página 401, do livro de Sérgio Valle, "Silva Mello e os seus Mistérios". (*)

Outros autores, como Ochorowicz e Schrenck-Notzing, por sua vez, atribuem o movimento de móveis e objetos à ação de alavanca ectoplásmica, o que corresponde a dizer a presença de uma fita ou haste de ectoplasma, agindo sôbre o móvel ou objeto, à maneira de uma alavanca.

Ectoplasma é um têrmo criado por Richet, para designar uma substância com o aspecto de gelatina líquida, pastosa, que sai da bôca, ouvidos, narinas, da cavidade orbitrária ou do tórax do médium, e que adquire posteriormente formas, consistência e aspecto diferentes.

Estas alavancas ectoplásmicas, foram observadas e fotografadas por Ochorowicz (1) "O fenômeno foi verificado com a médium Stanislawa, sendo as formações ectoplásmicas denominadas, por Ochorowic, "raios rígidos". Gozam, segundo a sua opinião, da capacidade de se deslocarem e de se encurvarem de acôrdo com a ação a exercer sôbre os objetos, não sendo, em alguns casos, visíveis ou fotografáveis. Têm ora o aspecto de um fio

(*) Edição Lake — S. Paulo.

Foto N.º 1. *Espírito materializado de Maria Duarte Santos*

com dilatações ou nós, dando na fotografia a impressão de solução de continuidade no intervalo das nodosidades, ora, de um feixe de fios ao sair das mãos do médium, sendo êste último aspecto observado, quando a formação ectoplásmica se destina a mover um objeto redondo, como no caso de uma bola".

Admite Ochorowicz que, no início do fenômeno, seja fio, isto é, um conjunto de fios associados, capaz de mover os objetos.

Schrenck-Notzing conseguiu, através de fotografias de ampliações, concluir pela existência, não de um fio, mas de um conjunto de fios associados para a movimentação dos objetos. (1).

Por sua vez, Ochorowicz admite que a movimentação dos objetos se faça através da aderência da alavanca de ectoplasma ao corpo sólido, a que se propõe deslocar. A respeito do assunto, assim se manifesta Richet, à página 577: "A matéria que produz as telecinesias é uma espécie de alavanca, de haste que sai do corpo do médium, para logo após nêle se introduzir justamente como se fôra uma expansão amebiana. Pode encurvar-se, inclinar-se, ou dirigir-se em tal ou qual sentido.

Não pode, no entanto, atuar a uma distância superior a um metro e cinqüenta centímetros de distância. (1) Pode mudar de consistência, agarrar objetos, e tornar-se tão dura a ponto de dar pancadas violentas. As suas dimensões são variáveis. Se se envolve o corpo do médium com roupas, a haste ectoplásmica pode atravessar essas vestimentas, sobretudo se ficarem coladas ao corpo; a uma certa distância as telas, tecidos, papéis impedem a fôrça de agir. Na extremidade possui fôrça adesiva, dando a impressão de se colar aos objetos que devem ser levantados".

(1) "Tratado de Metapsíquica", Richet, pág. 575.

Fato curioso foi verificado por Scherënck Notzing, em trabalhos com o médium Willy. (1) "Sendo o médium rigorosamente controlado e tendo como vestimenta um tecido de tricô preto amarrado para trás, pôde ser observada a presença de u'a mão que movimentava os objetos vizinhos, enquanto as mãos do médium eram cuidadosamente controladas.

De dimensões maiores que as mãos do médium, era de consistência fria segundo os observadores, e rugosa, dando exatamente a impressão de um órgão vivo. Numa tentativa imprevista de acender a luz, foi visto um tecido branco junto ao pescoço do médium e que, a seguir, sùbitamente, com movimentos a maneira de um verme, desapareceu no fundo de contraste negro do tricô que revestia o médium.

Uma porção dêste tecido ectoplásmico pôde, em uma das experiências, ser metido em um tubo e depois de se mover, por algum tempo, desapareceu inesperadamente".

Em uma das nossas experiências pôde ser fotografada, por mais de um assistente, uma alavanca ectoplásmica com o aspecto de uma fita que, partindo da cabina do médium, é continuada por um ante-braço terminando por u'a mão espalmada de pequenas dimensões, mantendo um disco de vitrola suspenso no ar. O ante-braço e a mão apresentam, nesta fotografia, o aspecto e as proporções das duas partes de um membro de criança.

A cópia da fotografia foi-me cedida pelo professor *M. T., sendo batido por* êle o "flash" na sessão a que assistimos, com filme e máquina, para êsse fim, por *êle* trazidos.

Não se sabe em que dados de experimentação se baseou Richet, quando afirma que a alavanca de ecto-

(1) "Tratado de Metapsíquica", Richet, pág. 576 e 577.

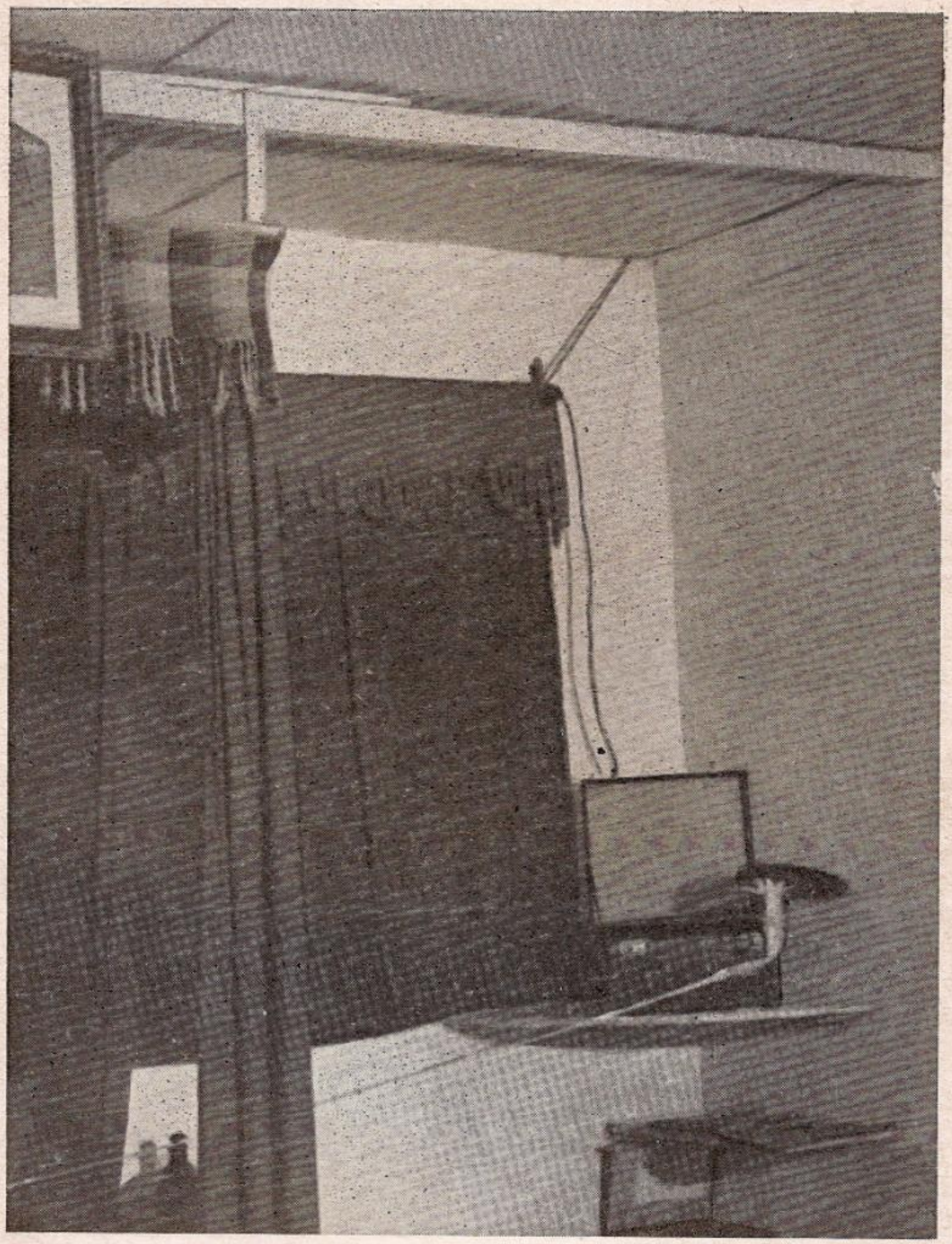

Foto N.º 2. *Vê-se uma fita ectoplásmica que partindo da cabina do médium, é continuada por ante-braço e mão, de pequenas dimensões, sustentando um disco.*

plasma sòmente atua dentro de um raio de ação de um metro e cinquenta centímetros de distância.

Em várias oportunidades, tive ocasião de observar, em ocorrências já relatadas, ccmo no caso de pancadas percebidas no extremo superior da parede do aposento, ou no deslocamento do quadro luminoso; em todos êsses casos, por todos os assistentes presenciado, entre a cabina dos médiuns e o ponto em que o fato ocorria, mediava uma distância de mais de dez metros.

Tais observações parecem contradizer o ponto de vista de Richet, não obstante a sua incontestável autoridade.

Por outro lado, pode-se fàcilmente admitir e aceitar a ação da alavanca ectoplásmica nos fenômenos de deslocamento de objetos leves, como no caso do quadro luminoso, do disco da vitrola, ou ainda no transporte de pequenos objetos ou de pancadas percebidas nas portas e paredes dos aposentos, visto ser possível a explicação do fato, pelos meios científicos.

No entanto, como poder-se-á explicar por meio das leis da mecânica, e deslocamento de objetos pesados como no caso citado, segundo Richet, por Ochorowicz, em que a médium, Eusápia, por êle imobilizada, conseguiu sem nenhum contacto, levantar no ar u'a mesa pesada. Eis a narrativa:

"Um dinamômetro registrou uma fôrça dispendida três vêzes superior a de Eusápia e maior do que a do mais forte dos assistentes". (1) Como se poderá explicar o fato de uma alavanca, sem ponto de apoio visível, oriunda do organismo da médium, poder desenvolver uma fôrça três vêzes superior à sua própria fôrça?

À página 573, do seu "Tratado de Metapsíquica", descreve o caso de u'a médium, não profissional, que tocando ligeiramente a tampa de um piano de 650 ki-

(1) Richet — "Tratado de Metapsíquica" — pág. 546.

logramas de pêso, faz deslocar êste pesado móvel que se ergue em um dos pés à altura de 15 centímetros.

Como explicar êste fato pela fôrça mecânica da alavanca, procedente da médium, quando seria talvez necessária, para ocorrer o fenômeno, a ação de um pequeno guindaste?

Do mesmo modo, não comportam explicação os casos por mim já relatados, da manutenção, levantada por uma das extremidades, de uma pesada mesa de fazenda com cêrca de 50 kilos, sustentando ainda sôbre si um homem, e ainda, o lançamento do médium em transe, acorrentado em uma poltrona, a uma distância de cêrca de três metros.

No entanto, deixando de lado a tentativa de explicação científica do lado mecânico do fenômeno, passaremos a analisar o outro lado do problema, que acompanha a ação mecânica.

Tôdas estas manifestações das batidas nos objetos, deslocamentos de móveis ou deslocamento do quadro luminoso obedecem a uma ação inteligente que governa os fenômenos.

Assim, como foi anteriormente descrito, no "movimento das mesas", as perguntas relativas à idade das pessoas presentes e à quantia em dinheiro que traziam eram exatamente respondidas. Nas sessões de efeitos físicos, as batidas correspondiam ao comêço e encerramento das sessões de materialização e outras vêzes serviam para responder a perguntas dos assistentes, por meio de dados convencionais, relativamente ao número de batidas.

No deslocamento do copo a fôrça inteligente redigia completas mensagens a respeito de perguntas, por nós formuladas, ou sôbre assuntos por nós ignorados.

O quadro luminoso chegou a descer do alto à procura da pessoa a que pedi fôsse êle entregue. Como pois explicarem-se cientificamente todos êsses fatos?

CAPÍTULO II

FENÔMENO DE INCORPORAÇÃO

Consiste o fenômeno de incorporação na comunicação oral do espírito com o meio, através do organismo do médium, ou, ainda, dêle se servindo para ações concretas.

Funciona o organismo do médium, nêstes casos, à maneira de um aparelho de empréstimo, de que se serve a entidade, para se pôr em relação com os circunstantes dêle se utilizando, como intermediário, para emissão de pensamentos através do seu aparelho vocal, ou, ainda, para escrever, dar passes, receitar, ou praticar intervenções cirúrgicas.

Vi-me obrigado a ampliar o significado do têrmo incorporação, pela circunstância de haver presenciado intervenções cirúrgicas sangrentas, praticadas por médium, com entidade incorporada.

A primeira sessão de incorporação que, presenciei, realizou-se em casa de um amigo em S. Paulo.

O médium era pessoa de pouca instrução e de aparência humilde. O espírito que se manifestava apresentava-se como sendo um velho amigo e colega, antigo companheiro de consultório.

Durante o período de transe, operava-se, no médium, uma verdadeira transfiguração.

Tornava-se-lhe o porte altivo e imponente, contrastando com a sua aparência anterior. Falava com desembaraço e com a eloqüência de um orador habituado ao corrente manejo da palavra.

Abordava assuntos variados, revelando cultura superior. Discorria sôbre problemas urbanos e sociais, sôbre questões médicas e sôbre terapêutica, analisando a eficiência de alguns antibióticos, em relação ao caso de um colega presente à sessão.

Dirigiu-se a entidade a mim, abraçou-me por intermédio do médium, relatando pequenos fatos ocorridos em nosso convívio em São Paulo.

Êsse colega havia falecido de neoplasia do fígado e, através do médium, fêz a descrição da marcha da moléstia e a invasão do organismo.

Empregou têrmos técnicos como, neoplasia, tecidos, célula, metástase e expressões ùnicamente empregadas em linguagem médica, e completamente fora da compreensão e da alçada do médium, que dispunha apenas de cultura rudimentar.

Êsse colega havia traduzido e publicado vários livros médicos, de autores alemães. Dêstes livros só possuia, em minha biblioteca, três exemplares, dos quais, no momento, já não me lembrava do nome.

Dirigiu-se a mim, através do médium, perguntando-me se havia lido os seus livros. E como citasse o nome de alguns livros, por êle traduzidos, que eu não possuia, e mesmo não conhecia o nome, nem de oitiva, replicou-me: "então, você que é meu amigo, ainda não leu nem conhece os meus livros?"

E' interessante assinalar que, no caso em apreço, não se pode atribuir o fato a fenômenos telepáticos, como é de agrado dos que tudo buscam explicar pelos meios simplistas, visto desconhecer eu alguns dos livros citados e, por outro lado, não ser fácil a um leigo ter conhecimento e reter de memória o nome de livros técnicos, especialmente no caso de dispor, o leigo, sòmente de cultura rudimentar e ignorar que ia versar o assunto, da intimidade de dois médicos, sôbre vários temas da carreira, muito acima da sua alçada e da sua compreensão.

Meses depois, tendo êsse médium vindo ao Rio, tivemos ocasião de observar interessante fenômeno.

Um meu velho amigo, desde os tempos de estudante, hoje médico em São Paulo, pessoa inteligente e de sólida cultura médica, havendo sido o orador de sua turma de doutorandos, teve uma filha, gravemente doente, com um processo neoplásico do pulmão. Desenganada pelos médicos, tentou o recurso extremo, que lhe restava, refugiando-se na Doutrina dos Espíritos, que já professava, e socorrendo-se dos seus recursos para minorar-lhe os sofrimentos.

Verificou, com surprêsa, uma inesperada recuperação do seu estado de saúde, com acentuada melhora da côr e do estado de nutrição. Infelizmente, esta recuperação não foi definitiva, voltando, tempos depois, a se agravar o seu estado de saúde.

No decorrer de uma dessas sessões no Rio, com a participação da mesma entidade, que já se manifestara em São Paulo, através desse mesmo médium, tivemos o seguinte aviso: "A sessão vai ser interrompida". "O estado de saúde da filha de V.L. novamente se agravou". "Nada mais se podendo fazer, sigo para São Paulo, a fim de confortar os pais".

Logo depois, escrevi um cartão ao meu amigo, a fim de me certificar da realidade do fato. Talvez, por motivo de extravio de correspondência, não recebí resposta, tendo tido, depois, por outras vias, a confirmação da notícia.

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS POR ENTIDADE INCORPORADA

Passo a relatar dados relativos à localidade onde se realizaram as intervenções, à personalidade do médium e aos fatos que ocorreram no desenvolver do ato cirúrgico.

Acompanhado de um colega Dr. S.C., de sua irmã R.P.M. e cunhado E.P.M., inesperadamente, em um sábado, pusemo-nos em campo, em demanda da bucólica e acolhedora cidade mineira de Congonhas, em busca da obra genial do Aleijadinho e dos fenômenos extraordinários apresentados pelo grande médium José Pedro de Freitas, vulgarmente conhecido como Arigó.

Desenvolveu-se a viagem, sem maiores atropelos, através das majestosas montanhas de Minas, só nos detendo, por cêrca de duas horas, em Barbacena, para pequeno reparo no carro, chegando em Congonhas ao cair da tarde.

Encostamos o carro e nos encaminhamos para a residência do médium, quando um homem atravessou a rua e dirigiu-se ao nosso encontro. Era José Pedro de Freitas.

Informou-nos que, sendo sábado, após penoso trabalho de vinte quatro horas contínuas, dedicadas a atender a doentes e necessitados, sem mesmo poder dormir, afastava-se naquele momento, da cidade, em busca de merecido repouso. Voltou, no entanto, para nos dirigir algumas palavras.

Jovem ainda, com a idade, provável, de trinta e poucos anos, forte e de aparência sadia, apresentava sinais de cansaço, barba cerrada e por fazer.

De instrução primária, fora de incorporação e talvez em conseqüência do cansaço, revelava estado de confusão mental, baralhando os fatos e passando de um assunto para outro, sem se deter convenientemente. Fêz sentir as lutas e a perseguição que algumas pessoas na localidade lhe moviam, apesar de só praticar o bem e nada receber, em retribuição ao seu excessivo labor. Assinalou que se fôsse prêso, como já lhe acontecera, só lhe traria vantagem, uma vez que, só assim, poderia descansar, afastando-se, obrigatòriamente, das atividades.

Relatou ainda que cheques de vultosa quantia, de duzentos mil e um milhão de cruzeiros, tinham sido por êle inutilizados, doados por pessoas de recursos, que foram beneficiadas, não por êle, frisava, mas pelas entidades elevadas que o assistiam.

Demonstrando grande modéstia e humildade, ao ser referido o nome de Francisco Cândido Xavier, fêz sentir que nem de longe a êle podia comparar-se, salientando as elevadas faculdades mediúnicas de Xavier, na qualidade de verdadeiro santo.

Mostrou-nos, nessa ocasião, uma mulher do povo, a que acabava de submeter a uma intervenção no útero, e que perambulava livremente, como se nada lhe houvesse acontecido.

Sendo sábado à tarde e iniciando, nesse período, o seu repouso, marcou para segunda-feira, às oito horas, o nosso comparecimento em sua casa, para que pudéssemos ser atendidos.

Às sete e meia, em ponto, estacionamos o carro em frente à sua residência.

No interior da casa, já se achavam reunidas mais de uma dúzia de pessoas, quase tôdas procedentes do Estado da Bahia, em busca de recursos para suavizar ou resolver os seus males.

Apresentava, então, o médium fisionomia descansada, barba feita e maior facilidade na elaboração do pensamento.

Aproximou-se dos presentes, com um papel de embrulho, novo e de côr amarelada, estendeu-o no chão, à sua frente, e continuando de pé, apoiou os braços em tôrno do pescoço de duas pessoas, prèviamente, destacadas para o ato, e, ainda em jejum, emitiu pequeno vômito, eliminando mucosidade gástrica. A face tornou-se-lhe congesta, seguindo-se discreto estremecimento, correspondendo à incorporação da entidade.

Transfigurou-se-lhe a fisionomia, como se se tratasse de outra pessoa. Tornou-se-lhe o olhar inteligen-

te, encarando, com curiosidade, os circunstantes, como se os visse pela primeira vez e, com surprêsa nossa, fêz uma prece que, apesar de não conhecer o idioma, pareceu-me ter sido em Alemão.

A seguir, convidou-nos para que o acompanhássemos a pequeno quarto, tendo sôbre a mesa imagens de Cristo e de santos, onde realiza pequenas intervenções.

Desde a incorporação, passou a se exprimir com o sotaque de alemão, falando o português. Sendo relatado, pelo colega presente, o meu propósito de escrever pequeno trabalho sôbre fenômenos supranormais, disse-me que podia assinalar que era êle, Dr. Adolfo Fritz, que iria realizar a intervenção, a que iríamos assistir.

Perguntei-lhe de que cidade da Alemanha era êle natural, e respondeu-me que era de Münichen, pronunciando a palavra com acentuação tônica na primeira sílaba.

Não compreendendo nem falando eu alemão, e, exprimindo-se êle com dificuldade em português, perguntei-lhe se falava francês, para que pudéssemos entabolar conversação. Respondeu-me, no entanto, que só falava o alemão.

A seguir, convidou-me e ao colega, como médicos, a fim de que auxiliássemos na intervenção, dando-me uma tesoura e oferecendo ao colega um bisturi, instrumental êsse que foi por nós recusado, por desejarmos, mais à vontade, assistir a operação. (1)

O doente foi assentado em uma cadeira comum, com a cabeça inclinada para trás. Tratava-se de um caso de pterígio e catarata do globo ocular direito.

Pediu-me, e ao colega, que desfiássemos um maço de algodão e colocássemos, as pequenas porções, sôbre o assento de uma cadeira. Designou-me, a seguir, para auxiliar a operação, afastando com os dedos a pálpebra inferior, a fim de que pudesse êle intervir no ângulo interno do ôlho.

Solicitou do colega u'a mecha de algodão sêco, que foi alçada no ar, com a mão direita, mais ou menos à altura da cabeça, ao mesmo tempo que pedia:

"Senhor! materialize líquido anestésico, iôdo e água oxigenada!" E a seguir: "Senhor! mande-me líquido anestésico!"

Em plena claridade de u'a manhã de sol, gôtas de líquido cairam de uma altura de cêrca de seis centímetros, sôbre o algodão, que era mantido no alto, pela mão do médium, umidecendo-o.

A seguir, o médium expremeu-o, caindo as gôtas sôbre o globo ocular do paciente, que se mantinha assentado, com a cabeça sem amparo e inclinada para trás.

Fêz ciente aos presentes que, daí para a frente, o paciente iria ser operado, sem nada sentir, o que efetivamente ocorreu, não havendo por parte dêle, durante todo o período da intervenção, o mínimo protesto ou reclamação.

Solicitou, então, iôdo e o mesmo fenômeno reproduziu-se, caindo sôbre o campo operatório líquido amarelo com o aspecto de iôdo. Tomando da tesoura, dissecou e ressecou o tecido de proliferação do pterígio, sendo os fragmentos depositados, por meio de um pinça, sôbre a palma da mão de um baiano, sem nenhuma medida preliminar de assepsia ou higiene, sob o ponto de vista da medicina, voltando a pinça a agir no campo operatório.

Colocou, a seguir o material assim recolhido dentro de uma caixa de fósforos, mandando-me que providenciasse para que fôsse examinado o que, pelas circunstâncias, como médico, achei dispensável.

No curso da operação, houve, como ocorre normalmente, pequena perda de sangue. Pediu novamente:

(1) Para as intervenções, os ferros, não esterilizados, foram colocados em uma caixa de goiabada, vazia, também não esterilizada.

"Senhor! mande-me água oxigenada!" Como das outras vêzes, cairam gôtas sôbre nova mecha de algodão sêco, que era renovado para cada vez, pelo meu colega; o líquido, exprimido pelo médium, do algodão caiu sôbre o globo ocular, provocando a espuma característica da água oxigenada.

A pequena perda de sangue se extinguiu e o globo ocular apresentou-se limpo, como se não houvesse sofrido nenhuma intervenção, podendo o paciente retirar-se, lépido e bem disposto, como se nada lhe houvesse ocorrido.

Não foi feita, concomitantemente, a operação da catarata, havendo informado a entidade que a opacidade do cristalino iria desaparecer posteriormente.

Cumpre destacar, no caso, duas circunstâncias, de capital importância, para que não haja dúvida nem contestação, da parte dos agnósticos e materialistas. Primeiro — a veracidade dos fenômenos observados, sem nenhuma sombra de dúvida, pelos seguintes motivos: a) — a sua realização em pleno dia. b) — o tipo de indumentária, adotada pelo médium, que não favorecia a possibilidade de fraude ou manobras de presdigitação, e que consistia de calça azul e camisa branca de meia manga, mantendo êle o braço direito levantado, à altura da cabeça, enquanto mantinha sucessivamente os algodões sêcos, que eram umedecidos pelos líquidos materializados, sem possibilidade de serem substituidos por outros, prèviamente umedecidos, como poderia acontecer, caso adotasse mangas compridas e os braços voltados para baixo. c) — a nítida percepção da queda dos líquidos empregados, no ato operatório, verificada pelos observadores que acompanhavam a intervenção. O êxito operatório foi alcançado nas inúmeras operações realizadas: qualquer insucesso corresponderia à prisão definitiva do médium, que não dispõe, como é evidente, de garantia legal para o exercício da medicina e, muito menos, para praticar intervenções cirúrgicas.

Segundo nos informaram, nas intervenções com a extirpação de órgãos e vísceras, o material recolhido é enviado a Belo Horizonte, a fim de que seja procedida à biópsia, para positivação do diagnóstico.

Tivemos conhecimento de que as intervenções são seguidas de cicatrização imediata, o que, no caso por nós observado, devido ao atropêlo do momento, e à falta de tempo para nos deter com o operado, não nos foi possível positivar com segurança.

Outra notificação que tivemos, da parte da entidade incorporada, Dr. Adolfo Fritz, é que lhe fôra enviado um caminhão, cheio de loucos, voltando todos curados pelas entidades que constituem a equipe médica espiritualizada, que com êle colabora.

O Dr. Adolfo Fritz, assessorado por outros operadores, encarrega-se da parte cirúrgica. Do mesmo modo, recebe no setor clínico a interferência de entidades especializadas.

Por êste mecanismo, devem realizar-se os diagnósticos clínicos, sendo que, na parte terapêutica, verificamos que, por ocasião de formular a receita, o Dr. Fritz recebe por audiência, através do médium, o nome dos produtos que lhe são ditados por outra entidade, chegando, por vezes, a pedir, quando não entende bem, que lhe seja ditado o nome da droga, letra por letra.

No decorrer da intervenção, presenciamos um fato interessante .A irmã do colega, Sra. R.P.M., ao penetrar no aposento, onde se realizam as pequenas operações, tornou-se muito nervosa pelo fato de o Dr. Fritz lhe ter dito que ela precisava submeter-se a uma intervenção.

Enquanto êle operava, foi crescendo o seu estado de angústia que era ignorado por todos os presentes. No entanto, o Dr. Fritz, mesmo absorvido na intervenção

e completamente alheio ao que com ela se passava, pediu-lhe que se afastasse do aposento a fim de se acalmar.

Quando retornou para a consulta, procurou tranqüilizá-la, dizendo que o caso dela não comportava operação.

Estando presente um rapaz, companheiro de viagem, que também iria consultar, e, como a Sra. R.P.M. continuasse presente, a fim de afastá-la do aposento, para esclarecer o seu caso clínico ao marido e ao meu colega, dirigindo-se ao rapaz, o Dr. Fritz disse-lhe que queria examiná-lo, mas era necessário que não houvesse senhoras presentes.

Isto motivou o afastamento da senhora do aposento, podendo, então, com êste procedimento, poupá-la de qualquer preocupação a respeito do seu estado que, no entanto, conforme o parecer dêle, necessitava intervenção que iria ser feita oportunamente. Para justificar a sua atitude, explicou que aquilo não era uma mentira e sim uma "desculpa", para poupar a uma doente nervosa preocupações e sofrimento.

A seguir, foram consultados os demais componentes do grupo, vendo-se, a cada momento, por ocasião de formular o médium a receita sob incorporação inclinar a cabeça para a direita, em atitude de atenção, e informar à entidade que lhe ditava o nome dos produtos que não estava entendendo bem, ou que lhe fôsse ditado o nome, letra por letra.

Quando se apresentou a minha vez, relatei os sintomas e a intervenção a que me havia submetido. Perguntou-me, então, se sentia dores e onde se manifestavam. Como designasse a coluna cervical, observou o local, e imediatamente diagnosticou: "espondilose", pronunciando, arrastadamente, como alemão falando português: "espondilouse".

Outra consulta interessante foi a do rapaz, nosso companheiro de viagem. Queixando-se de distúrbios gástricos, informou-lhe o Dr. Fritz que acusava um nicho

no estômago, que devia ser cuidado, a fim de que não se transformasse em outra coisa.

O que é curioso destacar, nêstes dois últimos casos clínicos, é o diagnóstico realizado, no momento, com o emprêgo de têrmos médicos precisos, como nicho e espondilose, o que de forma alguma poderia ser feito por uma pessoa de instrução primária, filha daquelas paragens, situadas entre as montanhas do interior de Minas, e fora do convívio do mundo civilizado. Ainda mais, o diagnóstico, que havia sido feito pelos colegas, com relação às lesões ósseas que eu apresentava, não era de espondilose.

Por outro lado, nicho é uma expressão empregada pelos radiologistas para assinalar uma destruição local de tecidos, sem uma positivação de diagnóstico.

Vê-se, por aí, que não é possível invocar-se a telepatia para explicar as duas expressões técnicas empregadas pelo médium, uma vez que o primeiro diagnóstico não poderia ocorrer-me, por nunca haver sido feito pelos colegas que me assistiram, e, no segundo caso, não me poderia ocorrer o têrmo nicho, por não ser empregado nos diagnósticos clínicos, não podendo eu nem o colega, portanto, transmitir-lhe telepàticamente diagnósticos que não poderíamos ter em mente.

Nem eu nem o colega S.C., no exíguo tempo que nos foi dado, para observarmos os fenômenos, ficamos satisfeitos com uma única intervenção cirúrgica, por nós presenciada nesta primeira viagem.

Assim é que o colega voltou a Congonhas em Janeiro de 59, o mesmo fazendo eu em março do mesmo ano, em companhia de um amigo V.J., meu conterrâneo e conhecido desde o período de infância.

Tanto do meu lado como do colega, foram observados fatos valiosos como confirmação da realidade dos fenômenos que já havíamos presenciado.

Presenciou o colega, nesta segunda viagem, outra intervenção em doente que também apresentava pterígio e catarata.

Na parte concernente à operação de pterígio, informou-me êle que a intervenção se desenvolveu do mesmo modo anteriormente descrito.

No entanto, a operação de catarata foi praticada, logo a seguir, sendo incisado o globo ocular para a retirada do cristalino opacificado, que foi colocado na palma da mão de uma das pessoas presentes, para ser por todos examinado.

Por outro lado, o líquido de que se utiliza o Dr. Adolfo Fritz, para efeito anestésico, foi por êle recolhido a um pequeno vidro e entregue ao colega para que o submetesse a exame.

Tanto nesta, como na primeira operação, que acompanhamos, foram-nos dados elementos valiosos para contradizermos, com a nossa observação pessoal, hipóteses que possam ser aventadas, a fim de empanar a insuspeita realidade dos fenômenos observados.

Assim, a hipótese habitualmente invocada pelos céticos e incrédulos, da alucinação coletiva, que pode ocorrer nas demonstrações de hipnotismo, deve ser totalmente afastada.

Com efeito, na primeira intervenção, como já foi referido, as porções de tecido ressecadas do globo ocular foram colocadas em uma caixa de fósforos e a mim entregues, a fim de que fôssem examinadas, para confirmação de que se tratava de tecido humano, o que achei dispensável, visto havermos acompanhado, atentamente, tôdas as particularidades da intervenção.

No entanto, para atender à curiosidade de outras pessoas, trouxe até o Rio o material extraido que, apesar

de alterado pelo tempo decorrido na viagem, pôde ser observado por outras pessoas, o que não poderia ocorrer no caso de se tratar de ilusão coletiva, em que o fenômeno se faz sentir, exclusivamente, no momento, e sob a ação direta do hipnotizador.

Do mesmo modo, pode-se argumentar, com respeito ao líquido anestésico, trazido pelo colega, que, por dias a fio, pôde ser observado por várias pessoas.

Nesta segunda viagem, presenciei ainda duas intervenções no globo ocular de dois pacientes. Um dêles, um senhor idoso, apresentava também pterígio e catarata. Devido à fadiga, motivada pela posição forçada da cabeça reclinada e sem amparo; por achar-se o doente assentado em cadeira comum, foi feita a intervenção de pterígio, ficando a operação de catarata para sessão posterior.

O segundo paciente apresentava keratocone, pterígio e infecção de um dos globos oculares, com amaurose (cegueira). Depois de operar o pterígio, foi praticada uma intervenção que foge inteiramente à interpretação científica.

Foi introduzido no ângulo interno do ôlho infectado, o bisturi, a uma profundidade de cêrca de dois a três centímetros, certamente, com o propósito de seccionar o nervo ótico, daquêle lado, não obstante ser pràticamente impossível alcançar-se, com o bisturi, através da cavidade orbitária, o nervo ótico, a não ser que se faça a enucleação do globo ocular.

Ainda com o amigo V.J. assistí a uma intervenção no útero de uma paciente, causando-nos o fato profunda impressão, pelo inesperado e extraordinário fenômeno que presenciamos. Penetramos no pequeno aposento onde se fazem as intervenções, encontrando a paciente deitada, em decúbito dorsal, sôbre o assoalho.

Incumbiu-me o Dr. Fritz de afastar as vestes da paciente, a fim de praticar a intervenção. Perguntou ao marido, presente, se desejava que a intervenção se fizesse

por via baixa, ou por via abdominal, decidindo-se êle pela via baixa. Foram, então, introduzidos na cavidade vaginal da doente, sem auxílio de espéculo, três tesouras e dois bisturís com manobra brusca e sem magoar a paciente, sendo cada instrumento introduzido de um só golpe.

O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médium, quando, com grande surprêsa nossa, o outro ramo, automàticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar, aproximando-se e se afastando do primeiro, como ocorre no ato de se secionar um objeto.

Procuramos verificar se o movimento que presenciávamos na tesoura estendia-se às outras peças do instrumental cirúrgico empregado na operação, e nada pudemos observar, ouvindo-se, no entanto, o barulho de entrechoque de metais e o ruído do seccionamento dos tecidos.

Decorridos poucos minutos, o Dr. Fritz, através da intervenção do médium, retirou do campo operatório uma das tesouras introduzidas, que se apresentava ligeiramente impregnada de sangue. Tornou a repô-la no local, dizendo: "Senhor! Não quero que haja sangue!" E a intervenção se fêz sem hemorragia.

Tomando, então, de uma pinça, recomendou-nos que prestássemos atenção, e, introduzindo-a no local da intervenção, retirou um pedaço de tecido com cêrca de oito centímetros de comprimento por quatro de largura, sendo mostrado a tôdas as pessoas presentes.

A primeira impressão que tive foi de que se tratasse da extirpação do útero (histerectomia), mas, como informasse êle à doente que ainda poderia conceber, conclui que se tratava da operação de um tumor uterino (neoplasia). Sem praticar nenhuma anestesia, no decorrer de tôda a intervenção, manteve-se a paciente com fisionomia calma e tranqüila, sem deixar transparecer, absolutamente, nenhum gesto ou reação de dor.

Além das intervenções cirúrgicas, acompanhamos algumas consultas clínicas, havendo o Dr. Fritz me perguntado se conhecia algum produto farmacêutico lipotrópico recentemente lançado. Citei um, tendo como base o ácido linolêico, o que lhe causou viva admiração, por verificar que estava eu a par das novidades terapêuticas, informando-me que já tinha conhecimento do produto, antes mesmo do seu lançamento.

Por outro lado, havendo êle receitado, para um paciente, remédio tendo na sua composição estreptomicina, informou-me que aquêle produto tinha menos probabilidade de ocasionar surdez ou distúrbios para o lado do aparelho auditivo, uma vez que a estreptomicina se achava associada à dihidroestreptomicina.

Como poderão ser interpretados fenômenos de tal natureza, já observados por grande número de médicos que passaram por Congonhas? E' humanamente impossível a um indivíduo inculto, completamente ignorante de assuntos médicos, conhecido de todos, há longos anos, naquela localidade, de um momento para outro passar a realizar intervenções cirúrgicas de tal vulto e em condições precárias de higiene e sem anestésico, como no último caso, com espantoso resultado prático, e trocar com médicos idéias sôbre as últimas conquistas terapêuticas.

Seria interessante que a medicina descesse do seu pedestal científico e fôsse buscar, naquêle ambiente pobre e modesto, lições de fatos por ela ignorados, e para os quais não há possibilidade de explicação dentro da ciência materialista.

Não basta querer negar a verdade com um sorriso superior de mofa, quando a realidade e os fatos são gritantes na eloqüência das suas manifestações, e escapam ao contrôle dos conhecimentos teóricos e ao desdém caprichoso dos doutos.

CAPÍTULO III

MONIÇÃO E PREMONIÇÃO

Consiste a monição na revelação de fatos, sem a comparticipação dos sentidos normais. Êsses fatos podem relacionar-se com o presente ou com o passado. E' também denominada clarividência, lucidez, criptestesia. Na premonição há a revelação de fatos e acontecimentos futuros.

São inúmeros os casos de monição e premonição relatados pelos autores, nos livros de metapsíquica.

Grande número dêsses casos, encontrados nos trabalhos de autores modernos, procedem, no entanto, da transcrição de matéria de obras publicadas anteriormente.

Irei relatar, além dos casos clássicos, tendo o endôsso de autoridades consagradas, casos narrados por pessoas de idoneidade comprovada, ocorridos em época relativamente recente e outros por mim mesmo observados.

Passo assim a narrar um fato ocorrido em minha terra.

Caso nº 1 — Uma senhora, que designarei pelas iniciais A.M., conhecida de minha família desde a adolescência, dedicava-se, nos momentos de lazer, à cartomancia.

Estando com minha família em férias, em casa de meus pais, resolvi valer-me de seus préstimos para "tirar a sorte", conforme a linguagem corrente naquelas paragens.

Fêz ela, a respeito da minha família, quatro vaticínios.

Três deles não nos trouxeram maior impressão, visto se enquadrarem em fatos correntes que geralmente ocorrem na vida comum.

Assim, cientificou-nos que, dentro de dois anos, iríamos ter mais uma filha; que iríamos perder, dentro em pouco, uma pessoa da família, cujo falecimento não iria ser muito lastimado, pela circunstância de com êle não mantermos um convívio prolongado, de maneira a estabelecermos fortes laços de afetividade.

Estas duas previsões foram confirmadas pelos acontecimentos posteriores.

A terceira previsão, que se relacionava com abundância de recursos financeiros de que iríamos dispor, e para a qual não foi designado o lapso de tempo em que devia ocorrer, de boa vontade foi aguardada, sem que até hoje se haja realizado e que, por outro lado, não exclui a possibilidade de que ainda se possa realizar.

O quarto vaticínio foi, justamente, o que mais nos impressionou e surpreendeu. Informou-nos que, na nossa volta para o Rio, haveria um desastre, sem maiores conseqüências, que, no entanto, nos deteria na estrada grande parte da noite.

Filho daquelas paragens e conhecedor da segurança das viagens pela estrada de ferro que serve áquela região onde não há memória de catástrofe ferroviária digna de se mencionar, duvidei e não levei a sério o vaticínio.

No entanto, no desenvolver da viagem, talvez por efeito de chuvas abundantes que ocorrem no verão, desprenderam-se e foram projetadas das montanhas circunjacentes á estrada, massas pesadas de pedra que partiram os estribos dos carros e danificaram o comboio, retendo-nos, na estrada, grande parte da noite.

Caso nº 2 — A Sra. M.L. conta que, estando o seu pai, em Belo Horizonte, e com o propósito de viajar para Raul Soares, teve, dias antes, um sonho em que viu uma essa e grande inundação, ouvindo, ao mesmo tempo, o latido insistente de um cão.

Sem maior razão, teve o pressentimento de que o pai havia falecido e que não mais o veria.

Transmitiu à mãe o seu desassossêgo, sendo admoestada que não havia nenhum motivo para preocupação, visto seu pai estar, naquela data, em viagem para Raul Soares, e não acusar, além do mais, nenhuma doença que pudesse merecer cuidado.

Dias depois, receberam aviso, por telegrama, do falecimento do pai e providenciaram o transporte por estrada de ferro, o que não foi possível, devido a inundações motivadas por chuvas abundantes e queda de barreiras.

As pessoas que presenciaram os preparativos e o desenrolar do ato fúnebre, reproduziram a cena por ela entrevista em sonho: a essa, grande inundação e os latidos persistentes de um cão.

Nesse acontecimento, duas previsões foram confirmadas: primeiro, o falecimento com as circunstâncias que o rodearam e, em segundo lugar, o fato de não rever o pai, após o falecimento.

Caso nº 3 — Conta o Sr. H.T., residente em Buenos Aires, e tendo parentes no Rio, que estando a sua espôsa em lides domésticas na cozinha, ouviu leve barulho na mesa, como se alguém movesse os talheres.

Estando só e temendo que alguém pudesse ter penetrado na residência, foi até às portas que davam para fora a fim de certificar-se se estavam bem fechadas.

Voltou novamente ao desempenho da sua tarefa, quando surpreendeu o movimento dos talheres, como se alguém os tivesse empurrado, tendo, ao mesmo tempo, a impressão de que junto a ela se achava presente algum ser invisível.

Indagou, em voz alta, se alguém estava presente, se era algum espírito e o que desejava, nada obtendo em resposta. Chegando, mais tarde, o marido, cientificou-lhe do ocorrido adiantando que alguém das suas relações

deveria ter morrido e, daquele modo, teria vindo anunciar-lhes o falecimento.

Teve a intuição de tratar-se de Luís, um parente que residia no Brasil, tendo em carta, no dia imediato, a confirmação do ocorrido.

Transcrevo fielmente o relato feito pelo marido, em carta datada de 8 de abril de 1950, a uma sua parenta do Brasil:

"Precisamente y para que veais que cuanto escribo es verdad, a continuación, os relato lo que aconteció a Cecilia el dia 14 de Marzo último, a las 2½ de la tarde. — Estaba en la cocina lavando la loza y habia dejado los cubiertos, ya limpios, a fin de secarlos luego, en la mesa de la cocina. Seguia lavando las cacerolas de espalda a la mesa, cuando oyó un ligero ruido, como si alguien tocase los cubiertos. Volviose sobresaltada creyendo habia alguien, y como estaba sola en la casa, fué a cercionarse que las puertas de la calle estuviesem cerradas".

"Siguió lavando y, al minuto, de nuevo los cubiertos se movieron como si una mano los tocase.

"Cecilia se volvió y preguntó: Quien anda ai? y sintió como si um ser sobrenatural estuviese junto a ella. Preguntó si era algum espiritu y que deseaba y como estaba sola, como digo, el espiritu no se manifestó; pero Cecilia, cuando yo llegué, horas mas tarde, me contó lo ocurrido y me dijo: alguien conocido ha muerto y su espiritu ha venido a verme. Será Luís que habrá fallecido?

Y al dia seguiente recibimos misiva dandonos la triste noticia".

Caso nº 4 — O Snr. W.G. meu ex-colega de ginásio, pessôa culta e inteligente, contou-me o seguinte fato por êle próprio relatado por escrito: "Meu pai, advogado, cujo nome deixo de declarar, mas que trago para a pauta desta crônica, era "doublé" de advogado e fazendeiro. Possuia uma fazenda modêlo nas imediações de uma

cidade de Minas, na Zona da Mata. Focalizo bem a sua personalidade, trazendo a análise do leitor o seu retrato subjetivo, para que o fato que vou narrar e que êle próprio me contara, mereça a confiança do leitor, por se tratar de uma individualidade de caráter austero e incapaz de fantasiar ou de distorcer a realidade dos fatos".

"Contou-me êle que, após o jantar, na sua residência na cidade, às 4 horas da tarde, ia habitualmente a cavalo à fazenda".

"De uma feita, numa certa tarde, o cavalo marchando no caminho, sôbre uma várzea arenosa, êle ouvira distintamente uma voz rouca advertir-lhe: — "Fulano, não vá por aí, pela fazenda dos Palmares, porque lá no alto, na porteira, no fundo da mata, o José Câncio está de tocáia, à sua espera, para assassiná-lo".

"Ouvindo tal aviso, não dera a menor atenção ao caso. Julgara fôssem pensamentos soltos, frases imprecisas, manifestações do subconsciente de um homem que se multiplicava em atividades muitas. E esquecêra o fato. Ao chegar à fazenda dos Palmares, pouco antes de penetrar na estrada, dentro da mata, havia um córrego de águas espraiadas".

"Ao chegar alí, o cavalo saciára a sêde e rumara para a direita, para outra estrada que ia em demanda da fazenda de sua irmã, Dona Júlia".

"Fulano, distraido, pensando nos seus negócios, nas lutas políticas, na multiplicidade de coisas de que cuidava, — não dera pelo desvio do cavalo.

"Quando percebera o rumo que tomara o animal, não se importara com a ocorrência, porque tinha certo assunto para tratar com sua irmã, na fazenda de Loanda.

No outro dia, ainda muito cêdo, um irmão de Fulano, acompanhado de diversos amigos, aparecera na fazenda, apreensivo e sobressaltado. O irmão, diante dêle, disse-lhe, então, emocionado: — "Viemos a galope da cidade, certos de que iríamos deparar com o seu cadáver na entrada, no alto da mata, precisamente na porteira".

"O José Câncio estava à sua espera, de tocaia, a noite inteira, naquele local".

"Fulano, então, pensou e não disse nada a ninguém: Alguém que não vi mas que ouvi, distintamente, avisou-me isso, ontem, na estrada".

"E nada falara a respeito do aviso, com o irmão e amigos. Propusera, contudo, aos mesmos irem conjuntamente, ao local, para se certificarem se, de fato, ali estivera alguém de tocaia. E lá chegando, qual não fora a sua surprêsa ao verificar que "ali estivera alguém, de tocaia, a noite inteira".

"O capim catingueiro roxo estava todo amassado no local. Havia um galho de cambotá, em forma de forquilha, onde o assassino poisara a carabina, e, no capim amassado, diversas pontas de cigarro denunciavam que ali estivera alguém, durante muito tempo, tocaiando".

"Focalizo êste fato, com as côres vivas que êle encerra, porque sei que o mesmo se reveste de absoluta veracidade, pois vem de uma fonte fidedigna, acima de qualquer suspeita".

No caso em aprêço, ainda que o percipiente tenha tido a impressão de ouvir uma voz que lhe advertia, certamente, deve ter tido uma revelação do que estava para lhe acontecer, revelação esta que lhe impressionou a percepção, como se se tratasse de uma advertência.

Pode-se assim considerar o fato como um caso de premonição uma vez que o acontecimento desastroso, que lhe sucederia, ter sido revelado fora da interferência dos sentidos normais.

Caso nº 5 — Por volta de 1928 ou 1929, clinicando em São Paulo, tive notícia de Cornélio Pires, através de pilhérias que contavam, extraidas de conferências humorísticas que êle fazia, a respeito da psicologia regional, comportamento e atitudes de mineiros e paulistas.

Pois bem, quase trinta anos depois, fazendo uma estação de águas em Caxambú, viajei, por estrada de ferro, desta cidade para S. Lourenço.

No decorrer da viagem, saí do meu carro e percorri dois vagões e, na plataforma do terceiro vagão, deparou-se-me um senhor que, sem mais preâmbulos, dirigiu-me a palavra.

Sem fixar-lhe a fisionomia, disse-lhe incontinente: O senhor é o Cornélio Pires? "Como o senhor sabe? Respondeu-me.

Expliquei-lhe, então, que havia tido conhecimento do seu nome em São Paulo, por intermédio de conferências que êle fazia e, naquele momento, achei, sem saber porque, estar tratando com a sua pessoa.

Naquela ocasião, não tinha ainda convicções doutrinárias e, por outro lado, não sabia que êle já se achava integrado no espiritismo.

Virou-se para mim e disse: "O senhor é um grande médium. Estou todo arrepiado! Uma forte corrente está passando do senhor para mim!"

Naquela época, estranhei o fato, para o qual não tive explicação.

Apesar de fugir esta ocorrência aos dados habituais que acompanham os casos de monição, como tal poder ser rotulada, uma vez que, sem conhecer Cornélio Pires, pude concluir intuitivamente que se tratava da sua pessoa, passando-se, portanto, o fato fora da interferência normal dos sentidos.

Caso nº 6 — Convidado por deputado federal, para assistir a uma sessão de umbanda, em casa de um amigo, à Rua Belfort Roxo, apesar de não apreciar êste gênero de trabalho, por mera curiosidade, aceitei o convite.

Havia dois médiuns na sessão: um homem e u'a mulher. O homem, quando em transe, fazia uso contínuo de bebida alcoólica. Não ofereciam maior interêsse as suas comunicações.

A médium acercou-se de minha pessoa, como se estivesse vendo algum fato imperceptivel à minha observação. Revelou-me coisas interessantes.

Assim, informou que a grande atividade que até então vinha desenvolvendo na minha vida profissional, não tinha tido, na prática, compensação, sob o ponto de vista material e econômico, fato êste efetivamente verdadeiro.

Adiantou particularidades do estado de saúde de um dos membros da minha família, que me fizeram convicto do seu exato conhecimento da doença, em se tratando de um caso irrecuperável.

Ressalta o valor desta comunicação, o fato da médium e as demais pessoas da casa desconhecerem totalmente esta particularidade que estava, naquele momento, absolutamente, ausente do meu pensamento. O fato deve estar relacionado com o fenômeno de clarividência da médium.

Passo, agora, a transcrever casos notáveis de monição e premonição relatados por grandes autoridades no assunto.

Assim, à pág. 106, do livro "Primeiros Passos em Metapsíquica", da autoria do General Dr. Roberto Lisbôa, edição de 1956, encontra-se interessante relato de um caso de monição, por êle extraido do livro de Myers, "Human Personality", tomo II, pág. 27:

Caso nº 7 — "O Sr. X conta que sua irmã, moça de 18 anos, tinha morrido repentinamente de cólera; nove anos mais tarde, ao meio dia, estando a escrever ordens, e a fumar, com prazer, um charuto, pareceu ver alguém à sua esquerda, tendo o braço apoiado na mesa. Voltou-se e viu a sua irmã; experimentou, então, uma sensação de felicidade, pois a amava muito. Porém ela se desfez logo.

Perguntou a si mesmo se havia sonhado. Mas o charuto que tinha na bôca, a caneta na mão, a tinta fresca no papel, tudo lhe mostrava que estava bem

acordado. Ela lhe parecera viva, fitando nele os olhos com muita calma.

Esta visão impressionou-o tanto que, imediatamente, tomou o trem para contar o fato à família. O pai caçoou dêle, chamou-o de visionário, e só o ouviram com incredulidade e ceticismo.

Mas, descrevendo a visão, como lhe tinha aparecido, êle mencionou a existência, no lado direito do rosto, de um arranhão que lhe pareceu fresco e recente. Êste pormenor impressicnou tanto a sua mãe, que ela caiu sem sentidos.

Quando voltou a si, declarou que o arranhão fôra feito por ela, no ato de vestir a filha pela última vez. Procurara dissimular o arranhão com pó de arroz, de sorte que pessoa alguma pudesse saber disso.

A visão do filho era, pois, prova incontestável de autenticidade da aparição. Acreditou que o fato era, para ela, sinal de morte próxima, o que se verificou".

No seu "Tratado de Metapsíquica", à pág. 346, Richet relata um caso citado por William James.

Caso nº 8 — "Berta, uma jovem, de Enfield (New Hampshire) desapareceu, em 31 de Outubro de 1898, sendo vivamente procurada.

Mais de uma centena de pessoas foram mobilizadas a fim de explorar o mato e as margens do lago. Sabia-se que tinha ela se dirigido à ponte Schaker, mas, desde então, não se teve mais notícia do seu paradeiro. Um escafandrista havia feito explorações no lago e nas proximidades da ponte, sem nada encontrar.

No entanto, Mad. Titus, na noite de 2 para 3 de novembro, em Lebanou, que dista 8 kilometros de Enfield, vê em sonho, em lugar determinado, o corpo de Bertha.

Na manhã seguinte, vai à ponte Schaker e indica ao escafandrista, exatamente, com uma polegada de aproximação, o local onde deveria encontrar-se o corpo de Berta, de cabeça para baixo, de maneira que se po-

dia ùnicamente ver, segundo informou, a borracha de um dos pés.

O escafandrista, seguindo as indicações de Mad. Titus, encontrou o corpo. O corpo estava envolvido pelas ramagens a 6 metros de profundidade; a água do lago estava escura.

"Fiquei muito impressionado, disse o escafandrista. Os cadáveres n'água não me atemorizam, mas tinha medo da mulher que se achava sôbre a ponte.

Como poderia aquela mulher vir de 8 quilômetros de distância para me dizer onde se encontrava o corpo? Jazia êle em nível profundo e de cabeça para baixo. O local era tão escuro que eu nada conseguia enxergar".

Passo a transcrever a carta n.º LIX da série de casos de premonição, publicados por Camilo Flammarion, no seu livro, "O Desconhecido e os Problemas Psíquicos", traduzido por Arnaldo Santiago lendo-se à pág. 121:

Caso nº 9 — "Tive ocasião de encontrar-me, em maio de 1896, em casa de um amigo comum, com o Sr. Contamine, farmacêutico em Commentry (Allier) que, em minha presença, narrou o fato seguinte, de que êle garantia a absoluta autenticidade e que não podia contar, sem uma visível emoção.

Achando-se um dia sentado em seu quarto, diante de um armário de espelho, ocupado em calçar as botinas, percebeu muito nitidamente, por êsse espelho, que a porta detrás se abrira, vendo um dos seus amigos entrar no quarto; estava em trajes de baile e vestido com esmero.

O Sr. Contamine voltou-se para estender as mãos ao seu amigo. Qual não foi a sua estupefação, verificando que não havia ninguém no seu quarto!

Precipita-se, imediatamente, para fora do aposento e interpela o criado que estava precisamente na escada: "Acabais de encontrar o Sr. X que saiu do meu quarto; onde está êle?" — Não vi absolutamente nin-

guém, vos afirmo. — Ora essa! êle saiu do meu quarto neste instante. — Estou absolutamente certo de que ninguém entrou nem saiu".

O Sr. Contamine, muito intrigado e muito impressionado, teve, também êle, o pressentimento de uma desgraça.

Procurou logo informar-se e veiu a saber que o seu amigo, tendo cometido um homicidio por imprudência, e querendo furtar-se ao processo judiciário dêsse acidente, suicidara-se à hora exata em que teve lugar a aparição e com o próprio trajo com que fôra visto, refletindo-se no espêlho".

Boulnois,
Professor em Pont-Saint-Mexence.

Para finalizar transcrevo do livro de Ernesto Bozzano, "Animismo ou Espiritismo", tradução de Guillon Ribeiro, 1940, da página 197, a narrativa feita por carta, pelo Dr. Vincenzo Caltagirone ao diretor da revista psíquica de Palermo "Filosofia della Scienza":

Caso nº 10 — "Já que entende, que o facto, que lhe relatei de viva voz, pode servir como documento de estudo para a ciência, à qual você dispensa tão louvável interêsse, eis por escrito a narrativa fiel, com todos os pormenores, sem qualquer comentário meu.

Sabe você que me mantenho positivista, se bem creia na realidade de alguns fenômenos mediúnicos que tive ocasião de comprovar pessoalmente, mesmo no exercício da minha profissão. Por isso, repito, nenhum comentário faço:

Eu era amigo do Snr. Benjamin Sirchia, de quem também era médico assistente. Sirchia, conhecidíssimo em Palermo, fôra um velho patriota, pelo que ficara sendo muito popular. Possuia ótimas qualidades morais e cívicas, mas era um incréu no mais amplo sentido da palavra.

Vindo frequentemente à minha casa, aconteceu, no mês de maio do ano passado, falarmos, não sei como, nem a que propósito, de fenômenos mediúnicos. A uma pergunta sua, respondi afirmando-lhe que eu sabia, por experiência pessoal, da realidade de alguns fenômenos e lhe falei das várias interpretações que se lhes dão tanto pró como contra a teoria espírita. Nessa ocasião, êle, em tom de gracejo, me disse: "Ouça, doutor, se eu morrer antes do senhor, como é provável, pois que sou velho e o senhor ainda moço, forte e vigoroso, dou-lhe a minha palavra de honra de que virei, se sobreviver, trazer-lhe uma prova da verdade". (Estávamos, no momento, sentados na minha sala de jantar.) Eu, a rir e no mesmo tom de gracejo lhe respondi: "Então, venha manifestar-se quebrando qualquer coisa nesta sala, por exemplo, o candelabro suspenso sôbre esta mesa!" — E, querendo ser cortez com êle, acrescentei: "Por meu lado, comprometo-me, se morrer antes de você, a vir dar-lhe um sinal semelhante, em sua casa".

Repito: estas coisas foram ditas mais por brincadeira, do que por outra causa, e, direi mesmo, como que para pôr termo à conversação. De fato, separamo-nos, e, como êle me prevenira de que partiria, dali a poucos dias, para a cidade de Licata, na província de Girgenti, onde ia residir por algum tempo, disse-lhe que iria à estação saudá-lo por ocasião da sua partida. Desde aquêle dia não mais tive notícias suas, nem direta, nem indiretamente. Isto se deu, como já disse, no mês de maio de 1910.

Em dezembro último, não me recordo precisamente se a um ou dois, mas com certeza num dêsses dias, à tarde, cêrca das 18 horas, estava eu à mesa com minha irmã, única pessoa com quem convivo, quando a nossa atenção foi atraída por algumas pancadas leves, ora na guarnição do candelabro de centro suspenso no tecto da sala de jantar, ora sôbre a cobertura móvel, de porcelana, sobreposta ao tubo de cristal. A princí-

pio, atribuimos essas pancadas a efeitos do aquecimento produzido pelo calor da chama, que tratei de abaixar um pouco. Como, porém, as pancadas se acentuassem e continuassem, quase rìtmicamente, trepei numa cadeira, a fim de verificar mais cuidadosamente o fato, para o qual, entretanto, não achei explicação, pois me certifiquei de que o fenômeno não se podia atribuir a excesso de calôr produzido pela chama, que funcionava com uma pressão normalíssima. A demais, não se tratava dêsses pequenos estalos que costumam produzir-se por efeito de incêndio ou de excessivo calor, mas de estalidos sêcos de som especial, como proviessem das juntas dos dedos, ou da percussão com uma vareta de metal batendo intencionalmente num objeto de porcelana suspenso. Procurei verificar se haveria qualquer coisa estranha capaz de produzir aquêles estalos... Nada. Afinal, acabamos de jantar e por aquela noite o fenômeno cessou.

Na tarde seguinte, repetiu-se e assim durante quatro dias consecutivos, deixando-nos presas sempre da mesma curiosidade. Na última dessas tardes, porém, uma pancada forte e rápida partiu em dois pedaços a cobertura móvel que permaneceu presa neste estado ao gancho do contrapêso metálico.

Verifiquei-o subindo em cima da mesa, para observar "de visu" o efeito da última pancada. Recordamonos com exatidão, eu e minha irmã, que, embora houvessémos apagado o lampadário do centro, onde se dava o fenômeno, e acendido, em substituição, outro bico de gás, ligado lateralmente àquêle, continuaram as pancadas nêste último sempre com a mesma intensidade.

Devo lealmente declarar, a fé de gentil-homem, que, em todos aqueles cinco ou seis dias de observação do fato, que não me era possível explicar, jamais pensei no meu amigo Benjamim Sirchia e muito menos na conversa do precedente mês de maio, da qual em absoluto me esquecera.

No dia seguinte aquela última noite, em que, como deixei dito, a cobertura se quebrara, ficando aderentes as duas partes e presas no lugar onde estavam achando-me, pelas oito horas da manhã, no meu gabinete e na sacada minha irmã a observar não sei que na rua, e tendo saído a doméstica, ouvimos na sala de jantar uma formidável pancada, como se na mesa houvesse alguém dado violenta paulada.

Minha irmã, da janela a ouviu, como eu, e ambos corremos simultâneamente a ver o que acontecera.

Causará estranheza dizê-lo — mas, por muito estranho que seja, garanto que é verdade — sôbre a mesa, como se ali fôra colocada pela mão de um homem, achava-se u'a metade da cobertura móvel, ao passo que a outra metade se conservava suspensa no mesmo lugar. Evidentemente, o barulho que escutáramos não guardava proporção com o que ocorrera. Era o último fenômeno a coroar os fatos singulares que se haviam repetido por cinco ou seis dias, tendo-se dado êsse último em pleno dia e sem a ação do calor.

A queda daquela metade da cobertura de porcelana não se podia ter verificado perpendicularmente, porque, devendo passar pelo centro da guarnição, houvera encontrado o tubo de junção com a respectiva rêde, os quais teriam de quebrar-se para deixar livre a passagem à meia cobertura, e ambos estavam perfeitamente intactos, e o espaço vazio não era suficiente para deixá-la passar. Se, pois, houvesse caído sôbre a superfície curva do resto da peça (quebra-luz bastante grande) a dita meia cobertura, com o choque, se teria quebrado ou partido o quebra-luz. Ora, não se tendo dado isso, forçosamente cairia obliquamente num ponto distante do centro da mesa, ou mesmo fora desta, nunca perpendicularmente ao eixo do candelabro.

Consequência: o rumor ouvido foi um aviso de que o fenômeno se produzira; o pedaço da cobertura colocado daquele modo constituiu a prova de que o facto

não fôra acidental, porquanto estaria em oposição às leis da queda dos corpos e às outras leis da balística.

Devo confessar, ainda uma vez, que, mesmo naquele momento, não me lembrei absolutamente do amigo Sirchia, das suas promessas, nem do pacto que fizera comigo em maio do ano transacto.

Passados dois dias, encontrando-me com o prof. Busci, docente nesta cidade, disse-me êle: "Sabe que o pobre Benjamim Sirchia morreu?" — "Quando?" perguntei ansiosamente. — "Nos últimos dias de novembro, respondeu ele, a 27 ou 28". — Ùltimos dias de novembro? E' singular, pensei então; será que se liguem à sua morte os fenômenos dêstes dias? — Começando do dia 1 para o dia 2 de dezembro, dura de 5 ou 6 dias a tentativa de quebrar alguma coisa do candelabro do centro da sala de jantar, exatamente o que eu indicara em maio a Sirchia e a tentativa não cessa, enquanto não é conseguido este resultado! Singular também isto! Obtido o efeito desejado, como que para bem assinalá-lo, a formidável pancada de aviso: a colocação intencional da metade da cobertura num ponto onde ela não poderia cair por acaso e, portanto, para excluir tôda possibilidade de acaso.

Comprovo — ilustre amigo — não deduzo. O que é certo é que eu e minha irmã, sem sabermos por que, resolvemos guardar, como estimada recordação de um fenômeno desconhecido, os dois pedaços da cobertura, conservando-os entre as nossas coisas preciosas e caras. (Assinado): Dr. Vincenzo Caltagirone".

Alguns dos casos relatados neste capítulo, pelas circunstâncias e os fatos que os rodearam, ainda que se recorrendo a todos os artifícios de imaginação, pode adiantar-se que, em boa razão e em sã consciência, não se poderá admitir a possibilidade de explicação científica. Sòmente a concepção espiritualista pode explicar satisfatoriamente os fenômenos observados.

Como explicar-se, no caso nº 7, o arranhão notado na face da irmã, no ato da aparição ao seu irmão, fato ùnicamente do conhecimento da progenitora e que serve como um dado irretorquível de identificação da morta?

E, no último caso relatado, como explicar-se senão pela interferência espiritual do morto, a execução do pacto, que entre os dois ficara estabelecido, de comunicar a sobrevivência, após a morte do primeiro que desencarnasse, por meio da quebra da cobertura do candelabro, coincidindo êste fato justamente com o falecimento de um dos pactuantes?

Nesse último caso, além da premonição acham-se, a ela associados, outros fenômenos mediúnicos, muito interessantes. Assim, além do fenômeno premonitório do aviso do falecimento do amigo, há o fenômeno tiptológico das pancadas que perduraram por vários dias, o fenômeno de telecinesia assinalado pelo transporte da parte fraturada do candelabro, para cima da mesa, e ainda, o efeito físico correspondente à fratura do objeto.

CAPíTULO IV

APARIÇÃO DE FANTASMAS

E' êste setor da metapsíquica, que se relaciona com as aparições de fantasmas, o que mais se presta a galhofas e zombarias. No entanto, logo que se faz, em roda íntima, comentário a respeito do assunto, e que se ganha a confiança dos presentes, há sempre um ou outro que, com cuidado e reserva, a princípio, como quem teme a ironia e a má fé dos circunstantes e, depois, abertamente, narra episódios que com êle se passaram ou que ouviu de outras pessoas.

Muitas dessas aparições são de percepção exclusiva de médiuns videntes, e há outras que são testemunhadas por várias pessoas simultâneamente ou por algumas delas de cada vez, em períodos de tempo diferentes.

Nos médiuns videntes, faz-se a percepção fora da interferência do sentido normal da visão, podendo o médium, mesmo que feche os olhos, continuar a ver, do mesmo modo, o fantasma.

Quando, no entanto, a percepção do fenômeno é assinalada por mais de uma pessoa, interfere o sentido normal da visão. Nêste último caso, parece haver um esbôço ou fase inicial de ectoplasmia, conferindo maior densidade ao peri-espírito que permite assim a visibilidade do fantasma, por pessoas não dotadas de mediunidade.

A aparição apresenta-se sob o aspecto de nuvem ou imagem vaporosa. São nítidos os traços fisionómicos da figura que se manifesta, a ponto de permitir fàcilmente o seu reconhecimento, como nos casos, por exemplo, de se tratar de fantasmas de parentes mortos de uma família, ou de pessoas conhecidas já falecidas.

Fato interessante, e que escapa geralmente ao conhecimento do povo, é a possibilidade de proceder o fantasma de pessoas vivas, podendo-se então observar o fenômeno da bilocação.

Na bilocação, como o próprio nome indica, o indivíduo encontra-se simultâneamente em dois locais próximos ou distantes um do outro. Como se pode deduzir, há o fenômeno do desdobramento, sendo possível ao duplo ocupar local diferente daquêle onde se encontra o indivíduo, que pode, assim, ser visto ao mesmo tempo em dois pontos diferentes. O fenômeno pode ocorrer durante o sonho, por ocasião das anestesias, de acidentes ou mesmo em vigília.

Na vida dos santos, há referência a vários casos de bilocação. E' citado o caso de Sto. Afonso de Liguori, que, em Arezzo, durante cinco dias torna-se imóvel e mudo na sua cela, abstendo-se ao mesmo tempo de se alimentar. (1).

No 6º dia, torna-se, então, consciente e informa que esteve assistindo ao Papa, que havia falecido, coincidindo a data em que apresentou aquêles fenômenos com a morte do Papa Clemente XIV, em Roma, assistido justamente por êle Sto. Afonso de Liguori, segundo testemunhas.

Aksakof, em seu livro "Animismo e Espiritismo", pág. 557, refere-se a um caso por êle longamente explanado de bilocação. A narrativa é feita pela Baronesa Guldenstubbe, aluna do "Colégio Neuwelcke", instituição para moças nobres, contando ela, naquela época, 13 anos de idade. O fenômeno de desdobramento passava-se com Emília Sagée, uma das professoras da instituição, sendo o fato observado por tôdas as pessoas e alunas do colégio.

Os fenômenos foram observados durante um período de cêrca de 18 meses, quando foi ela despedida do colégio pela indisciplina que o fato ocasionava. Emilia

(1) — TRATADO DE METAPSÍQUICA — RICHET — pág. 725.

Sagée era vista ao mesmo tempo em dois locais diferentes do colégio pelas alunas, ou ainda desdobrada. Quando lecicnava, escrevendo no quadro-negro com um giz, ao seu lado era por todos visto o seu duplo reproduzindo todos os seus gestos e movimentos, mas sem ter nas mãos o giz de que se servia para escrever.

"Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Guldenstubbe: "Oh! já pela décima nona vez; é duro, muito duro de suportar!" "Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por tôda parte por onde tinha passado — e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos tinha estado em dezoito casas antes de Neuwelcke — os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando a sua destituição".

Êsse caso oferece condições interessantes para afastar a hipótese de alucinação coletiva, uma vez que se reproduziram os fenômenos durante um período de cêrca de dezoito meses, sendo observados pelo corpo docente e discente de Neuwelcke, como também, por pessoas de cutros colégios, conforme a declaração da própria jovem, fato que também ocasionou o seu desemprêgo daqueles estabelecimentos.

Além disso, na hipótese de se admitir que se tratasse de um fenômeno de alucinação coletiva, como admitir-se que a bilocação se passasse com uma única pessoa do colégio?

Serão transcritos do "Tratado de Metapsíquica" de Richet (pág. 350) alguns casos de bilocação:

"Em um hospital de Munique um aviador militar, hospitalizado por motivo de afecção pulmonar, desperta no meio do pátio do hospital, no correr da noite; relacionou-se o fato com um episódio de sonambulismo, havendo êle sonhado ter-se transportado, por avião, até Schleisheim, alí tendo visto uma sentinela seu amigo N. que, ao vê-lo, tomou-se de pavor.

Dirigindo-lhe, então, a palavra, perguntou-lhe. A. "Não me reconheces?" Ao que respondeu N. "Ah! és tu? Que vieste fazer aqui?"

No dia seguinte pela manhã, A. persuadido que havia alguma coisa de real no sonho que tivera, escreveu a N. a êsse respeito. Ao mesmo tempo, conforme podia deduzir-se do carimbo do correio, escrevia-lhe N. para lhe dizer que, estando naquela mesma noite de sentinela, o tinha visto perguntando-lhe: "És tu, Joseph?" Ouvi nìtidamente a tua voz, acrescentou êle. As duas cartas cruzaram-se no caminho.

Essa narrativa apresenta o fato interessante do duplo ver e dialogar com o percepiente, e, por sua vez, ser por êle visto e percebida a sua voz. A realidade da ocorrência é ainda confirmada pelas cartas que entre eles são trocadas, espontâneamente, sem solicitação prévia de qualquer dos dois, que pudesse sugerir a idéia do acontecimento.

May Lichfield quando lia à noite em seu quarto, teve a impressão de que alguém entrava no aposento. Não vê ninguém, mas sente um beijo na fronte. Levantando a cabeça, vê o noivo em pé atrás da sua cadeira, um pouco inclinado, na atitude de quem a quer abraçar. Sùbitamente desapareceu, tendo ela, no entanto, tempo para fixar os seus traços fisionômicos, a estatura elevada e as espáduas vigorosas.

Naquele mesmo dia, longe dalí, M. Lichfield, seu noivo, tinha sofrido uma séria queda do cavalo, sem maiores consequências; perdeu os sentidos, ficando por muito tempo doente. No momento do acidente, pensava em May, na preocupação de revê-la antes de morrer".

Nêste caso, a percepiente parece haver experimentado uma impressão objetiva do noivo que lhe aparece, uma vez que além de o ter visto, experimentou a impressão tactil do beijo na fronte, justamente no momento do acidente, quando tinha êle o pensamento voltado para ela.

O Dr. O.M., médico competente e pessoa de responsabilidade, contou-me o seguinte: Estando sob os seus cuidados profissionais um menino de seis anos, vindo do interior, com fratura do ante-braço, caso êste que exigia cuidadosa assistência, ficou de fazer-lhe uma visita domiciliar na tarde daquêle mesmo dia.

Estando, no entanto, a mãe do médico gravemente enferma e piorando o seu estado, justamente naquele dia, e se dispondo êle a não mais sair de casa, vestiu um pijama branco de sua genitora, com pintas vermelhas.

Aproximando-se a hora aprazada para a visita e não podendo comparecer à casa do doente, aumentou, naquele momento, o seu estado de preocupação. Veio a saber depois que, justamente naquela tarde, em período correspondente ao em que se agravara a sua preocupação, tendo ido o menino à sala de jantar, veio anunciar à mãe que lá estava o médico, que lhe viera fazer a visita, vestido de pijama.

Como a mãe lhe ponderasse o absurdo daquela informação, adiantou-lhe que tinha tanta certeza de o ter visto, que podia acrescentar estar êle vestido de pijama branco, com pintas vermelhas.

Tão forte foi a impressão que o fato ocasionou no menino que, por algum tempo, recusou-se a comparecer à sala de jantar.

Êsse relato oferece dados interessantes. Além de assinalar, o menino, a natureza da vestimenta, pôde ainda particularizar minúcias como sejam a côr e a presença do pontilhado vermelho que apresentava o pijama.

Com respeito à aparição de fantasmas de mortos, serão narrados dois casos que me foram relatados por pessoas idôneas e de responsabilidade, com quem há longos anos vimos mantendo ligações de amizade.

Conta o Sr. J.V.G., proprietário de uma fazenda de gado vacum, em Minas Gerais, o seguinte fato: Estando na varanda da fazenda, viu passar, apressadamente, uma pessoa que julgou ser uma das empregadas encarregadas

das tarefas de rotina, em direção a uma das pastagens, onde se encontrava um menino.

Havendo, na fazenda, algumas rezes bravas, deduziu que algum fato anômalo deveria estar ocorrendo e que se dirigiria ela em socorro da criança, seguindo êle imediatamente ao seu encalço.

Efetivamente, lá encontrou o menino dentro de uma depressão do terreno e uma vaca tentando atingí-lo. Voltando para casa, surpreendeu-se por ver que a empregada que êle julgava haver passado pela frente da fazenda, estava calmamente entregue ao seu labor de rotina. Indagou se havia dalí se ausentado e teve informação negativa.

Já sendo falecida a mãe do menino, veio então notar a semelhança que apresentava com a referida empregada, dai deduzindo, ser a manifestação do espírito da mesma que, por esse modo, procurou socorrer o filho.

No caso em apreço, é interessante ressaltar que não houve interferência de fatôr sugestivo por parte do observador, uma vez que a sua primeira impressão foi de que se tratasse de outra empregada da fazenda e só por indagações e conclusões posteriores pôde admitir, para explicação do fato, a hipótese do fantasma.

Relatou-me a Sra. M.O. a seguinte ocorrência: Possuia o seu pai uma fazenda em Minas Gerais, em região próxima a Belo Horizonte.

Homem inteligente e esclarecido que já fôra prefeito do município em que situava a sua propriedade, no entanto, apesar de destemido para qualquer eventualidade que pudesse oferecer perigo, tinha receio inato de casas mal assombradas.

Certo dia, encarregou-a de desempenhar em alguns aposentos da fazenda, que há longos anos permaneciam fechados, uma determinada tarefa. Ainda adolescente e livre de preocupação com os fenômenos supranormais, aceitou prontamente a missão a desempenhar.

Abriu, ràpidamente, as portas com os ferrolhos enferrujados pelo tempo, atravessou o primeiro e segundo aposentos, deparando-se, inesparadamente, no terceiro aposento, com uma senhora idosa assentada sôbre a cama.

Pôde distinguir, apesar do mêdo que dela se apoderou, que a senhora vestia saia preta e blusa de "crochet".

Embaraçada ainda com o acontecimento, ouviu, nìtidamente, a senhora lhe dizer: "O que veio você fazer aqui?" Bateu em disparada, deixando abertas as portas dos aposentos, indo, imediatamente, narrar a seu pai a estranha ocorrência.

Atônitos e apreensivos, seguiram em demanda da cidade, passando pela fazenda de um primo, o Sr. O.M., onde narrou o que havia sucedido. Tomando de um album de fotografias da família, o Sr. O.M. submeteu-o à apreciação da adolescente, para que verificasse, se havia entre as fotografias, a da pessoa que havia visto na fazenda. E com surprêsa geral, mostrou com absoluta convicção uma fotografia de pessoa já falecida, justamente a mãe do Sr. O.M., que fôra a anterior proprietária da fazenda.

Apresenta esta narrativa duas particularidades interessantes. Primeiro, a nítida percepção do fenômeno a ponto de particularizar, a percepiente, as minúcias da vestimenta do fantasma e de ouvir-lhe, claramente, a pergunta. Segundo, o reconhecimento no album, com precisão, da fotografia da antiga proprietária da fazenda correspondente exatamente à aparição por ela divisada.

Passo a transcrever um caso narrado por Richet: Miss K acariciava, sôbre os joelhos uma gatinha, quando sùbitamente o animal se inquieta, levanta-se, assopra, eriça os pêlos, manifestando sinais de terror. (1).

Percebe, então, Miss K, sôbre uma poltrona colocada ao seu lado, uma velha megera de catadura horrorosa, encarquilhada, fixando em Miss K os olhos maldo-

sos. A gata torna-se furiosa, salta repetidamente de encontro à porta. Miss K, aterrorizada, pede socorro. Com a chegada de sua mãe, desaparece o fantasma.

Tornou-se êle visível cêrca de cinco minutos a Miss K. A porta logo que foi aberta, por ela precipitou-se a gata apavorada.

Constava que, há tempos passados, uma velha se havia enforcado naquêle quarto".

"Êste caso apresenta, em favor da objetividade do fenômeno, o fato de ser denunciada a presença do fantasma por um animal não passível de sofrer sugestão, e, ao que parece, de ter alucinações.

Richet, levando em conta o ponto de vista de Bozzano, busca diminuir o valor da demonstração da presença do fantasma revelada pelo animal, achando que "o sinal de mêdo ou cólera manifestado pelos gatos ou cães, não prova que vejam êles os mesmos fantasmas que vêem os homens".

Não se pode, nesses casos, julgar que o animal teria tido uma impressão visual diferente da do homem, uma vez que, em todos os outros fatos de observação geral, essas impressões são as mesmas, tanto no homem como no animais, e coincidem, do mesmo modo, nas reações que provocam, tendo-se em conta as diferenças de alcance e de capacidade de interpretação dos fenômenos pelo animal e pelo homem.

Finalizando, transcrevo o relato feito pelo grande médium D.D. Home na sua obra "Life and Mission" (2).

"Quando residia em Springfield, tive uma grave moléstia que me reteve no leito durante algum tempo. Um dia, na ocasião em que o médico se retirava, um Espírito me deu esta comunicação: Tomai o trem da tarde para Hartford, pois trata-se de um negócio im-

(1) — TRATADO DE METAPSÍQUICA — pág. 447.
(2) — "FATOS ESPÍRITAS" — Observados por WILLIAM CROOKS — pág. 156 — Tradução de OSCAR D'ARGONNEL.

portante para o progresso da causa; não repliqueis, fazei simplesmente o que vos dizemos".

Dei conhecimento à minha família dessa extraordinária ordem, e, apesar do meu estado de fraqueza, tomei o trem, ignorando completamente o que eu ia fazer e o fim de tal viagem.

Ao chegar a Hartford, veio ao meu encontro um estrangeiro, que me disse: "Só tive ocasião de vos ver uma única vez, mas creio que falo com o Sr. Home". Respondi-lhe afirmativamente, acrescentando que eu chegava a Hartford sem nenhuma idéia do que se queria da minha pessoa. "E' engraçado!" replicou o meu interlocutor, "eu vinha exatamente tomar o trem para ir procurar-vos em Springfield". Explicou-me êle, então, que uma família influente, bem conhecida, me pedia para eu fazer-lhe uma visita e prestar o meu concurso às investigações que ela desejava fazer sôbre o Espiritismo. O fim da viagem começava pois a desenhar-se, mas o mistério permanecia ainda velado.

Agradável trajeto em carruagem conduziu-nos logo ao nosso destino. O dono da casa, o Sr. Ward Cheney, que veio receber-me à porta, saudou-me, dizendo que não esperava que eu chegasse senão no dia seguinte pela manhã.

Logo que entrei no vestíbulo, a minha atenção foi atraída por um ruído semelhante ao farfalhar de um pesado vestido de seda. Olhei ao redor de mim e fiquei surpreendido de não ver ninguém; passamos, então, a uma das salas e não me preocupei mais com êsse incidente.

Pouco depois, vi no vestíbulo uma velha baixa, com pesado vestido de seda escura, que parecia muito preocupada. Aí estava a explicação desse mistério; eu tinha ouvido, sem ver, essa pessoa que ia e vinha pela casa.

Repetindo-se o farfalhar do vestido, o Sr. Chaney, que o tinha ouvido ao mesmo tempo que eu, pergun-

tou-me de onde vinha êsse ruído. "Ora essa! respondi, é do vestido de seda escura dessa velha que vejo no vestíbulo". Quem seria essa pessoa? A aparição era, efetivamente, tão perfeita que eu não duvidava que fôsse uma criatura de carne e osso. Como o resto da família chegasse naquêle instante, as apresentações impediram o Sr. Cheney de me responder, e, naquêle momento, eu não tive mais ocasião de obter informações.

Tendo sido servido o jantar, fiquei admirado de não ver, à mesa, a senhora do vestido de sêda; êsse fato despertou a minha curiosidade e essa senhora tornou-se logo para mim um objeto de preocupação.

Quando todos deixaram a sala de jantar, ouvi de novo o farfalhar do vestido de sêda e, também, uma voz disse: "Estou aborrecida porque colocaram um caixão sôbre o meu; não quero que êle fique ali".

Tendo eu dado parte dessa comunicação ao dono da casa e à sua mulher, êles se olharam com admiração, e, depois, o Sr. Cheney, rompendo o silêncio, me disse que reconhecia prefeitamente êsse vestido, a sua côr e mesmo o seu gênero de sêda espessa, mas que o fato do caixão colocado sôbre o dela era um absurdo. Essa resposta me deixou perplexo; eu não sabia mais o que dizer.

Uma hora depois, ouvi de repente a mesma voz pronunciar exatamente idênticas palavras, porém acrescentando o seguinte: "Além disso Seth não tinha o direito de cortar aquela árvore". Tendo narrado ao dono da casa essa nova comunicação, êle ficou muito inquieto. "Há, em tudo isso, disse-me êle, alguma coisa bem extraordinária. Meu irmão Seth cortou uma árvore que embaraçava a vista, e dissemos-lhe que, se a pessoa — que ora pretende falar-vos — fôsse viva, não consentiria no corte dessa árvore. Quanto ao resto da comunicação afirmo que não tem nada de racional.

A mesma comunicação me foi dada à noite pela terceira vez, e me expus de novo a um desmentido

formal. Eu estava sob o golpe de uma impressão muito penosa, quando me recolhi ao quarto, pois nunca tinha recebido comunicação mentirosa, e mesmo, admitindo o bom senso do seu agravo, semelhante insistência, da parte de um Espírito desencarnado, de não querer que um outro caixão fôsse colocado sôbre o seu, me parecia absolutamente ridículo.

Pela manhã, manifestei ao dono da casa o meu profundo desapontamento, respondendo-me êle que também estava muito sentido, mas ia provar-me que êsse Espírito — se realmente era aquêle que dizia ser — estava perfeitamente enganado. "Vamos até ao jazigo de minha família, acrescentou, e vereis que, embora tivéssemos querido, não era possível colocar um outro caixão em cima do dela".

Logo que chegamos ao cemitério, fomos procurar o coveiro, que guardava a chave do jazigo. Na ocasião em que êle ia abrir a porta, pareceu refletir e disse com um ar um tanto embaraçado, voltando-se para o Sr. Cheney: "Devo participar a V. S. que, como restava justamente um pequeno espaço em cima do caixão da Sra..., coloquei ali o caixãozinho do filho de L... Penso que isso não tem importância, mas talvez fôra melhor que eu vos tivesse prevenido disso. Êle está lá desde ontem apenas".

Nunca me hei de esquecer do olhar que me lançou o Sr. Cheney, quando me disse, voltando-se para mim: "Meu Deus, é pois uma verdade!"

À noite, o Espírito manifestou-se de novo e disse-nos: "Não acrediteis que eu ligue a menor importância ao caixão colocado sôbre o meu; pode ser colocado até uma pilha de caixões, com isso não me incomodo. O meu único fim era dar, de uma vez para sempre, prova da minha identidade, de vos levar à convicção absoluta de que sou sempre um ser vivo e racional, a mesma E... que sempre fui".

Êste caso oferece três particularidades interessantes. Primeiro, o fato de o Sr. Cheney ter ouvido o farfalhar do vestido de sêda do fantasma sem o ter visto, ao passo que o médium além de ouvir o ruido da sêda, pôde ver nitidamente o fantasma a ponto de particularizar a côr e outras características do vestido. Segundo, a identificação do fantasma com a exteriorização de pontos de vista que vinha mantendo, quando em vida, como o fato de não permitir que a árvore fôsse cortada. E terceiro, a revelação de um fato que era desconhecido de todos da família — haver o coveiro colocado sôbre o seu caixão um esquife de criança.

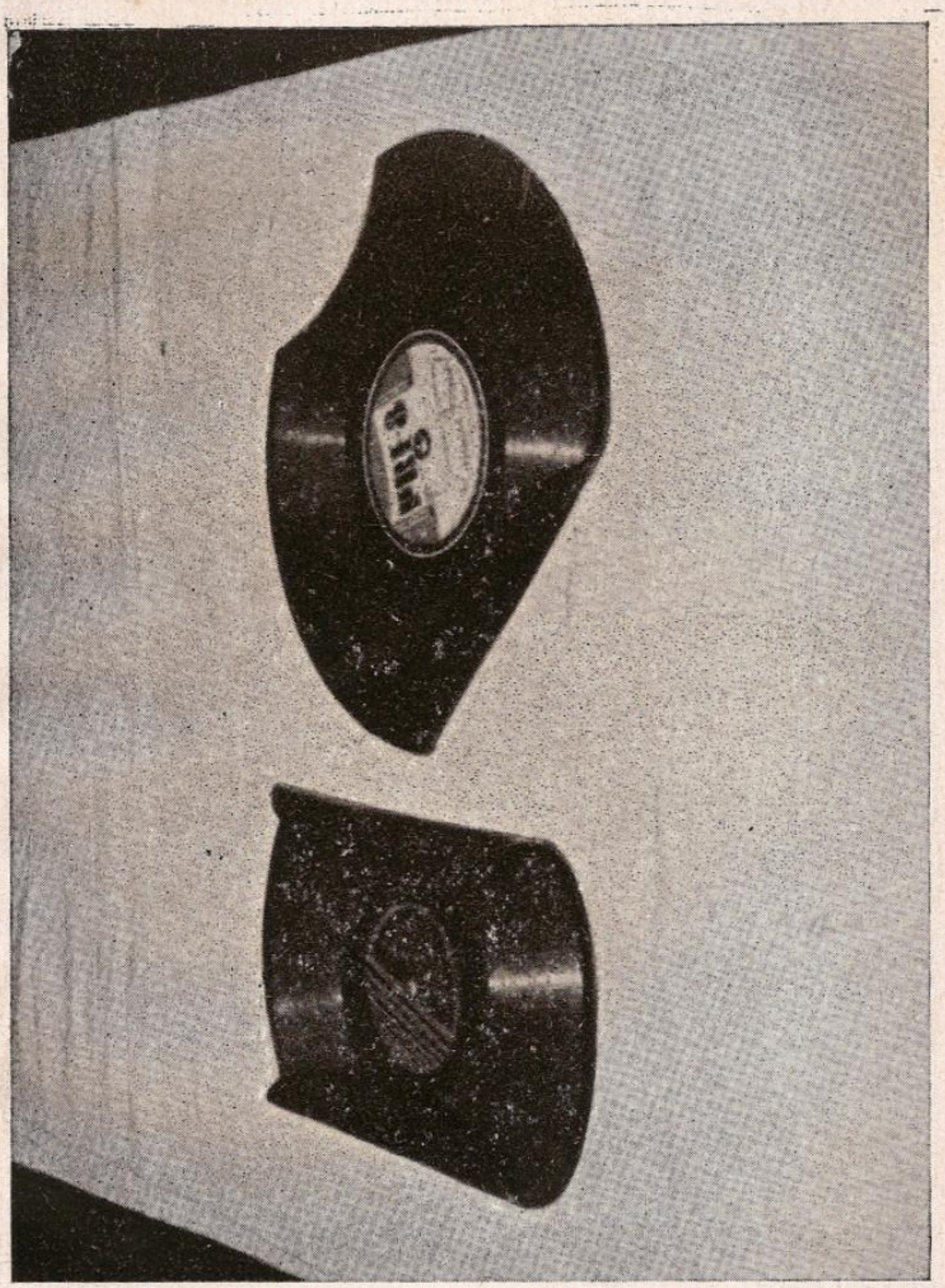

Foto N.º 3. ***Discos instantâneamente enrolados pelas entidades materializadas.***

CAPíTULO V

VISÃO ÀS ESCURAS E EM APOSENTO FECHADO

Nas inúmeras sessões de materialização, que tive ocasião de acompanhar, durante vários anos, apresentou-se-me oportunidade de presenciar muitas ocorrências que demonstraram a possibilidade de visão às escuras, por entidades totalmente materializadas ou semi-materializadas.

O maior número de fenômenos desta natureza, foi observado com o médium João Cosme. Serão feitas também referências a alguns casos observados com os médiuns Armando Ramos e Melchíades Borges.

Em uma das sessões realizadas, à rua Visconde de Irajá, passou-se o seguinte fato. Durante as sessões de materialização, realizadas com aquêle médium, discos de vitrola, levados por alguns dos componentes do grupo, devidamente autentificados, mantidos em mãos pelos portadores, foram, em um momento, enrolados pelas entidades, havendo se realizado êste fenômeno por várias vêzes (ver foto n.º 3). O disco, assim enrolado, a pedido de um dos assistentes, foi, certa vez, desenrolado pela entidade. Novamente colocado na vitrola, reproduziu fielmente a música, como se não houvesse sofrido interferência, que pudesse prejudicar-lhe a gravação.

Curioso do fenômeno e desejoso de ter, por minha vez, um disco enrolado, e no ato de enrolar mantido em minhas próprias mãos, levei um, de minha casa, na suposição de ser prontamente atendido. Como já se houvessem realizado algumas sessões, sem ter alcançado o meu intento, a fim de verificar a possibilidade de visão das entidades no escuro, fiz uma experiência a título de brincadeira.

Já se achando no ambiente uma entidade de nome Atanásio, cuja presença se assinalava por uma voz assoviada, à maneira de um pássaro, sem nada dizer aos presentes, em plano escuro, agitei o disco, estendendo o braço para o ponto de onde partia a voz.

Com surprêsa, tive como resposta uma severa recriminação da parte do Atanásio, por me haver comportado de maneira tão afoita, para conseguir o meu intento, e, para castigo meu, advertiu-me que tão cêdo não conseguiria o disco enrolado.

Em outra sessão, em Niterói, com o mesmo médium, tive por outra forma a confirmação do fenômeno. Tendo-se aproximado de mim o Atanásio, e como, devido à completa obscuridade, não se podiam divisar as entidades, disse-lhe em tom de brincadeira: Tenho a impressão, Atanásio, que você é o próprio médium. "Se você quer convencer-se do contrário, vamos até onde está o médium", disse êle.

Segui, abraçado com êle, que me conduziu por entre os elementos do grupo, com absoluta segurança, como se estivesse enxergado distintamente. Parou junto ao médium e disse-me: "Veja agora" e, orientando-me: "Toque no braço do médium". "Sinta mais para baixo a presença da algema". "Não toque no corpo do médium".

Senti o braço do médium, e, nìtidamente, a presença da algema, não havendo, portanto, dúvida que ali se encontrava o médium. Voltou comigo no excuro, sem esbarrar nem de leve em ninguém, e conduziu-me, precisamente, à cadeira onde me achava assentado.

Tive a impressão, no contacto durante o percurso, que esta entidade se apresentava sob o aspecto de um indivíduo baixo e encorpado.

Durante o período de materialização, pode haver a desmaterialização parcial do médium, como em casos já assinalados por alguns experimentadores, ficando por vezes o médium com ausência temporária dos membros inferiores ou de outras partes do corpo, para assim

reunir elementos materiais para a plasmação do corpo do fantasma.

Talvez seja êste o motivo da recomendação, que me fêz a entidade, para não tocar no corpo do médium, a fim de que o fato não me ocasionasse estranha impressão. Valho-me da oportunidade, para assinalar que esta entidade se apresentava em quase tôdas as sessões, mantendo jocosas palestras com os assistentes.

Dizia, por vezes, que tinha que se retirar porque, depois de certa hora da noite, era muito difícil encontrar-se condução.

Em tôdas as sessões, variando ao extremo os componentes do grupo, havia o seu comparecimento, desenrolando-se da mesma forma e com as mesmas características os fenômenos apresentados.

Em uma das sessões no bairro do Leme, em casa do Sr. M.R., constava a sessão de quatro ou cinco pessoas da nossa intimidade, das mais respeitáveis e idôneas, e houve, como sempre, o comparecimento do Atanásio. Êstes fatos servem para assinalar a veracidade dos fenômenos, uma vez que excluem a participação de qualquer comparsa, entre os assistentes, na simulação de entidades, pois que os componentes do grupo eram renovados nas diferentes sessões e os fenômenos prosseguiam do mesmo modo.

Por outro lado, a minha experiência pessoal com o fato anteriormente relatado, verificando a presença do médium ao mesmo tempo que a dessa entidade, é outro elemento que exclue a possibilidade de haver o médium praticado fraude.

Tôda esta argumentação torna-se aliás dispensável, tendo em vista a natureza dos fatos em aprêço, visto que, na espécie humana, é impossível, a ôlho nú, a visão no escuro, excluindo também, deste modo, a possibilidade de fraude.

Tôdas as vezes que, nos diferentes pontos, onde se realizavam as reuniões, ao finalizar as sessões, uma das

pessoas da casa se dispunha a ir até ao interruptor para acender as luzes, no pequeno trecho, que percorria, fazia-o com grande dificuldade, quase sempre esbarrando ou tropeçando nos móveis, ao passo que as entidades transitavam livremente, com absoluta precisão e segurança, não esbarrando ou tocando nos assistentes ou nos móveis, senão com propósito deliberado.

Em outra sessão, que se realizou, pela primeira vez, no consultório de um conceituado cirurgião, em Niterói, com o mesmo médium, tive oportunidade de verificar fenômenos da mesma natureza. O médium foi algemado e um colega, absolutamente incrédulo, W.G. não se contentando com o uso exclusivo da algema, para evitar a possibilidade de fraude, amarrou-o com uma corda, mantendo a extremidade firmemente segura, guardando, além disso, no bolso, a chave da algema onde já se encontravam as chaves da casa e do consultório.

Em uma cabina, fechada a chave, foram colocadas uma vitrola mecânica e uma pilha de discos em envelopes.

Logo, ao se iniciar a sessão, ouviu-se o barulho de dar corda na vitrola e, a seguir, o som da música. Ao terminar os discos, pediam os assistentes músicas de sua preferência. Com surprêsa geral, estas músicas eram imediatamente tocadas, sendo para isto necessário, como se infere, retirar o disco, em plena escuridão, colocá-lo em situações variadas na pilha, retirá-lo do envelope, para ser, então, posto na vitrola.

Tive ocasião de verificar êste fato em várias sessões com êste médium, sendo os pedidos dos assistentes atendidos com a retirada dos discos, em pleno escuro, dos locais onde se achavam colocados.

Uma entidade materializada retirou, então, do bolso do colega, entre as outras chaves, exatamente a chave da algema. Desamarrou e desalgemou o médium, e cami-

Foto N.º 4. *Flor de parafina esculpida pelos espíritos materializados, em absoluta obscuridade.*

nhou para o centro do consultório, onde se achavam assentados os assistentes.

Colocou uma das braçadeiras da algema no braço de um jornalista ao meu lado, Sr. A.N., e enquanto me divertia com a ocorrência, foi colocada prontamente a outra extremidade em meu braço. Morando eu no Rio e o jornalista em Niterói, criou-se para nós um sério dilema. Não sabia se deveria levar o meu parceiro para o Rio ou se seria obrigado a dormir em Niterói.

Felizmente, a situação para ambos resolveu-se favoràvelmente, havendo a entidade deixado a chave com outro assistente.

Outro fenômeno que, nesta ocasião, pudemos todos conhecer pela descrição feita pelos que comparticiparam do fato, é que objetos como os óculos de uma determinada pessoa eram retirados, com absoluta precisão, e colocados em outra, sem o mais leve esbarrão.

Ainda com o mesmo médium, em outro local, no bairro de Lins de Vasconcelos, assistí, em plena obscuridade, a modelagem de mãos e outros trabalhos realizados com parafina. Sôbre uma mesa, colocamos uma vasilha com parafina derretida, outra com água fria e uma espátula de escultor, a pedido das entidades.

Houve a modelagem de u'a mão e do punho conservando-se a peça inteiriça, sem se romper ao nível do punho, como acontece, geralmente, ao ser retirada a mão do envoltório de parafina, por ser o volume da mão, maior do que o espaço ocupado pelo punho.

Foram ainda entregues, em mãos, a alguns dos assistentes, uma flor, à semelhança de um lírio, e outra, com as pétalas circundando a efígie de uma criança.

Estas duas flôres de parafina não foram pré-fabricadas e trazidas de casa; conservavam-se ainda quentes a ponto de serem obrigadas, as pessoas que as receberam, a passá-las, ràpidamente, de uma para outra mão a fim de não se queimarem. Ainda conservo uma delas como documentação. (Foto n.º 4).

Terminada a sessão, encontramos sôbre a mesa a luva da mão, em parafina, a espátula ainda suja, e as pequenas porções que se desprenderam, ao ser manipulada a parafina pela espátula.

Com o médium Armando Ramos e Silva, em sessões de materialização, realizadas em casa do Sr. R.P.G., no Leme, tive ocasião de presenciar o mesmo fenômeno.

Estas sessões eram realizadas com o propósito de tratamento de doentes.

A entidade encarregada do tratamento dos doentes aproximava-se, em plena obscuridade, do paciente, advertindo-o de sua presença, pisando com precisão levemente a ponta do calçado. Os pontos onde se localizavam as afecções, sem que a êles fizesse o doente a menor referência, eram visados pela entidade, que fazia aplicação de uma luz, de ação terapêutica, que mudava de coloração e intensidade.

Tinha-se a impressão de que o ante-braço da entidade, era terminado por uma lâmpada de onde a luz promanava.

Outras vezes, a presença da entidade era comunicada com um leve toque na cabeça do assistente ou pela luz discreta que se projetava da lâmpada.

Em uma dessas sessões, em plena escuridão, um cinzeiro, a pedido de um assistente, foi deslocado de um ponto para outro da sala, e um copo cheio d'água foi transportado, sem derramar, de uma pequena mesa para o assoalho ao lado da cadeira de um dos componentes do grupo (Sr. C.G.).

Sôbre o colo de cada assistente, foram em pleno escuro lançadas pequenas laranjas japonesas, inexistentes no apartamento, onde se realizava a sessão, e que não eram conhecidas por nenhuma das pessoas presentes.

Com o médium Melchíades Borges foram também presenciados interessantes fenômenos de visão no escuro.

Realizando-se a sessão em casa de um dentista, iam as entidades abrindo as portas, com barulho, até o seu gabinete dentário, de onde voltavam com instrumentos da sua especialidade, que lhe eram entregues em mãos com absoluta precisão.

Da mesma forma, transportavam flôres ou outros objetos, existentes no aposento, entregando-os em mãos dos assistentes. Uma grande jarra, colocada sôbre uma coluna, era fortemente iluminada por um facho de luz, partindo do aposento do médium, para evidenciar aos espectadores o ponto onde se achava situada, e, a seguir, o mesmo facho luminoso mostrava que no assalho da sala nada existia. Em absoluta obscuridade, a jarra era então transportada para o meio da sala, voltando o feixe luminoso a acusar ali a sua presença. Em plena obscuridade, a jarra era novamente reconduzida ao seu local, sôbre a coluna, e, novamente iluminada pela luz dirigida do aposento do médium, onde não existia nenhuma lanterna de mão ou lâmpada especial, capaz de emitir luz, por vezes, com o aspécto da luz do luar, como a que era projetada do seu aposento.

Passo a transcrever do livro de Alexandre Aksakof, ex-lente da Academia de Leipzig e conselheiro de Estado da Russia, "Animismo e Espiritismo", tradução do Dr. C.S., 2ª edição — 1956 — da página 437, sôbre o fenômeno da visão no escuro, o seguinte trecho:

"Para nos podermos orientar, nessa questão, é-nos preciso voltar a certos fenômenos físicos do mediunismo ou antes insistir sôbre certas particularidades dêsses fenômenos, por exemplo: êles podem produzir-se em escuridão completa com absoluta precisão. E' assim que, para as manifestações físicas é de uso fazer completa escuridão durante as sessões; é mesmo uma condição essencial para obter-se a produção desses fenômenos.

Nessas sessões, como se sabe, intrumentos de música giram acima da cabeça dos assistentes, sem nunca se chocar com êles; grandes caixas de músicas deslocam-se,

indo pousar em uma cabeça, mui suavemente, com perfeita precisão; quando os assistentes são tocados por mãos, o contacto se faz sem a menor hesitação, segundo sua própria fantasia ou segundo as indicações dadas pelo assistente indicado. Fica-se convencido imediatamente de que a fôrça produtora das manifestações vê às escuras tão distintamente quanto nós mesmos à luz.

Por muitas vezes verifiquei êste fato em segrêdo. Assim no decurso de uma sessão feita às escuras em casa do Sr. Everitt, em Londres, um dos Espíritos-guias, John Watt, tinha o hábito de entreter longas conversações "viva voce" por meio de um tubo de papelão colocado sôbre a mesa, e sua voz saía desse lugar. Achando-nos sentados em roda da mesa, completamente às escuras, e sem fazer a cadeia, levantei o braço direito, desejando que minha mão fôsse tocada pelo tubo, tudo isso sem dizer coisa alguma a meus vizinhos. No momento preciso em que estendi o braço, os dedos receberam na extremidade muitas pancadas dadas com o tubo.

De outra vez, em uma sessão às escuras com a Srta. Kate Cook, formávamos a cadeia; não podendo mover a mão, apenas levantei o índex com o desejo de que êle fôsse tocado; o resto da mão estava imóvel; imediatamente dois dedos me tomaram a unha e apertaram-na.

Em minhas experiências com Bredif, quando êle estava em transe atrás de uma cortina de fazenda, sucedeu-me frequentemente aproximar a mão da cortina e imediatamente sentia que no espaço sombrio, dois dedos vinham através da fazenda chocar-me a mão, ou apertá-la. O próprio aposento estava meio escuro, e teria sido impossível, para um ôlho ordinário, ver através da cortina o movimento e o lugar de minha mão. Admitindo-se, mesmo que meu desejo tenha sido conhecido pela "leitura do pensamento", isso não bastaria para explicar como se podia conhecer exatamente o local onde eu colocaria o dedo e a mão.

Pode-se fazer interessante experiência do mesmo gênero traçando um esbôço em papel que se colocará em cima da mesa, com uma tesoura, durante uma sessão às escuras; ouvir-se-á a tesoura cortar o papel, e recortar exatamente a figura desenhada".

CAPÍTULO VI

MATERIALIZAÇÃO DE TECIDOS, METAIS, PLANTAS, FLORES E OBJETOS

Pode realizar-se a materialização, não só de formas humanas e de animais, como também de tecidos, metais, flores e objetos.

Aksakof admite que "a materialização poderia produzir-se à custa de um dado objeto sem o desmaterializar completamente. A materialização temporária de um tecido produzir-se-ia, pois, à custa dos tecidos usados pelos assistentes; é o tecido que serviria de médium à materialização de um tecido".

Eis o que encontrei a respeito, diz Aksakof, em uma comunicação:

— "E' impossível formar semelhante matéria, a menos que u'a matéria correspondente esteja de posse do médium ou dos assistentes, visto que qualquer coisa do mundo da matéria tem a sua correspondente no mundo espiritual. Geralmente, é a côr branca a escolhida; porém, se na sala onde se realiza a sessão, se colocam côres vegetais, então, quase cada um de nós poderia mudar a côr branca de sua roupa em uma das gradações representadas na sala. Êsse fenômeno poderia, depois de uma série de experiências, ser produzido debaixo da vista dos assistentes, quer com a fazenda fabricada por nós, quer com o tecido fabricado em vosso mundo". (The Spiritualist, 1878, I, pág. 15). (1)

Ainda transcrito do "The Spiritualist", cita Aksakof um caso narrado pelo Sr. Harrison nas sessões presenciadas por William Crookes, com a médium Cook,

(1) — "Animsimo e Espiritismo". págs. 126 e 127.

e a forma materializada conhecida como Katie King. "Eis como o Sr. Harrison, editor do "The Spiritualist", testifica êste fato, diz Aksakof: — A forma feminina, que se apresentava com o nome Katie, estava sentada no soalho, aquém da porta que comunicava com a sala que servia de gabinete escuro. Nesse gabinete podíamos ver, durante tôda a sessão, aquela que julgávamos ser a Sra. Florence Cook; sua cabeça não estava voltada para nós, de maneira que não podíamos ver-lhe o rosto, mas podíamos distinguir-lhe o vestido, as mãos e os sapatos. Katie estava no chão fora do gabinete; muito perto dela, estavam sentados, de um lado o Sr. W. Crookes, do outro o Sr. Tapp. Entre as pessoas presentes achavam-se os pais da médium, a Sra. Ross Church, eu e ainda outras pessoas, cujos nomes me escapam. Katie ccrtou da aba de seu amplo vestido, cêrca de dez retalhos, e os distribuiu entre os assistentes; os recortes que fez em seu vestido eram de diversas dimensões, e podia-se fàcilmente introduzir a mão em alguns. Irrefletidamente, eu lhe disse:

"Katie, se pudesses reconstituir o tecido como fazias algumas vezes...

— E' conveniente notar que tudo isso se passava à luz do gás e em presença de numerosas testemunhas. Apenas eu tinha externado o meu desejo, ela dobrou tranquilamente a parte recortada de seu vestido com a que tinha ficado intacta e descobriu-a logo depois; aquela operação não durou mais de três ou quatro segundos.

A aba de seu vestido estava inteiramente restaurada: não se via mais um só buraco. O Sr. Crockes pediu para examinar o tecido, no que acedeu Katie; êle apalpou tôda a parte recortada, centímetro por centímetro, examinou-a atentamente, e declarou que não havia mais ali a menor solução de continuidade, recorte ou costura, nem vestígio de qualquer natureza. O Sr. Tapp pediu permissão para fazer outro tanto, e,

depois de longo e minucioso exame, deu o mesmo testemunho". ("The Spiritualist", 1877, nº 246, pág. 218). (1).

Um distinto colega S.C., que há longos anos vem acompanhando os fenômenos de materialização, cita uma memorável sessão por êle e seu irmão M.C. assistida em São Paulo, na cidade de Sorocaba, à rua Oeteres, 443, em que houve a materialização de tecidos e objetos.

O recinto, onde se realizou a sessão, achava-se iluminado com uma lâmpada vermelha de modo a permitir a visão perfeita dos assistentes e das formas materializadas. Houve a materialização sucessiva de nove entidades.

Um dos espíritos materializados, Carolina de Azevedo, falecida há trezentos anos, em Ouro Preto, apresentou-se com um vestido branco de tafetá, de longa cauda, cabelos à moda da época, fixados com travessas, leque de madrepérola, anéis, colar e pulseiras.

Como no caso observado por William Crookes, aproxima-se a forma materializada, toma uma das mãos de S.C., nela depositando um pedaço de pano que presumiu êle haver sido retirado do vestido de tafetá que ela trazia. O seu irmão M.C., desejoso de possuir uma prova igual do fenômeno, pede-lhe que também lhe dê um retalho do vestido. Do local que foi destacado o pedaço ficou um buraco que desapareceu ao ser tocado pela mão da entidade, com o fim de fazer desaparecer a solução de continuidade do tecido. Os dois retalhos, guardados cuidadosamente pelos dois assistentes do fenômeno, depois de alguns mêses, desapareceram espontaneamente.

E' êste um dos caraterísticos do fenômeno de materialização: o desaparecimento dos objetos materializados, depois de decorrido um certo tempo da materia-

(1) — "Animismo e Espiritismo" págs. 126 e 127.

lização. Além disso, o fato de persistir o objeto materializado mêses depois da materialização, podendo ser visto por outras pessoas que não comparticiparam da sessão, exclue a possibilidade de explicação do fenômeno pela hipótese alucinatória, uma vez que o objeto materializado persiste fora da influência do médium.

Outra entidade, que se materializou, apresentou-se sob o aspécto de uma bailarina espanhola, tocando panderete, sendo conhecida dos moradores da cidade, onde residiu quando em vida.

Como na observação realizada por W. Crookes com a médium Florence Cook, em época recente, dezembro de 1946, reproduziu-se o fenômeno da materailização de tecido à vista de grande número de pessoas.

Como fato ilustrativo, operou-se, ainda nessa sessão, a materialização de outros objetos, como aneis, leque de madrepérola, travessas para o cabelo, pandeiro, colar e pulseiras, que foram ostentados pelas entidades como objetos de adôrno ou como instrumento de percussão para dança.

Havendo se realizado a sessão em cidade do interior e em ambiente modesto, o fato de se apresentar uma entidade em rica vestimenta de baile, com vestido de cauda, cabelos artísticamente penteados à moda da época, já representa um poderoso argumento em favôr da realidade do fenômeno e do afastamento da hipótese de fraude.

Cumpre ainda assinalar que a cabina foi minuciosamente inspecionada por S.C., seu irmão e outro médico presente, passando por igual prova a médium, Sra. Doroty Pupo, que foi examinada em sua vestimenta pela cunhada de S.C. e mais duas senhoras, que faziam parte do grupo de visitantes.

Além do mais, o fato da materialização do espírito de uma pessoa conhecida na localidade, e reconhecida pelos presentes, é outro elemento em favor da realidade dos fenômenos observados.

Relativamente à materialização de metais é muito ilustrativa a observação realizada por Richet e G. Delanne, na Algéria, com a médium Marta Béraud, filha de um oficial superior. (1) A observação foi conduzida debaixo das mais rigorosas condições de vigilância e contrôle.

Houve a materialização de um espírito, Bien-Boa, trazendo na cabeça um capacete metálico, envolvido de véu branco. O fantasma foi visto pelos observadores ao mesmo tempo que a médium.

Foi nesta interessante sessão que Richet pôde verificar a turvação da água de barita, pela respiração do fantasma, demonstrando, assim, a capacidade que possui a forma materializada de eliminar anidrido carbônico na expiração, como um ser vivo.

A fotografia do fantasma acha-se reproduzida à página 661 do livro de Richet, onde se vê uma figura de barba, com vestimenta branca, destacando-se nitidamente o capacete materializado, o que demonstra a possibilidade da materialização de objetos de metal.

Por outro lado, a prova fotográfica da figura materializada afasta totalmente a hipótese alucinatória para a explicação do fenômeno.

Aksakof relata um caso de desmaterialização e rematerialização de dois anéis de curo, fato presenciado pelo Sr. Cateau Van Rosevelt, membro do Conselho privado da Guiana Holandeza, em sessão realizada em Londres com Kate Cook irmã da célebre Florence Cook. (2).

O fenômeno passou-se da seguinte forma: A Sra. Cook, mãe da médium, entregou ao Sr. Van Rosevelt dois anéis de ouro que foram por êle dados a uma entidade materializada, que os colocou nos dedos. Ponderando-lhe, então, o Sr. Van Rosevelt que não poderia mais fazer ela uso dos anéis, por já pertencer ao mun-

(2) — "Animismo e Espiritismo" pág. 139.

do dos espíritos, entregou-lhe novamente os anéis recomendando-lhe que os segurasse bem, que ia dissolvê-los.

Apesar de segurar fortemente os anéis entre os dedos, notou que diminuiam de volume, desaparecendo totalmente no prazo de cêrca de meio minuto, para logo depois, surgirem na mão do espírito materializado. O Sr. Van Rosevelt recebeu-os e devolveu então à Sra. Cook. — ("The Spiritualist", 1879, pág. 159).

Cita ainda Aksakof outro caso de materialização de um anel de ouro.

"Eis um fenômeno que foi observado em uma série de sessões, inteiramente íntimas, dadas por um círculo com um médium amador, o Sr. Spriggs; êsse fenômeno é referido por um dos membros do círculo, o Sr. Smart, em carta publicada no "Light de 1886, pág. 94: "A mesma figura materializou certo dia um anel de ouro, cuja dureza ela demonstrou, batendo com êle no abajur da lâmpada e comprimindo com êle as nossas mãos. O que há de curioso nesse fato, é que, para auxiliar a materialização, ela pediu a corrente de ouro de um assistente, colocou-a na mesa e fêz passes na corrente em sua própria mão, como se quisesse tirar dela uma parte dos elementos mais sútis". (Ver o Médium, de 1877, página 802)".

Com relação à materialização de plantas e flôres, cita Aksakof um caso testemunhado pelo Sr. A. J. Davis e publicado no "Herald of Progress". (1)

"Em um dos círculos espíritas de Nova Iorque, produziam-se frequentemente belas flôres dotadas de vida momentânea, criadas artificialmente com o auxílio de elementos químicos esparsos na atmosfera. Êsses espécimens da criação espírita eram em seguida, oferecidos aos membros do círculo; cada uma dessas flôres era por conseguinte posta ao alcance dos nossos sentidos;

(1) — "Animismo e Espiritismo", pág. 139 e 130.

seu prefume impressionava diretamente o olfato; a haste e as folhas podiam ser tocadas, mantidas na mão. No decurso de uma dessas sessões, uma comunicação espírita nos convidou a colocar uma daquelas flôres em cima do fogão, o que foi realizado por um dos membros do círculo que voltou imediatamente ao seu lugar. Aos olhos dos assistentes, que fixamente olhavam para a flor, ela desapareceu completamente, depois de doze minutos". ("The Spiritual Magazine" 1864, pág. 13).

Do livro de Wolfe, "Fatos surpreendentes" (pág. 508 e 538) transcreve Aksakof o seguinte caso, (I): "Por baixo da toalha da mesa, viu-se uma luz tornando-se cada vez mais intensa, até que uma bela flor se materializou completamente; então, a flor foi atirada no quarto, a uma distância suficiente para que se pudesse ver completamente a mão que a segurava. Observada durante meio minuto, ela desapareceu, mas para apresentar-se de novo. A flor não estava a mais de 12 polegadas de nossos olhos. Por seu tamanho, forma e côr, a flor assemelhava-se a uma rosa mousseuse".

Não sendo as flôres fotografadas nos dois casos aqui relatados, em virtude de sua duração efêmera, acha Aksakof que o fato não se presta, apesar da sua realidade, para invalidar a teoria alucinatória, admitida por alguns autores.

Julga, no entanto, que representam êsses fatos "os antecedentes naturais da materialização de flôres e frutos, produzida debaixo dos olhos e com o caráter de materialidade permanente".

Em duas sessões com o médium Armando Ramos, que, além da mediunidade de materialização, possui mediunidades de incorporação, de vidência, audiência e psicográfica, tive ocasião de presenciar o fenômeno de materialização de uma flor e de pétalas.

Estas sessões de incorporação foram realizadas na residência do médium. A iluminação da sala, por um

abajur de luz verde, deixava ver nìtidamente tôdas as pessoas e todos os fatos que pudessem ocorrer.

Dirigiu o médium a palavra a uma pessoa invisível pelos presentes, e a seguir estendeu a mão direita espalmada, na atitude de quem recebe um objeto.

Com surpresa de todos, brotou instantaneamente uma rosa branca, de aspécto viçoso, na palma da mão, sendo entregue por êle a uma das pessoas presentes. Cumpre esclarecer que na residência não havia rosas. Não se pode com segurança concluir se se trata, no caso em aprêço, de um fenômeno de materialização ou de transporte. Alguns autores, como Aksakof, julgam que no transporte há o fenômeno de desagregação momentânea da substância sólida, seguida da sua reconstituição imediata, isto é, a sua desmaterialização seguida de materialização subseqüente. Sob o ponto de vista prático, mesmo que se trate de um fenômeno de transporte, nêle acha-se incluida, conseqüentemente, a materialização.

De outra feita, ainda em casa do mesmo médium, em estado de incorporação, pude observar o fenômeno de materialização de pétalas. Em noite quente de verão, achando-se êle vestido de calça escura e camisa branca, de meia manga, alçou o braço direito na atitude de quem retira alguma coisa do alto, fêz movimentos sucessivos com os dedos e vimos cair sôbre a mesa, onde nos achávamos reunidos, um punhado de pétalas de flores murchas e já meio escurecidas. A rosa foi guardada pela senhora que a recebeu e, muito tempo depois, mantinha-se intacta, sem desaparecer. Não me foi possível apurar o que ocorreu às pétalas depois de materializadas.

Nesses dois casos, não havia a possibilidade de fraude, tendo-se em vista que, nas duas vezes, apresentava-se o médium com camisa de meia manga e com o braço, numa ocasião, voltado para cima, e na outra, em posição horizontal, condições essas que não favorecem as

manobras de presdigitação nas quais o operador, para facilitar o truque, adota vestimenta de mangas compridas e braços voltados para baixo.

O fenômeno foi visto nìtidamente, pcr todos os presentes, dadas as boas condições de iluminação do ambiente.

Por outro lado, a presença da flor tempos depois da materialização, ccnstitui uma prova em favor da realidade do fato, afastando assim a hipótese alucinatória para a explicação do fenômeno.

Fato idêntico tive ccasião de presenciar à rua Visconde de Pirajá com um médium de incorporação. Depois de alguns passes, por êle feitos, sôbre a cabeça e compressão na região epigástrica, emitiu pela bôca uma rosa branca que foi lançada em copo com água. Mantinha a flor o seu frescor e as pétalas intactas, como se não houvesse passado pelo estômago, o que é provável que haja ocorrido, uma vez que a sessão se prolongou por mais de uma hora, tempo mais que suficiente para que as pétalas pudessem sofrer a ação do suco gástrico, caso o médium a houvesse prèviamente engolido.

Além disso, tendo sido o copo submetido ao exame das pessoas presentes, foi observado que não apresentava a flor o cheiro característico da secreção gástrica.

Pelo dono da casa, onde se realizou a sessão, foi distribuida uma pétala para cada assistente. A pétala que recebí, envolvida em papel celofane, cêrca de um mês depois, justamente no mcmento que estou escrevendo, apresenta-se murcha e amarelada, conservando-se, portanto, íntegra, sem se desmaterializar.

O fenômeno, como no caso anterior, ocorreu em ambiente bem iluminadc, sendo por todos observadc.

Relativamente à materialização de plantas, transcrevo do livro de Aksakof (I) o seguinte: "Os fatos mais

(1) — "Animismo e Espiritismo" — pág. 131.

notáveis desse gênero são os que se produziram pela mediunidade de Mme. Esperançe de Newcastle, e que são referidos, "in extenso", no "Médium" de 1880, págs. 528, 538 e 542, e também no "Herald of Progress" de 1880, publicado em Newcastle. Esse fenômeno manifestou-se de três maneiras:

1º — em um copo d'água; 2º — em uma caixa com terra fresca; 3º — em uma garrafa com areia e água. Isto se passava em sessões de materialização; a médium se tinha retirado para um gabinete, e o operador era uma figura materializada que se apresentava como uma jovem árabe chamada Iolanda. Eis alguns pormenores sôbre as três formas apresentadas pelo fenômeno, debaixo das vistas de numerosas testemunhas e por várias vêzes:

1º — O Sr. Fitton tinha colocado na palma da mão um copo com um pouco de água à vista de todos; nada mais havia no copo, porém, depois que Iolanda fêz alguns passes, o Sr. Fitton viu um botão de rosa no copo; êsse botão entreabriu-se em pouco tempo até o meio, e Iolanda tomou-o e entregou-o ao Sr. Fitton. Êsse mostrou-o durante alguns instantes à Sra. Fidler, e, quando o recebeu de novo, viu que, nesse curto intervalo, a flor tinha desabrochado. ("Médium, 1880, pág. 466).

2º — Para a reprodução de uma planta inteira, o operador misterioso pediu uma caixa com terra fresca e uma planta viva e sã que serviria de médium, o que foi fornecido por um dos assistentes. Na sessão de 20 de Abril de 1880, a caixa que continha a terra foi depositada no centro da sala, e a planta-médium, um pé de jacinto, perto da caixa. Iolanda regou a terra com a água que lhe deram, depois cobriu a caixa com um pano e retirou-se para o gabinete. Ela saía dali de instante em instante, fixava o pano durante alguns momentos ou fazia passes, em seguida retirava-se de novo. Depois de cêrca de vinte minutos, o pano pareceu le-

vantar-se e aumentar gradualmente em altura e largura. Então Iolanda retirou o pano e viu-se na caixa um grande e belo pelargonium, em tôda a sua frescura, da altura de 25 polegadas, com folhas da largura de 1 a 5 polegadas; êle foi transplantado para um jarro ordinário e continuou a viver enquanto que a planta-médium não tardou em definhar. (Médium, 1880, pág. 306). Foi do mesmo modo que se produziu, na sessões de 22 de Junho no espaço de cêrca de meia hora, um belo morangueiro, apresentando frutos em diversos graus de maturação; a planta que serviu dessa vez de médium era um gerânio. ("Médium", 1880, pág. 466).

3º — A produção de uma planta em uma garrafa, na sessão de 4 de agosto, é descrita pelo Sr. Oxley, no "Herald of Progress" (nº 8).

"Saindo do gabinete, Iolanda pediu, por meio de sinais, que lhe dessem uma garrafa, água e areia (o que acabava de ser obtido justamente antes da sessão); em seguida, agachando-se no soalho, perante tôdas as pessoas, chamou o Sr. Reimers, que, conforme as suas instruções, deitou na garrafa um pouco d'água e de areia.

Iolanda depositou a garrafa no centro da sala, fêz alguns passes, cobriu-a com um pano pequeno e leve e dirigiu-se para o lado do gabinete, a uma distância de cêrca de 3 pés da garrafa. Naquele mesmo momento, percebemos que o quer que fôsse se levantava debaixo do pano e ampliava-se em tôdas as direções, atingindo a altura de 4 polegadas. Quando Iolanda se aproximou e retirou o pano, verificamos que tinha desenvolvido, na garrafa, uma verdadeira planta, com raizes, haste e folhas verdes. Iolanda tomou a garrafa entre as mãos, aproximou-se do lugar onde eu estava e ma entregou. Recebí-a em uma das mãos e examinei-a juntamente com o meu amigo Cálder; a planta ainda não continha flôres. Coloquei a garrafa no soalho, a 2 pés de mim. Iolanda entrou no gabinete, onde ouvimos o som de

pancadas que tinham esta significação, segundo o alfabeto convencionadc: "Agcra, olhai para a planta". Então Cálder, tomando a garrafa e suspendendo-a no ar, exclamcu, cheio de admiração: "Vêde, há uma flcr!" Efetivamente, a planta continha uma grande flor. Durante cs pcucos minutos em que a garrafa tinha ficado a meus pés, a planta tinha crescido 6 polegadas, lançando muitas folhas novas e uma bela flor de côr vervelho-dourada ou alaranjada". ("Médium", 1880, pág. 529).

Êsse fato não era uma alucinação, como o atesta uma fotografia da planta feita pelo Sr. Oxley no dia seguinte. Verificou-se que a planta era uma Ixora crocata; o seu desenho está anexo ao artigo do Sr. Oxley, no "Herald", bem como no livro da Sra. Emma Hardinge Brittan, "Os milagres do Século XIX", e na edição alemã dessa obra.

O Sr. Oxley, a quem eu me tinha dirigido pedindo algumas informações, teve a bondade de me fazer aceitar, por ocasião de me responder, uma bela fotografia representando a planta inteira na garrafa, deixando ver as raízes e a areia na qual elas cresceram. Em sua carta, o Sr. Oxley confirma o fato da origem extraordinária daquela planta; êle diz entre cutras coisas: "Nunca menos de vinte pessoas eram testemunhas dêste fenômeno, que se deu à luz moderada, porém suficiente para se ver o que se passava. O pano tocava imediatamente no gargalo da garrafa, e pudemos mui distintamente vê-lo elevar-se gradualmente. "O Sr. Oxley teve a bondade de enviar-me uma parte da própria planta, para ser comparada com a fotografia; era precisamente a parte superior, com a flor e três fôlhas, cortadas e postas abaixo de um vidro imediatamente depois da execução da fotografia. As fôlhas mediam de 17 a 18 centímetros de extensão e 6 centímetrcs de largura; quanto à flcr, constava de um feixe de quarenta pistilos

de uma extensão de 4 centímetros, e terminando cada um por uma flor composta de 4 pétalas.

À página 138, faz Aksakof (I) o seguinte comentário a respeito do fenômeno: "Certamente nada se faz do nada, e aquelas plantas não se formaram do nada. Não nos achamos em presença de um simples (!) fenômeno de transporte, isso é evidente, pois que houve desenvolvimento gradual, o que é precisamente um dos caracteres do fenômeno da materialização, como se pode julgar pelas experiências acima descritas, nas quais o fenômeno se produziu debaixo das vistas de todos os observadores. Êsse desenvolvimento gradual é cada vez mais evidente quando se verifica que a planta, depois de ter sido posta a descoberto e bem examinada, ainda cresceu 6 polegadas, produziu muitas fôlhas e uma grande flor de 5 polegadas de diâmetro, costando de cêrca de cinqüenta flores pequenas — o que prova que havia na parte da planta produzida na primeira fase uma grande concentração de vitalidade e de elementos materiais que ainda estavam em estado latente. Como as plantas materializadas, de que acabamos de falar, não se assemelhavam às plantas que serviram de médium, e como a Ixora foi produzida, conforme parece, sem o concurso de nenhuma outra planta, somos levados a supor que assistimos aqui a um fenômeno misto de transporte e de materialização; poder-se-ia, pois, supor que essas plantas foram desmaterializadas na ocasião e que, sendo conservada a sua essência típica, elas foram gradualmente rematerializadas durante a sessão, com o auxílio da essência vital de outra planta, ou mesmo sem isso.

Como quer que seja, trata-se sempre de um fato de materialização produzida debaixo dos olhos dos observadores, e o seu caráter não alucinatório fica estabelecido.

O insucesso de uma experiência dêsse gênero nos servirá para demonstrar que não se trata de simples

transportes; para uma dessas sessões, tudo foi preparado como de costume: a caixa com a terra, a água, uma cobertura e a planta-médium. Iolanda apareceu, executou tôdas as manipulações habituais e finalmente repeliu a caixa com um aborrecimento tão manifesto que teria excitado a hilaridade em qualquer outra circunstância menos interessante. Ela nos disse, em explicação, que a terra era de má qualidade e cheia de bolor; que, por conseguinte, só se tinha produzido bolor sob sua influência ("Médium", pág. 466). E' evidente que um transporte nada teria tido de comum com a terra e com a sua qualidade".

(1) — "Animismo e Espiritismo", pág. 138.

Foto N.º 5. *(Espírito Materializado de Ana), nos foi cedida pelo Dr. R. A. Ranieri — vê-se uma figura materializada com todo o aspecto de um ser vivo.*

CAPÍTULO VII

MATERIALIZAÇÃO DE FORMAS HUMANAS

Pode ser a materialização completa, ou incompleta.

Há na materialização completa a plasmação temporária de um ser com o aspecto físico e as funções de um ser humano vivo. Na materialização parcial, ou incompleta, pode haver a formação de um membro, das mãos, dedos, do busto, cabeça, aparelho vocal, etc.

Na materialização completa, a figura temporàriamente constituida pode ser fotografada ou tocada, quando permitido, dando a impressão de um ser vivo em plena função e atividade. Assim é que, como um ser vivo, locomove-se, respira, e, por vezes, fala e escreve, comunicando-se diretamente com o meio.

Pela ausculta, ouvem-se-lhe os batimentos cardíacos, do mesmo modo que se podem verificar, ao exame clínico, os caracteres do pulso e aquilatar das condições pulmonares.

Como se pode fàcilmente concluir, é êste um dos mais extraordinários e surpreendentes fenômenos da metapsíquica.

Charles Richet a êles assim se refere (I): "Preliminarmente tem-se que admitir que os fenômenos são verdadeiros ou que são devidos à fraude. Sei que os fenômenos são extraordinários e tão monstruosamente extraordinários que, à primeira vista, tem-se a tendência de admitir, como mais provável, a hipótese de uma enorme fraude, repetida, constante. Mas será possível esta fraude? Verdadeiramente, não creio".

(1) — TRATADO DE METAPSÍQUICA, pág. 609.

"Quando penso nas precauções que todos nós tomamos, vinte vezes, cem vezes, mil vezes, é inadmissível que todos nós tenhamos sido vinte vezes, cem vezes, mil vezes enganados".

E à pág. 715: "Há presentemente provas bastantes para que a materialização experimental — ectoplasmia — possa ocupar uma situação definitiva na ciência. Certos estamos de que neste terreno não compreendemos absolutamente nada".

"Tudo isso é completamente absurdo (se é que se pode admitir que uma verdade possa ser absurda). Fui acremente censurado pelos espíritas por ter recorrido à palavra absurdo; não poderiam êles compreender que era para mim sumamente penoso admitir a realidade dêsses fenômenos. Mas para se fazer a um fisiologista, a um físico ou a um químico, admitir que do corpo humano sai uma forma que tem circulação, calor próprio e músculos, que exala anidrido carbônico, que tem pêso, que fala, que pensa, é pedir-lhe um esfôrço intelectual que é verdadeiramente doloroso. Sim, é absurdo, mas pouco importa: é verdadeiro"|

"Além do mais, as materializações não devem ser consideradas como um fenômeno isolado. Precisam ser relacionadas com as telecinesias, com as alucinações coletivas. Constitui, então, o conjunto, um edifício de provas irrefutáveis diante das quais tem que se inclinar a nossa débil ciência atual, cujo papel é a princípio constatar, e depois, se possível fôr, compreender".

Tão impressionado e surpreendido ficou Richet com o empolgante e quase inadmissível fenômeno da materialização, que chegou ao extremo de precaução de se cercar dos mais requintados processos técnicos e individuais para eliminar totalmente, nas suas experiências, tôda e qualquer hipótese de fraude. Da mesma forma, procedeu William Crookes.

Se, em todas as épocas, impõem-se as mais rigorosas providências contra a mistificação e a burla, nos

estudos desses fenômenos, muito mais ainda, naquela época, se impunham cuidados redobrados dos dois pioneiros da metapsíquica quando tinham em vista desbravar um campo virgem do conhecimento humano e demonstrar, com provas esmagadoras e insofismáveis, a realidade de um "verdadeiro absurdo", que contraria os conhecimentos gerais já estabelecidos e os princípios fundamentais da ciência.

Foi verdadeira temeridade dêstes dois vultos mundiais o enfrentarem os conceitos estatuidos pela ciência, provocando grande revolução que virá abalar os seus alicerces, há centenas de anos estabelecidos.

Sòmente êsses dois gigantes da ciência, arriscando o conceito valorosamente alcançado pelos seus elevados méritos e títulos científicos, poderiam comprovar a realidade de fenômenos excepcionais, que Richet muito acertadamente classificou de absurdos.

Outros nomes de grande projeção e de igual alcance científico, ao mesmo tempo, estudaram os fenômenos ou a êles se seguiram na tarefa árdua de quebrar a resistência dos meios conservadores, com a comprovação documentada de fatos por êles criteriosamente estudados.

Richet, para demonstrar a sua vigilância e conhecimento a respeito do mecanismo de fraudes, estuda no seu livro minuciosamente, em inúmeras páginas, a técnica e as possibilidades que podem adotar os médiuns para a fraude e mistificação.

Nos casos neste meu trabalho relatados, a não ser nos fenômenos premonitórios e em outras circunstâncias que me obrigaram a recorrer a transcrição de livros clássicos e a informes e narrativas de pessoas idôneas, de meu conhecimento, todos os fatos foram por mim presenciados, fatos êsses cuja autenticidade se impõe pelas circunstâncias que os rodearam e que excluem tôda a possibilidade de fraude.

Ainda que possa ter havido, posteriormente, com algum dos médiuns com os quais foram observados os fenômenos, alguma fraude, isso absolutamente não invalida a natureza dos fatos que, por mim e por um grupo de pessoas idôneas, foram presenciados, uma vez que a evidência dos mesmos decorre das circunstâncias que os rodearam, o que fàcilmente se pode deduzir da leitura dêste trabalho.

A fraude verifica-se de preferência com os médiuns profissionais, ou com aquêles de condições econômicas precárias e que, para a sua manutenção, usufruem da mediunidade subsídios econômicos para prover às suas necessidades. Nestes casos, como nem sempre os fenômenos se apresentam com regularidade, não se realizando as materializações em tôdas as sessões programadas, o médium profissional, para dar satisfação ao público contribuinte, lança mão de truques e mistificações. Outra causa, que favorece a mistificação, é realizarem-se as sessões no domicílio do médium ou em local por êle adredemente preparado.

Quando as sessões se fazem em ambiente que lhes é estranho, e onde comparecem em trajes sumários, a ocorrência da fraude torna-se muito mais difícil. Para o observador experimentado, que vem acompanhando o médium em sessões sucessivas, torna-se muito mais difícil a possibilidade de ser mistificado, uma vez que pode fàcilmente surpreender as modificações que possam ser introduzidas no conjunto de fatos já conhecidos e nas condições especiais que rodeiam os fenômenos.

O elemento fundamental e indispensável para que possa realizar a materialização de formas humanas, é o médium. E' por seu intermédio que se processa o fenômeno da materialização.

O ectoplasma, que é fornecido pelo médium, é a substância plástica indispensável á estruturação somática da figura materializada.

Ainda que, em capítulo anterior, tenham sido feitas referências e apreciações sôbre o ectoplasma, serão aproveitados, para maiores esclarecimentos, as observações e estudos que foram feitos por outros pesquisadores e estudiosos sôbre a natureza desta substância.

Assim, Sérgio Valle, médico de grande cultura e estudioso dos fenômenos metapsíquicos, no seu interessante livro "Silva Mello e os seus Mistérios, à pág. 303, descreve da maneira seguinte o ectoplasma: "Do nosso corpo transuda uma substância dócil, que cede à nossa vontade organizadora, executa as idéias formuladas verbal ou mentalmente pelos circunstantes ou pelo próprio médium. E' vaporosa, alvíssima, luminescente, ao mesmo tempo viva e amorfa, sensível, dotada de movimentos coleantes como o dos reptis. Organiza-se e exterioriza-se dentro do maior polimorfismo, aparecendo e desaparecendo, como relâmpago. Possui instinto de conservação semelhante ao dos invertebrados. Temente aos contatos, está sempre pronta a ocultar-se e a reabsorver-se; oferece certa resistência ao tato, comparável à clara de ovo; sua temperatura é inferior à do ambiente; tem vocação irresistível para se organizar ràpidamente em formas vivas. E' o ectoplasma de Richet, é a matéria-prima viva e exteriorizável, capaz de ser plasmada pelo poder da Idéia e do Pensamento, cujos segredos estão nas mãos de Deus."

À página 307 do mesmo livro transcreve Sérgio Valle do "Light" 1921, págs. 809-810 um interessante relato a respeito das manifestações do ectoplasma, fenômeno observado pela Sra. Felícia Scatcherd, com a médium Eva Carrière: "Ainda estávamos conversando, quando, de repente, vimos aparecer no assoalho abundante massa de substância, cêrca de 18 polegadas distante e à esquerda da cadeira da médium. Substância era essa de alvura extraordinária e ligeiramente luminosa. De mim para mim, pensei: "como se pode produzir semelhante coisa? Quem sabe se essa substância está

ligada à médium? E o contrôle da médium logo respondeu à minha pergunta mental, dizendo: — "Não há ligações quaisquer; pode passar a mão entre a substância e o corpo da médium". Assim o fiz, sem inconvenientes.

Depois, coloquei um lenço branco, perfeitamente limpo, ao lado da substância, a fim de lhe avaliar a alvura e verifiquei que o lenço me parecia antes cinzento, comparado à substância misteriosa. Coloquei-me à feição de poder tocar a substância sem ser vista, mas, quando estava a pique de o fazer, todo o corpo da médium se contorceu em convulsivo espasmo, e o contrôle exclamou: "Não me toque, não me toque porque me mataria!" Arrependida da tentativa inconsiderada, humildemente procurei desculpar-me. Todavia, mais tarde, espontâneamente me autorizara esse toque, e assim constatei que essa substância oferece certa resistência ao tato, comparável à clara do ôvo. E quanto à sua temperatura, pareceu-me um pouco inferior à do ambiente em que nos encontrávamos.

Seria interessante pesar essa substância, disse eu à Sra. Bisson, mas compreendo, ao mesmo tempo, que se nos torna impossível fazê-lo, de vez que o seu manuseio pode prejudicar a médium.

Sorriu-se a Sra. Bisson e, dirigindo-se à filha, pediu-lhe fôsse à cozinha buscar uma balança. Nesse ínterim, a mágica substância alongou-se, tomou forma de um réptil, de onde concluo houvesse compreendido o que dela pretendíamos. Chegada a balança, foi-me dado experimentar uma das mais fortes emoções da minha vida. E' que a substância, qual serpente que se levantasse sôbre a cauda, viera colocar-se num dos pratos da balança, que estava sôbre um pedestal, na altura de 10 polegadas do assoalho. E ali permaneceu todo o tempo necessário à verificação do seu pêso, por mim julgado levíssimo, em relação ao volume. Serpeando depois para trás, deixou o prato e baixou ao assoalho, para retomar

o primitivo aspécto informe. Enquanto eu a observava, sumiu-se. Não se retraiu, não se dissolveu: simplesmente — desapareceu".

Em exame microscópico, realizado por Schrenck Notzing, em resíduos de ectoplasma, encontrou êle: "fragmentos de tecido epitelial, formas bacterianas e apreciável quantidade de gordura. Por vezes, pôde caracterizar tecido de aparência vegetal e, em outros casos, encontrou como que um fio de algodão envolvido de uma substância granulosa não determinada". (I)

Foram transcritos estudos e observações realizadas sôbre o ectoplasma tendo em vista o papel primordial que êle desempenha no fenômeno da materialização.

Passo, então, a tratar dos estudos e observações empreendidos em tôrno do fenômeno de materialização.

Charles Richet, a respeito dos caracteres físicos do ectoplasma e do desenvolvimento do fenômeno objetivo da materialização, observado por Schrenck Notzing e Mad. Bisson, com a médium Eva, assim se manifesta: "A palavra ectoplasma, que eu havia imaginado para as experiências de Eusápia, parece plenamente justificada; é exatamente uma espécie de protoplasma gelatinoso, amorfo a princípio, que sai do corpo do médium e adquire forma mais tarde. Sôbre quase tôdas as fotografias, vê-se distintamente esta embricgenia da materialização. A princípio, há sempre véus brancos, manchas leitosas e é no interior desta massa gelatinosa, especie de musselina úmida e pegajosa, que figuras, dedos, desenhos, pouco a pouco se formam" (1)

No livro de autoria do Dr. Rafael Américo Ranieri, "Materializações Luminosas" (*) são publicadas às páginas 215, 217, 219 seqüências de fotografias reproduzindo as fases de evolução progressiva do ectoplasma desde a fase inicial até a formação de uma face humana. As foto-

(1) — TRATADO DE METAPSíQUICA, págs. 669 e 670 (Richet).

(*) Edição Lake — S. Paulo.

grafias foram tiradas, em Pedro Leopoldo, com a presença de Francisco Cândido Xavier, e de outras pessoas de responsabilidade, tendo como médium Francisco Lins Peixoto.

No início, nota-se a presença do ectoplasma sob o aspecto de uma substância branca, saindo pela bôca, ouvidos e nariz do médium, ainda em pequena porção, na primeira fotografia, que se vai ampliando, na segunda fotografia, para no final apresentar no centro, nitidamente perceptível, o "rosto materializado do espírito de Pinheiros, pessoa que viveu e desencarnou em Macaé, Estado do Rio".

Esta importante documentação fotográfica confirma a observação, realizada por Schrenck Notzing e Mad. Bisson, do fenômeno de materialização.

O Dr. Hernani Guimarães Andrade, no seu interessante livro "A Teoria Corpuscular do Espírito", teoria esta que se fundamenta na "Teoria Atômica da Matéria", tratando da materialização ou ectoplasmia, à página 199, assim explana a sua teoria: "Na formação do ectoplasma, e em especial nas ectoplasmias, o que se passa lembra muito o desenrolar da electrólise. De um lado, situa-se o médium, correspondente à placa de cobre abastecedora no electrólito; do outro, vamos encontrar os campos biomagnétos da estrutura perispiritual, representando a tela receptora invisível. Entre um e outro, deverá existir certa diferença de potencial, capaz de orientar o ectoplasma sacado do soma físico mediúnico". "A fôrça desagregadora, necessária à dissolução molecular do protoplasma celular, seria proporcionada por uma alta concentração de cargas biônicas, cuja atração e repulsão, tipo electrostática, agiria como dissolvente dos liames moleculares". "As ligações das cadeias protéicas, e mesmo das de outras moléculas, poderiam romper-se sob a ação das cargas biônicas aplicadas à estrutura perispiritual. Uma vez liberta dos seus laços materiais e espirituais, a substância orgânica, fortemente

"bionizada", acha-se em condição semelhante à dos íons na electrólise. Essa matéria assim modificada e dinamizada, expelida da organização fisiológica do médium, estará em condições de ser atraída por um campo bioestático, isto é, por um suporte carregado com carga biônica positiva. Uma substância nessas condições vem a ser o ectoplasma.

"Vamos supor que um duplo espiritual, ou melhor, uma estrutura perispiritual se ache nas imediações do médium em atividade. Se fôr aplicada a esse duplo uma carga biônica positiva, o ectoplasma será atraído pelo mesmo. Em contato com o duplo, a carga biônica negativa, que arrasta o ectoplasma, será neutralizada, restando a substância protoplásmica finamente dividida. Esta será por sua vez carregada para os centros biomagnéticos da estrutura perispiritual. Tais centros agirão como fulcros no espaço físico, sôbre os quais se depositará a matéria orgânica sacada do médium sob forma de ectoplasma. Pouco a pouco, no espaço físico, irá delinear-se uma forma. Inicialmente, surgirá uma figura fantasmagórica, pouco nítida. Continuando a deposição de substância, o fantasma se adensará, podendo assumir tôdas as gamas de consistência, até chegar mesmo a constituir um organismo vivo perfeito.

"Invertendo-se o sentido das cargas biônicas, dar-se-a o oposto do fenômeno, tal qual se passa num electrólito: o fantasma, ou materialização, dissolver-se-á, devolvendo a substância emprestada ao médium, e êste a recuperará quase totalmente".

"A descrição que demos, do fenômeno da ectoplasmia, comparando-o com o da galvanoplastia, foi propositamente simplificada. O que se passa, em linhas gerais, deve ser aproximadamente isso. Todavia, a operação real envolve grande soma de detalhes e apreciável dose de complicação. Lendo os relatos fornecidos pelos próprios espíritos, tem-se uma idéia da complexidade do fenômeno durante o seu desenrolar. Não obstante, trata-se de

um acontecimento natural, de uma das inúmeras propriedades e funções dos organismos vivos, a faculdade de segregar o ectoplasma. Uns têm-na em maior grau; estes são os chamados médiuns de efeitos físicos".

Não disponho de elementos para fazer um julgamento seguro da "Teoria Corpuscular do Espírito", visto envolver a matéria questão altamente especializada que foge à alçada de estudiosos, situados em outro plano de observação menos profundo.

No desenvolver dêste pequeno livro de divulgação de fenômenos por mim observados, desde o período de adolescência, e da leitura das autoridades no assunto, fiz sentir o ponto de vista que adotei, da impossibilidade de explicação da fenomenologia espírita, por intermédio dos conhecimentos clássicos da ciência.

Inclino-me, no entanto, a aceitar a possibilidade da explicação através da teoria atômica da matéria, pelo menos, da fenomenologia objetiva tendo, no entanto, como diretriz e ponto de apôio os fundamentos doutrinários, como é o caso, na teoria corpuscular do espírito.

Como muito bem faz sentir o autor, a teoria corpuscular acha-se ainda na sua fase inicial que êle denomina uma "hipótese de trabalho", atitude esta que adota todo observador criterioso e reservado, antes de chegar a conclusões definitivas a respeito de suas pesquisas e dos seus estudos. E' seu propósito submeter a sua teoria à comprovação experimental e, subsequentemente, para a sua evolução posterior, apoiá-la em fundamentos matemáticos.

De qualquer forma, fica reservado ao autor da nova teoria o mérito de ser o iniciador dos estudos orientados neste vasto e novo campo da teoria nuclear da matéria, o único talvez que resta á ciência, para dar uma explicação ao fenômeno objetivo da formação do corpo físico do fantasma.

Aksakof admite três gêneros de materialização:

1º) — "A materialização do duplo do médium, tomando o nome de diversas personalidades;
2º) — A materialização artificial de figuras que não se assemelham ao médium, ou de membros humanos, construidos ou formados com maior ou menor arte, e assemelhando-se, mais ou menos, a formas vivas; e
3º) — A materialização espontânea ou original, em que há a aparição de figuras materializadas, com todos os traços de uma personalidade completa, diferentes do médium, e dotadas de uma vitalidade tão pronunciada quão independente".

("Animismo e Espiritismo" pág. 683).

MATERIALIZAÇÃO PARCIAL OU INCOMPLETA

Voltando a cuidar novamente dos fenômenos de materilização, observados por estudicsos do assunto e pesquisadores, passo a tratar das materializações parciais ou incompletas: materialização de dedos, mãos, busto, de ante-braços, mãos, etc.

"Sentem-se, muitas vezes, contactos de mãos, relata William Crookes, durante as sessões às escuras, ou em condições em que não é possível vê-las. (1) Raramente tenho visto essas mãos.

Não darei aqui exemplos em que os fenômenos são produzidos na escuridão; escolherei porém alguns dos casos numerosos em que vi essas mãos em plena luz.

Pequena mão de muito bela forma elevou-se de u'a mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e depois desapareceu três vezes, o que me convenceu de que essa aparição era tão real quanto a minha própria mão.

* * *

(1) — FATOS ESPíRITAS, págs. 40-41-42 e 43.

Isto se passou à luz, em minha própria sala, estando os pés e as mãos do médium seguros por mim, durante êsse tempo.

Em outra ocasião, uma pequena mão e um pequeno braço, iguais aos de uma criança, apareceram agitando-se sôbre uma senhora que estava sentada perto de mim.

Depois, a aparição veio a mim, bateu-me no braço, e puxou várias vezes o meu paletó.

Outra vez um indicador e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que estava na botoeira do Sr. Home, e depositou-as diante de várias pessoas, sentadas perto dêle.

Várias vezes, eu mesmo e outras pessoas observamos mão estranha comprimindo as teclas de uma harmônica, ao passo que, no mesmo momento, víamos as mãos do médium, que algumas vezes eram seguras pelas pessoas que se achavam perto dêle.

As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos e de pessoa viva.

Algumas vezes, é preciso dizer, ofereciam antes a aparência de nuvem vaporosa, condensada em parte, sob a forma de mão.

Nem todos os que se achavam presentes a percebiam igualmente bem. Por exemplo, quando se vê mover uma flor ou qualquer outro pequeno objeto, um dos assistentes notará um vapor luminoso pairar em cima; um outro descobrirá u'a mão de aparência nebulosa, enquanto outros apenas verão a flor em movimento.

Vi mais de uma vez, primeiro, um objeto mover-se, depois uma nuvem luminosa que pareceu formar-se ao redor dêle, e, enfim, a nuvem condensar-se, e transformar-se em mão, perfeitamente acabada. Nêsse momento, tôdas as pessoas presentes podiam ver essa mão. Nem sempre ela é uma simples forma, pois algumas vezes parece perfeitamente animada e graciosa: os de-

Isto se passou à luz, em minha própria sala, estando os pés e as mãos do médium seguros por mim, durante êsse tempo.

Em outra ocasião, uma pequena mão e um pequeno braço, iguais aos de uma criança, apareceram agitando-se sôbre uma senhora que estava sentada perto de mim.

Depois, a aparição veio a mim, bateu-me no braço, e puxou várias vezes o meu paletó.

Outra vez um indicador e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que estava na botoeira do Sr. Home, e depositou-as diante de várias pessoas, sentadas perto dêle.

Várias vezes, eu mesmo e outras pessoas observamos mão estranha comprimindo as teclas de uma harmônica, ao passo que, no mesmo momento, víamos as mãos do médium, que algumas vezes eram seguras pelas pessoas que se achavam perto dêle.

As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos e de pessoa viva.

Algumas vezes, é preciso dizer, ofereciam antes a aparência de nuvem vaporosa, condensada em parte, sob a forma de mão.

Nem todos os que se achavam presentes a percebiam igualmente bem. Por exemplo, quando se vê mover uma flor ou qualquer outro pequeno objeto, um dos assistentes notará um vapor luminoso pairar em cima; um outro descobrirá u'a mão de aparência nebulosa, enquanto outros apenas verão a flor em movimento.

Vi mais de uma vez, primeiro, um objeto mover-se, depois uma nuvem luminosa que pareceu formar-se ao redor dêle, e, enfim, a nuvem condensar-se, e transformar-se em mão, perfeitamente acabada. Nêsse momento, tôdas as pessoas presentes podiam ver essa mão. Nem sempre ela é uma simples forma, pois algumas vezes parece perfeitamente animada e graciosa: os de-

dos movem-se e a carne parece ser tão humana quanto a de qualquer das pessoas presentes .

No punho e nos braços torna-se vaporosa, e perde-se em uma nuvem luminosa.

Ao contacto, essas mãos parecem algumas vezes frias como o gêlo, e mortas; outras vezes, me pareceram quentes e vivas, e apertaram a minha com a firmeza de um velho amigo.

Retive uma dessas mãos, bem resolvido a não deixá-la escapar. Nenhuma tentativa, nenhum esfôrço foi feito para fazer-me largar a prêsa, mas pouco a pouco essa mão pareceu dissolver-se em vapôr, e foi assim que ela se libertou da prisão."

E à página 43 narra êle o seguinte: "Eu estava sentado perto da médium, a Sra. Fox; não havia outras pessoas presentes, além de minha mulher e uma senhora nossa parente, e eu segurava as mãos da médium com uma das minhas, enquanto que seus pés estavam sôbre os meus.

Diante de nós, sôbre a mesa, havia papel, e a minha mão livre segurava o lápis.

Mão luminosa desceu do teto da sala, e, depois de ter pairado perto de mim durante alguns segundos, tomou-me o lápis, escreveu ràpidamente numa fôlha de papel, abandonou o lápis e, em seguida, elevou-se acima das nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na escuridão".

Em capítulo anterior, fiz referência a uma fotografia tirada por um ex-professor da Faculdade de Medicina de Belo-Horizonte, figurando como médium João Cosme.

O fato foi fixado ao mesmo tempo por máquinas fotográficas trazidas por outros assistentes. Nessa sessão, por mim assistida, as fotografias foram tiradas no escuro, scb a direção de entidades que controlavam os fenômenos.

Nesta foto vê-se u'a mão de criança, espalmada, mantendo no ar um disco de vitrola. A mão é continuada pela ante-braço, vendo-se, a seguir, uma fita de ectoplasma que se estende até a cabina do médium.

A documentação fotográfica tem o grande valor de afastar a hipótese alucinatória para a explicação dos fenômenos, recurso êste de que se servem os obstinados e incrédulos como tábua de salvação, para tentar negar a realidade dos fatos.

Com o médium Armando Ramos, em sessões realizadas em casa de família, em Laranjeiras, tive ocasião de presenciar dois tipos de materialização parcial ou incompleta.

A sessão realizou-se em dois aposentos intercomunicando-se por meio de uma passagem em arco, onde era colocada uma cortina, a fim de converter um dos aposentos em cabina para o médium.

Em uma das sessões, na parede que dava contôrno à passagem em arco, materializou-se com absoluta nitidez uma cabeça de índia. Pele côr de tijolo, cabelos lisos, penteados para trás, lábios pintados. Dava, à primeira vista, a impressão de uma figura modelada em cêra ou parafina.

No entanto, o movimento repetido das pálpebras, ocasionando a abertura e fechamento dos olhos, indicava não se tratar de uma máscara ou de uma figura estática, mas sim, de uma figura em movimento com as características, portanto, de um ser vivo.

Outra materialização parcial, que também foi presenciada por todos os componentes do grupo, consistiu na materialização de um busto de freira com os membros superiores.

Em várias sessões, materializou-se essa figura de freira com a cabeça contornada por um envoltório branco circundado por um manto.

Apesar de possuir uma iluminação própria, para se tornar mais visível, aproximava-se da claridade de uma

lâmpada vermelha, deixando perceber, nìtidamente, os seus traços fisionômicos que indicavam tratar-se de uma figura jovem de cêrca de vinte anos, de nariz aquilino, bôca bem feita, mãos com dedos longos e bem desenhados, podendo-se dizer que se tratava de uma moça efetivamente bonita, ainda que de duração efêmera.

Um dos presentes chegou a manifestar o seu entusiasmo pela sua aparência física, a ponto de adiantar que, se não fôra ela freira e ter duração efêmera, estaria inclinado a propor-lhe matrimônio.

Apesar de a parte inferior do corpo permanecer quase às escuras, podia-se entrever, em certas ocasiões, não estarem materializados parte do tronco e os membros infriores.

As materializações parciais, desde que seja afastada a possibilidade da interpretação do fenômeno pela hipótese da alucinação coletiva dos assistentes, hipótese essa, aliás, pouco aceitável, sob o ponto de vista da realidade prática; o fenômeno da materialização de uma parte exclusiva do corpo, gozando de tôdas as faculdades e funções, como se estivesse integrada no todo, excluem a possibilidade de fraude.

Com efeito, como admitir-se a possibilidade de burla no fenômeno do aparecimento de u'a mão luminosa, como no caso relatado por Crookes, que toma de um lápis e escreve à vista de todos, ou no aparecimento de uma cabeça nìtidamente visível pelos assistentes e que independe do corpo para a movimentação das pálpebras?

Essas materializações, além disso, podendo ser fotografadas como no caso acima referido, da mão de criança, sustendo um disco de vitrola, comprovam a objetividade do fenômeno, excluindo a hipótese da alucinação coletiva dos assistentes.

CAPÍTULO VIII

MATERIALIZAÇÃO TOTAL OU COMPLETA

Passando a tratar da materialização total ou completa, transcrevo casos rigorosamente estudados por autoridades de renome mundial, que se dedicaram ao assunto, antes de descrever os fatos que, há mais de dez anos, venho observando com grupos de estudiosos e pesquisadores.

Tal é a autoridade dos cientistas que primeiro estudaram o fenômeno, e os cuidados de que se cercaram na qualidade de pioneiros de pesquisas neste terreno, que os casos por êles relatados equivalem a uma resposta definitiva aos agnósticos e aos cépticos. Sòmente a obstinação e a má fé poderão subsistir diante das provas definitivas, apresentadas por êsses grandes cientistas, nas pesquisas completas que empreenderam.

Assim é que, como documentação valiosa, transcrevo trechos de carta que William Crookes dirigiu a jornais espiritualistas, em que descreve fatos por êle estudados com a médium Florence Cook e a figura materializada — **Katie King**: (1)

"Passo agora à sessão que se realizou, ontem à noite, em **Hackney**. **Katie** nunca apareceu com tão grande perfeição. Durante perto de duas horas passeou na sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes tomou-me o braço, andando, e a impressão sentida por mim era a de uma mulher viva que se achava a meu lado, e não de um visitante do outro mundo; essa impressão foi tão forte, que a tentação de

(1) — FATOS ESPÍRITAS — Editôra Feb, pág. 70.

repetir uma nova e curiosa experiência tornou-se quase irresistível.

Pensando, pois, que eu não tinha um espírito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomá-la nos meus braços, a fim de verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizera recentemente, de maneira tão sumária. Essa permissão foi-me graciosamente dada, e, por consequência, utilizei-me dela, convenientemente, como qualquer homem bem educado o teria feito nessas circunstâncias. O Sr. Volckman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar a sua asserção, de que o "fantasma" (que, afinal, não fez nenhuma resistência) era um ser tão material quanto a própria Srta. Cook. Mas o que vai seguir mostrará quão pouco fundamento tem um experimentador, por mais cuidado que tenha nas suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade suficiente.

Katie disse então que, dessa vez, se julgava capaz de mostrar-se ao mesmo tempo que a Srta. Cook. Abaixei o gás, e, em seguida, com a minha lâmpada fosforescente, penetrei o aposento que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido prèviamente a um dos meus amigos, que é hábil estenógrafo, para anotar tôda a observação que eu fizesse, enquanto estivesse no gabinete, porque bem conhecia eu a importância que se liga às primeiras impressões, e não queria confiar à minha memória mais do que fôsse necessário: as suas notas acham-se neste momento diante de mim.

Entrei no aposento com precaução: estava escuro, e foi pelo tato que procurei a Senhorita Cook; encontrei-a de cócoras, no soalho.

Ajoelhando-me, deixei o ar entrar na lâmpada, e, à sua claridade, vi essa moça vestida de veludo preto, como se achava no começo da sessão, e com tôda a aparência de estar completamente insensível. Não se moveu quan-

do lhe tomei a mão; conservei a lâmpada muito perto do seu rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Elevando a lâmpada, olhei em tôrno de mim e vi Katie, que se achava em pé, muito perto da Srta. Cook e por trás dela. Katie estava vestida com uma roupa branca, flutuante, como já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cock na minha e ajoelhando-me ainda, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie, como para plenamente convencer-me de que eu via, sem a menor dúvida, a verdadeira Katie, que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas moveu a cabeça, em sinal de reconhecimento. Três vezes examinei cuidadosamente a Srta. Cook, de cócoras, diante de mim, para ter a certeza de que a mão que eu segurava era de fato a de uma mulher viva, e três vezes voltei a lâmpada para Katie, a fim de a examinar com segurança e atenção, até não ter a menor dúvida de que ela estava diante de mim. Por fim, a Srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Katie deu um sinal para que me fôsse embora. Retirei-me para outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o aposento depois que a Srta. Cook acordou e que dois dos assistentes entraram com luz.

Antes de terminar êste artigo, desejo salientar algumas diferenças que observei entre a Srta. Cook e Katie. A estatura de Katie era variável: em minha casa a vi maior 6 polegadas do que a Srta. Cook. Ontem à noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ela era maior 4 polegadas e meia do que a Srta. Cook, e tinha o pescoço descoberto; a pele era perfeitamente macia ao tato e à vista, enquanto a Srta. Cook tem no pescoço uma cicatriz, que em circunstâncias semelhantes, se vê distintamente, sendo áspera ao tato. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto as da Srta. Cook trazem ordinàriamente brincos. A côr de Katie é

muito branca, enquanto a da Srta. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muitos mais longos que os da Srta. Cock e seu rosto é também maior. Nas formas e maneiras de se exprimir há também diferenças assinaladas.

E à página 78 do livro citado, "Fatos Espíritas", lê-se, de um trecho de carta dirigida por William Crookes ao "Spiritualist", o seguinte: "Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que estou de pé, ao lado de Katie, tendo ela o pé descalço sôbre determinado ponto do soalho. Vestiu-se em seguida a Srta. Cook como Katie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas colocadas perfeitamente como na outra experiência, e alumiados pela mesma luz. Quando os dos esboços foram postos um sôbre o outro, as minhas duas fotografias coincidiram perfeitamente quanto ao porte, etc., mas Katie é maior meia cabeça do que a Srta. Cook, e, perto dela parece uma mulher gorda. Em muitas provas, o tamanho do seu rosto e a estatura do seu corpo diferem essencialmente da médium, e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dessemelhança.

Mas a fotografia é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Katie, quanto as próprias palavras o são para descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços, tão móveis, ora velados pela tristeza, quando narra algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente, com tôda a inocência de uma menina, quando reune os meus filhos ao redor de si, e os diverte contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia?

Vi tão bem Katie, recentemente, quando estava alumiada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar

alguns traços às diferenças que, em precedente artigo, estabelecí entre ela e a médium.

Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos. Vários pequenos sinais, que se acham no rosto da Srta. Cook, não existem no de Katie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Katie, que tenho à vista, e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Katie; o pulso batia, regularmente, 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois, atingia a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Katie, eu ouvia um coração bater no interior, e as suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação.

Examinados da mesma forma, os pulmões de Katie mostraram-se mais sãos que os da médium, pois, no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook seguia tratamento médico por motivo de grave bronquite."

Tanto Charles Richet, no seu "Tratado de Metapsíquica, como Aksakof, no livro "Um Caso de Desmaterialização", transcrevem exatamente todas essas passagens das pesquisas realizadas por William Crookes.

No livro de Richet, à página 646, acha-se reproduzida a fotografia de Katie King. Num tópico que se encontra à página 647, do mesmo livro, esclarece a referência que faz William Crookes ao Sr. Volckmann relativamente a ter tido êle a mesma impressão que aquêle senhor, a respeito do fantasma, (Katie King) que se apresentava sob o aspécto de "um ser tão material quanto a própria Srta. Cook".

Assim se refere Richet à ocorrência mencionada por Crookes: "Em uma sessão realizada em casa do Sr. Luxmore, um Sr. Volkmann levantou-se, agarrou Katie King pela cintura, exclamando: "É a médium!" O Sr. Henry Dunphy observou que Katie perdia os braços e pernas. Escapou do Sr. Volkmann escorregando dos seus braços e desapareceu sem deixar sinal. Imediatamente depois, Miss Cook foi encontrada amarrada, com os nós do laço intactos".

"Em seguida a êsse ataque brusco, informa o Sr. Henry Dunphy, Florence Cook sentiu-se muito doente no decorrer de tôda a noite; dois médicos assistiram-na, pois chegou a ter violentas convulsões. Lady C. e a Sra. Ross Church passaram igualmente a noite ao pé do seu leito, velando-a com tôda a dedicação". (I)

À página 646, Richet transcreve uma interessante narrativa de F.L. Marriat a respeito do fenômeno de desmaterialização de Katie King, sob a ação de uma luz intensa: "Katie King colocava-se de costas para a parede da sala, com os braços suspensos, como se estivesse crucificada. Foram acendidos três bicos de gás que projetaram uma luz intensa. O efeito foi surpreendente. Katie conservou cêrca de um minuto a sua aparência primitiva e passou depois, gradualmente, a se desagregar. Tornaram-se-lhes a princípio os traços nebulosos, os olhos afundaram nas órbitas, o nariz desapareceu, bem como os ossos da fronte. A seguir os membros como que se decompuseram, caindo em pedaços pelo chão. Por fim só restou uma parte da cabeça e um bocado de vestimenta branca. Depois tudo desapareceu".

Ainda para confirmar a veracidade insofismável dessas documentações, que excluem tôda e qualquer dúvida a respeito da realidade objetiva dos fatos, cumpre assinalar que, o físico inglês M. Varley fez atraves-

(1) — UM CASO DE DESMATERIALIZAÇÃO, Aksakof, 2.a edição — FEB, pág. 146.

sar o corpo da médium por uma fraca corrente elétrica, controlada por um galvanômetro, de maneira que qualquer movimento que fizesse ela, traria como consequência oscilações do galvanômetro. (1).

Apesar dêste completo sistema de contrôle, os fenômenos se desenvolveram com a regularidade habitual, tendo se materializado Katie King e escrito a lápis, à vista de todos, sem que tivesse havido aumento no desvio do galvanômetro.

Uma interessante conclusão, que resultou dessas experiências, é que o corpo do fantasma oferece maior resistência do que o da médium, à passagem da corrente, conforme observação de Crookes, segundo a informação do Sr. Harrison, publicada no "The Spiritualist".

Ainda a respeito da materialização de Katie King, transcrevo do livro de Aksakof (1) um interessante relato de particularidades da materialização, que mais adiante serão relacionados com fenômenos da mesma natureza, por mim observados, com o médium Melchíades Borges: "No caso de Katie King, diz Aksakof, cuja semelhança com a médium era notável, houve entretanto divergência quanto à estatura, cabelos, orelhas, unhas, etc. Sabemos também que Katie King podia instantâneamente modificar o colorido do rosto e das mãos, fazê-lo passar do negro ao branco e vice-versa. (veja-se "Spiritualist" 1873, págs. 87, 120). Algumas vêzes, ela se assemelhava a um "manequim articulado", ou uma "boneca de cautchu, sem esqueleto ósseo nas mãos" e, "um instante depois, mostrava-se com o seu esqueleto completamente formado" ("Spiritualist", 1876 tomo II pág. 257); ou antes, ela aparecia "com uma cabeça óssea de forma obtusa, duas vezes menor que a da médium, não deixando de conservar certa semelhança com a des-

(1) — FATOS ESPÍRITAS, 5.ª edição, FEB — págs. 133 e 143.

sa última" ("Spiritualist", 1874, tomo I, pág. 206); muitas vezes, como única explicação, ela dava esta resposta significativa: "Formei-me como pude". ("Spiritualist", 1878 — tomo II — pág. 257).

No caso em aprêço, parece tratar-se de um fenômeno de animismo, havendo a materialização do perispirito ou duplo da médium, daí a semelhança com ela apresentada pelo fantasma, assim como também no caso da figura materializada, Iolanda, com a médium Mme. Espérance.

Êsse fenômeno vem reforçar a tese doutrinária da materialização do espírito, uma vez que, admitida a possibilidade de materialização do perispírito ou duplo do médium, com maioria de razão, têm-se que admitir a possibilidade da materialização do espírito (perispírito) dos mortos, sendo inúmeros os casos dêste último gênero, registrados por autores de reconhecida autoridade.

Na classificação de Aksakof, anteriormente citada, em que admite êle três gêneros de materialização, no "primeiro gênero correspondente à materialização do duplo do médium, tomando o nome de diversas personalidades" e no terceiro gênero, "a materialização espontânea ou original em que há a aparição de figuras materializadas, com todos os traços de uma personalidade completa, diferentes do médium e dotadas de uma vitalidade tão pronunciada quão independente", (1) enquadram-se justamente os dois tipos, ora referidos, da materialização do perispírito ou duplo do médium e da materialização do espírito dos mortos.

Com um determinado médium, podem operar-se o fenômeno da materialização do seu perispírito ou duplo e a materialização de outro espírito, em u'a mesma

(1) — ANIMISMO E ESPIRITISMO, pág. 683.

sessão, ou em sessões diferentes, desde que nelas se apresente mais de uma figura materializada.

Passo a transcrever um caso referido por Aksakof (2) de identificação de um espírito materializado, que foi reconhecido pelo seu aspecto físico, pelas provas intelectuais reveladas em comunicações escritas, e por documentação fotográfica. "Êste caso, diz Aksakof, reune tôdas as condições necessárias para tornar-se clássico; corresponde a tôdas as exigências da crítica. Pode-se encontrar a narração circunstanciada dêste caso no "Spiritual Magazine", de 1861, nos artigos do Sr. B. Coleman, que sabia de todos os pormenores, diretamente do Sr. Livermore (êles foram em seguida publicados sob a forma de brochura intitulada "Spiritualist in America", por Benjamin Coleman, Londres 1861), e finalmente na obra de Dale Owen, "Debatable Land", que copiou os pormenores respectivos do próprio manuscrito do Sr. Livermore.

Só mencionarei aqui os principais. A materialização da mesma figura continuou durante cinco anos, de 1861 a 1866, durante os quais o Sr. Livermore realizou trezentas e oitenta e oito sessões com a médium Kate Fox e cujos pormenores foram imediatamente registrados pelo Sr. Livermore no seu canhenho.

As sessões realizaram-se em plena escuridão. O Sr. Livermore estava as mais das vêzes só com a médium, a quem êle segurava durante todo o tempo da sessão pelas mãos; a médium estava sempre no estado normal e era testemunha consciente de tudo quanto se passava. A materialização visível da figura de Estela foi gradual; foi sòmente na quadragésima terceira sessão que Livermore pôde reconhecê-la, por meio de uma iluminação intensa, de origem misteriosa, dependente do fenômeno e geralmente sob a direção especial de uma

(1) ANIMISMO E ESPIRITISMO, 2.ª ed. FEB, págs. 688-689-690.

outra figura que acompanhava Estela e ajudava-a em suas manifestações, e que se apresentava sob o nome de Franklin.

Desde então, a aparição de Estela se tornou cada vez mais perfeita e pôde suportar até a luz de uma lanterna, levada pelo Sr. Livermore. Felizmente, para a apreciação do fato, a figura não pôde falar, à exceção de poucas palavras que pronunciou, e todo o lado intelectual da manifestação revestiu uma forma que deixou vestígios para sempre persistentes. Falo das comunicações por escrito, que o Sr. Livermore recebeu de Estela, em folhas de papel que êle próprio levava, e que foram escritas, não pelo punho de um médium, mas diretamente pelo de Estela e algumas vêzes mesmo, sob os olhos do Sr. Livermore, à luz criada "ad hoc". A escrita dessas comunicações é um perfeito "fac-simile" da escrita de Estela quando viva. O conteúdo, o estilo, as expressões, tudo nessas comunicações dava testemunho da identidade da personalidade que se manifestava; e, além dessas provas intelectuais, muitas dessas comunicações foram escritas em francês, língua que Estela conhecia com perfeição e que o médium desconhecia completamente."

E ainda, à página 689, sôbre as provas fotográficas, lê-se o seguinte:

"Estela não mais podendo manifestar-se por uma materialização visível, manifestou-se ainda por uma materialização invisível, a única de suas manifestações de um gênero mais aperfeiçoado, que chegou ao conhecimento do público, e que completa para nós a preciosa experiência do Sr. Livermore. Quero falar das fotografias transcedentes de Estela, que foram obtidas pelo Sr. Livermore em 1869, a respeito das quais já falei ligeiramente".

E a seguir, à página 690, lê-se o seguinte comentário: "Nas duas primeiras chapas só havia nevoeiros no fundo; nas três últimas apareceu Estela, cada vez

mais reconhecível e em três posições diversas. — "Ela foi reconhecida perfeitamente bem, diz o Sr. Livermore, não só por mim, como por todos os meus amigos". A uma pergunta do juiz, êle declarou que possuia em sua casa muitos retratos de sua mulher, "porém não sob aquela forma".

Passo a relatar os fatos por mim observados, no decorrer de um lapso de tempo de mais de dez anos, acompanhando, sucessivamente, quatro médiuns de materialização.

As primeiras materializações, que tive oportunidade de observar, realizaram-se com o médium João Cosme. Era um médium moço, de cêrca de trinta e cinco a quarenta anos de idade, que sofria de grave cardiopatia, conseqüente a reumatismo.

Como deixava por vêzes transparecer, não tinha crença religiosa definida e infringia as exigências reclamadas para os fenômenos de materialização, com relação ao regime alimentar, à disciplina de hábitos e à abolição dos vícios.

A indisciplina levava-o a realizar um número de sessões acima da sua capacidade física, dando como conseqüência serem muitas das sessões negativas. Apesar de produzir fenômenos variados e convincentes de efeitos físicos, faleceu moço e em plena fase de produção mediúnica.

Faço êste informe a respeito da tendência religiosa, dos hábitos e da psicologia do médium, para fazer sentir que a mediunidade independe de todos êsses fatores, ao contrário do que julgam, correntemente, muitas pessoas.

De instrução primária, expressava-se com dificuldade, deixando perceber inúmeros erros de português.

Em tôdas as sessões de materialização, submetia-se ao contrôle dos observadores, sendo sistemàticamente amarrado por laços ou corrente, ou então, algemado. Em muitas das sessões, além de algemado, era detido em ca-

bina de arame, lacrada ou fechada a chave, que era guardada por um dos componentes do grupo.

Foram feitas atas de quase tôdas as sessões, particularizando todos os fatos ocorridos, meios de contenção do médium e do contrôle do ambiente, constando o nome de tôdas as pessoas presentes. Infelizmente, tôda esta farta documentação, confiada a uma distinta senhora que a entregou, por inadvertência, a uma pessoa cujo nome não foi anotado, perdeu-se, deixando, assim, de ser aproveitada para êste trabalho.

Várics dos fenômenos produzidos por êste médium foram descritos em capítulos anteriores, em tópicos referentes à levitação, transportes, modelagem em parafina, alavancas ectoplásmicas, enrolamento de discos.

Descreverei, ùnicamente, duas ou três sessões de materialização em que os fenômenos foram de tal ordem expressivos, que por si mesmos falam de sua realidade.

Uma dessas sessões realizou-se no bairro de Andaraí, acompanhada de um número reduzido de pessoas, que compunham o grupo habitual de assistentes. Materializou-se uma entidade, Frei Mário de Sá, que habitualmente se apresentava. Um frade de barba e cabelos longos, batina branca e brilhante com o respectivo cordão do hábito.

Achavam-se os assistentes reunidos na sala e o médium permanecia no quarto contíguo, que funcionava como cabina. Materializou-se o frei Mário e aproximou-se da porta que dava acesso à sala. Viam-se, nitidamente, a batina branca de tecido brilhante e os sapatos brancos que calçava. Chegou até à porta e recuou, como se lhe faltassem forças para se dirigir ao centro da sala.

Numa segunda tentativa, foi até junto aos assistentes e logo a seguir voltando de costas para nós, tentou retornar à cabina, e, como lhe faltassem energias, susteve a marcha e detendo-se no centro da sala, à vista de todos, ia perdendo consistência e tornando-se transparente, em franco caminho de desmaterialização e a

custo conseguiu penetrar na cabina. Terminada a sessão, verificamos que o médium apresentava-se vestido com calça azul marinho e sapatos escuros, contrastando com a parte da vestimenta do frade que conseguimos divisar.

Em outra sessão, em Niterói, que foi assistida por meu cunhado, pudemos testemunhar interessante fenômeno. Em aposento que se comunicava com a sala, onde se achavam reunidos os assistentes, o médium foi algemado sob a nossa inspeção.

Um portão gradeado, que não permitia a passagem pelos vãos, de um adulto e nem mesmo de uma criança, interceptando a porta de comunicação entre os dois aposentos, foi fechado a chave por meio de um cadeado, ficando a chave em nosso poder.

Através da claridade que reinava no ambiente, todos nós vimos, nìtidamente, o frade materializado, com as características já descritas, atravessar um dos intervalos da grade do portão, caminhar até o centro da sala, onde nos achávamos reunidos e tocar com a mão direita a cabeça de cada um dos assistentes.

Outra entidade, que se materializava com êsse médium, denominava-se padre Zabeu. Dirigia e orientava os trabalhos de materialização. Nas sessões que acompanhei, não tive ocasião de vê-lo materializado à luz vermelha, como acontecia com o frei Mário. A sua presença era assinalada por um crucifixo fosforescente que trazia no peito e pela voz que se identificava por características especiais.

Era uma voz que se podia dizer de além-túmulo, pela entonação particular e pelas variações de tonalidade. Falava através de megafone fosforescente, de papelão, que era por êle mantido, durante as instruções que dava aos assistentes. Várias vezes a sua voz foi gravada por aparelho, levado pelos componentes do grupo. As perorações que fazia tinham um elevado cunho de espiritualidade, sendo os conselhos que minis-

trava, vasados em linguagem correta e elevada, demonstrando cultura, o que fugia inteiramente ao grau de instrução e à capacidade intelectual do médium, como vimos de exposição anterior.

Além disso, em sessões variadas em que eram modificados todos os integrantes do grupo — que era constituido de pessoas conhecidas e idôneas — o fenômeno ocorria do mesmo modo, sendo as preleções desenvolvidas com a mesma elevação e inteligência, o que exclui tôda e qualquer interferência de um comparsa, entre os elementos do grupo.

Para finalizar o estudo dos fenômenos subjetivos, verificados com êsse médium, faço a citação de mais um fato por mim presenciado.

Realizava-se uma sessão no laboratório de estudos de um colega, Dr. O.B., e o médium estava obstando que se realizassem os fenômenos. Materializou-se, não obstante a sua vontade, uma entidade, Atanásio, a que já fiz referência e estabeleceu forte discussão com o médium, recriminando-o e advertindo-o para que não procurasse impedir a realização dos fenômenos de materialização.

A ocorrência passou-se na obscuridade, sendo o diálogo, no entanto, acompanhado por todos os assistentes.

Êsses fatos indicam que as entidades possuem personalidade à parte, fora da influência dos médiuns, apresentando, além disso, grau variável de cultura, e muitas vêzes, pontos de vistas opostos aos que por êles são adotados, como no último caso que foi mencionado.

E' de tal natureza a evidência dos fatos aqui relatados, que dispensa comentários.

Assim, no primeiro caso, a diferença da indumentária e do calçado da figura materializada e do médium, e por si só o esbôço de desmaterialização que se processou, à vista de todos, excluem totalmente qualquer possibilidade de fraude.

No segundo caso, além dos meios de contenção do médium, que foram assinalados, foi verificado por todos

os presentes, com a claridade reinante no ambiente, o trespasse, pela forma materializada, de um dos vãos da grade, inaccessível à passagem de uma criança e muito menos de uma pessoa adulta.

Além do mais, ao se encarar o lado subjetivo dos fenômenos em aprêço, a diferença de cultura e de mentalidade, entre o médium e a entidade comunicante — Padre Zabeu — de um lado, e de outro, a renovação total ocorrida, dos componentes do grupo, excluindo a participação de um comparsa entre os assistentes, afastam consequentemente, a possibilidade de fraude.

No segundo caso relatado, a diferença de pontos de vista entre o médium e a entidade — Atanásio — e a vez característica e conhecida da mesma. de outras sessões anteriores, afastam a possibilidade de burla.

Nelson de Souza Rocha foi o segundo médium com quem, durante algum tempo, observamos interessantes fenômenos de materialização, em duas localidades diferentes. Em residências particulares, na praia do Flamengo e no Rio Comprido.

Natural do Estado de São Paulo, apresentava, na época das observações, trinta e oito anos de idade. Era magro, de estatura mediana e não gozava de bom estado de saúde. Tem instrução primária e é prático de farmácia.

Os fenômenos de luz que apresentava, eram extraordinários. Verdadeiros clarões, sob a forma de relâmpagos, inundavam de luz todo o aposento que lhe era reservado como cabina.

Apresentavam-se materializadas, perambulando pela sala, três ou mais entidades ao mesmo tempo. Algumas delas, talvez pelo fato dos recursos de ectoplasma do médium não serem suficientes para suprir a tôdas elas, para a materialização integral, apresentavam a região correspondente à face emoldurada por um tecido branco, com aspecto de uma gaze ou atadura. E mesmo assim, como se dispusessem do recurso da visão, continuavam a marcha pela sala, orientando-se seguidamente.

Algumas das figuras materializadas gozavam da faculdade de aumentar sùbitamente de tamanho, de maneira a quase atingirem ao teto do aposento.

Uma delas, mestre Atanásio, apresentava-se sempre com um manto com estrêlas fosforescentes, tendo nas costas uma pala. Era silencioso. Não falava.

Outra entidade, José de Castro, trazia uma vestimenta em forma de "slack" branco e tornava-se visível, neste aspecto, por meio de um zig-zag luminoso que lhe circundava o corpo. Falava com voz sibilante de maneira compreensível, e, por vezes, acompanhava, assoviando, trechos da música "Pescador de Pérolas".

Com êle passou-se um fato interessante. Um seu tio, residente em Niterói, veio assistir a uma sessão, por saber que uma entidade com o nome de seu sobrinho estava materializando-se. Contou-me várias peripécias que com êle e o seu sobrinho se passaram, quando vivo.

Para identificação do fato, assentou-se entre os assistentes, em local um pouco escondido por uma coluna da sala, para verificar se poderia ser reconhecido caso se tratasse do seu parente.

Materializou-se José de Castro, aproximou-se dele, reconheceu-o e pediu à outra entidade, penso que Ismael Souto, que lhe dirigisse a palavra em seu nome, por se achar muito emocionado.

Tenho ainda nítida lembrança de outra entidade que pousou a mão sôbre a minha cabeça e de outros assistentes.

Era iluminado, dentro da vestimenta, por duas lâmpadas ao nível do tórax, que aumentavam e diminuiam de intensidade, como se fôssem controladas por um reostato. À semelhança de um nobre, tinha as mãos bem tratadas, notando-se, nìtidamente, que trazia camisa de peito e de punhos finamente rendados.

Vemos, pela exposição dos fatos, que se pode afastar, no caso em aprêço, tôda e qualquer hipótese de fraude. Tôdas as sessões com êste médium realizaram-se em casa de famílias idôneas, onde não dispunha êle de maior liberdade para instalar um palco artificial, para fins de mistificação. Não recebia nenhum auxílio material ou bonificação, pelos trabalhos que realizava. Apresentava-se sempre com a sua singela rcupa habitual, sem levar nenhum embrulho ou bagagem. Como poderia, em residência estranha, dispor de variado recurso de indumentária, de lâmpadas com intensidade de luz variável e do conjunto variado de fatos que cercaram cs fenômenos? E ainda mais, a marcha das entidades pela sala em semi-obscuridade ou no escuro, sem o recurso da visão, os extraordinárics fenômenos de luz projetada, sob o aspecto de relâmpagos, a faculdade de aumentar e diminuir de estatura das figuras materializadas?

Por incontável número de vezes êsses fenômenos se reproduziram e foram vistos e sentidos por tcdos os assistentes.

Passo a expor e a analizar os fenômenos apresentados por Armando Ramos e Silva, o terceiro médium, em sequência cronológica, das observações e estudos.

Em capítulo anterior, fiz lisongeiras referências à sua integridade de caráter e à sua lisura de comportamento.

Até o momento em que estou produzindo êste trabalho, tem sido êle observado pelo nosso grupo de estudos.

Conta 66 anos de idade e goza relativamente de boa saúde, só apresentando distúrbios vago-simpáticos, talvez em decorrência da mediunidade. Os dados recolhidos por electroencefalograma revelaram normalidade do sistema nervoso.

Natural de Pernambuco, é de classe média, filho de engenheiro e de instrução secundária. Encarou sempre com rigor e espírito de responsabilidade os trabalhos de materialização. São interessantes e variados os fenô-

menos por êle apresentados, alguns já referidos, em capítulos anteriores.

Uma das entidades, que com êle quase sistemàticamente se apresentava, fazia-se conhecida pelo nome de Bem-te-vi. Da mesma maneira que o Atanásio, entidade que se materializava com o médium João Cosme, exprimia-se em voz assoviada, como pássaro, donde deve ter decorrido o nome que adotava.

Brincalhão e galhofeiro, estabelecia palestras com os circunstantes e alegrava o ambiente. Trazia sempre um aparelho que não expunha à apreciação dos assistentes, mas que, à maneira de uma lanterna de mão, emitia sucessivamente luzes de cores variadas: branca, azul, alaranjada, vermelha.

Outra particularidade que apresentava a luz emitida, é que, na superfície onde incidia a iluminação, a luz distribuia-se homogeneamente sem deixar falhas, como acontece habitualmente na iluminação proporcionada pelas lanternas de mão. Outras vêzes, a luz apresentava-se exclusivamente no orifício de saída do aparelho, sem propagar a iluminação às regiões contíguas.

Era uma figura popular, entre os assistentes, que pediam sempre que se materializasse ou que mostrasse as suas habilidades. Apresentou-se visivelmente materializado uma única vez, em uma casa de família, em Laranjeiras.

Houve falta de energia elétrica naquela noite, na vila onde se realizavam as sessões. Bem-te-vi iluminou-se, com luz própria, que projetava preferentemente sôbre a parte superior do corpo, interruptamente, como que em jactos. Pude verificar que vestia camisa branca e trazia, em tôrno da cabeça, à maneira dos índios, uma fileira de penas brancas.

Ainda em Laranjeiras, tive ocasião de presenciar interessante fenômeno de materialização. Com absoluta nitidez, surgiu inesperadamente, no centro da sala, uma

exótica figura materializada. De nariz adunco e olhar penetrante, trajava vestimenta branca que lhe envolvia a cabeça e o corpo, à maneira dos beduínos. Materializou-se uma única vez, o tempo bastante para ser observado.

Entre as entidades que se materializavam, habitualmente, notava-se uma de porte elevado que usava, na cabeça, um turbante branco, e, por vezes, mantinha os braços elevados, tendo nas mãos lâmpadas iluminadas, dando a impressão da Estátua da Liberdade.

Em uma sessão presidida pelo Dr. R.G., realizada à Avenida Rainha Elizabeth, na residência de um dos integrantes do grupo Sr. H.G., materializou-se esta entidade, aproximou-se de mim, trazendo em uma das mãos uma espécie de lanterna. Pude verificar que da extremidade deste aparelho, projetava-se uma luz verde, e, de cada lado do orifício, de onde a luz se projetava, viam-se dois pontos vermelhos com a aparência de carvões acesos.

Em sessões que se realizaram no Leme, em residência do Sr. R.P.G., tive ocasião de observar interessantes fenômenos. Depois de uma intervenção cirúrgica a que me submeti, em Casa de Saúde, durante sete dias sucessivos, apresentei rebelde soluço que resistiu a vários medicamentos. Na primeira sessão de materialização de que comparticipei, a entidade materializada fêz-me aplicação de uma luz de ação terapêutica, livrando-me, com uma única aplicação, do incômodo soluço.

Aproximava-se a entidade, cuja presença era assinalada pela luz que se irradiava de uma lâmpada, tocava levemente a ponta do calçado do paciente, para adverti-lo da sua presença e aplicava a luz, por meio do aparelho, justamente nas regiões correspondentes aos órgãos afetados pela doença.

A luz mudava de côr, indo do alaranjado ao vermelho, roxo, com tonalidades intermediárias e aumentava e diminuia de intensidade, como se estivesse sob

o contrôle de um reostato. Não apresentava calor, era uma luz fria.

À inspeção, na obscuridade, tinha-se a impressão de que o punho da entidade terminava por uma lâmpada, que emitia a luz terapêutica.

Em uma das vêzes que recebia aplicação, havendo, naquêle momento respondido à pergunta de um dos componentes do grupo, a respeito da presença da entidade junto a mim, recebí dela em voz sussurrada, a seguinte admoestação: "Não fale! Tenha fé!"

Numa dessas sessões de tratamento, no corredor que intercomunica o aposento, onde ficava o médium, com a sala dos assistentes, pudemos ver nìtidamente uma figura materializada de avental branco de médico, com botões laterais e boné.

Um fato, que pode ser referido para comprovação da realidade dos fenômenos observados, é o seguinte: Quando uma das entidades de mim se aproximou pude nìtidamente verificar que usava calças brancas e cinto também branco. Para o confronto com a vestimenta do médium, fixei o fato e, terminada a sessão, fui verificar as diferenças que apresentavam as respectivas vestimentas. O médium vestia calças escuras e não usava cinto. Para uma pesquisa mais minuciosa, fui até o aposento que éle ccupara, para verificar se ali não havia esquecido o cinto, e nada encontrei.

Nessas sessões realizadas no Leme, tivemos ocasião de verificar curiosos fenômenos de luz. Em pleno escuro, vimos formar-se como que uma flor roxa iluminada, com o aspecto de um enorme lírio e aproximar-se da cabeça de um colega. Ao mesmo tempo, dois pontos vermelhos de forma circular como se fôssem duas grandes brasas acesas, do tamanho da circunferência de uma maçã, cuja luz não se propagava, mantiveram-se por algum tempo estacionárias no ar, e, depois, aproximaram-se fundindo-se numa forma comum.

Em uma das vezes, o médium foi colocado na sala dos assistentes, isolado por um biombo. Vimos projetar-se, do ponto em que se encontrava, luz que iluminou a região correspondente do teto.

Durante o sono, via-se desprender, mesmo nas sessões de incorporação em semi-obscuridade, do abdome do médium, luz, às vezes, de côr avermelhada que mudava de tonalidade, e, outras vêzes, adquiria o aspecto de uma fumaça ou nuvem avermelhada que se elevava a uma certa altura.

O fim e o comêço das sessões eram assinalados por três pancadas convencionais. Ao finalizar as sessões, ouvia-se habitualmente a voz de uma entidade que se denominava Pai Francisco, ou ainda a de Timóteo que se incumbia da direção dos trabalhos espirituais.

Tínhamos todos a impressão que essas entidades se manifestavam por meio de incorporação. No entanto, uma das vêzes em que se manifestava o Pai Francisco, notamos que a voz partia de um ponto diferente daquêle em que se achava o médium.

Pediu-lhe, então, um dos assistentes que ligasse uma lâmpada vermelha, que era mantida na sala, para ser usada pelas entidades. Com surprêsa de todos, a luz foi acesa, deixando perceber a presença do ante-braço e da mão da entidade. Distinguaim-se mal os dedos da mão, e o ante-braço era tão fino, que dava a impressão de serem os ossos ocultos ùnicamente pela pele, fora, portanto, das proporções normais do ante-braço de um adulto, ou mesmo do ante-braço de uma criança. O fato foi comentado por um dos assistentes replicando-lhe a entidade, que uma pessoa idosa não podia ter braços grossos, como era o seu caso.

Finalizando as longas observações colhidas, durante o espaço de mais de dez anos de freqüência contínua a quase tôdas as reuniões do grupo de estudos dos fenômenos de metapsíquica, passo a relatar o que tive

oportunidade de observar com o médium Melchíades Borges.

De compleição robusta, aparentando a idade de cinquenta anos, é natural do Estado de Amazonas. Tendo contraído malária, não goza de boa saúde provàvelmente em consequência dêsse passado mórbido. São exuberantes os fenômenos que vem apresentando.

Como me referí em outro capítulo, muitas das sessões foram realizadas conjuntamente com Armando Ramos, alternando na cabina cada um dos dois médiuns. Enquanto Armando Ramos estava na cabina, permanecia Melchíades Borges entre os assistentes. Presenciávamos, então, interessante fenômeno de luz.

Logo que êle entrava em transe, assentando-me eu, muitas vezes, a seu lado, observei nìtidamente que do abdome e do polegar desprendia-se uma luz avermelhada, que não se propagava, tornando visíveis a unha e a região dorsal do dedo, que se apresentavam como se houvessem aumentado de volume. Além disso, a luz acompanhava o ritmo respiratório do médium, aumentando e diminuindo de intensidade.

O fenômeno perdurava enquanto êle permanecia dormindo. Logo que acordava, a luz se apagava instantâneamente do abdome e do dedo.

Quando já se achava isolado Melchíades Borges, no decorrer da sessão, as cortinas que fechavam a entrada do aposento, que funcionava como cabina, eram afastadas no escuro, imperceptivelmente, e era projetado intenso foco de luz, ora sôbre o centro da sala, ora sôbre os assistentes. Dentro da cabina observava-se também interessante jôgo de luz. Como se se tratasse de um farol de luz conduzida, ora a luz incidia na superfície, ora por debaixo do divan, onde se encontrava deitado o médium, ora sôbre o teto ou sôbre as paredes do aposento.

Em quase tôdas as sessões, era projetada uma luz avermelhada sôbre a cortina à entrada da cabina, luz

esta de forma circular, do tamanho da circunferência de uma maçã, e uma luz branca de pequena dimensão. que pareciam simbolizar o emblema do Oriente, com a estrêla e o crescente, se bem que aí o crescente já se apresentasse em franco plenilúnio. O fato parece relacionar-se com algumas figuras, que ali se materializavam, com aparência de orientais.

Com uma das entidades que se materializaram, pudemos verificar interessante fenômeno de luz. De uma espécie de amplo manto que trazia, cairam pequenos enfeites luminosos, como se fôssem pingos de luz fosforescente, que se apagavam ao tocar o solo. O fenômeno foi denominado, por um dos assistentes, como "chuva de estrêlas".

Uma entidade que se materializava em quase tôdas as sessões, tinha o aspecto de uma figura branca de cautchu cheia de ar e apresentava-se iluminada com luz própria homogêneamente distribuida, deixando ver todo o corpo.

Com movimentos laterais, para a direita e para a esquerda, seguia o ritmo da música de uma vitrola, que acompanhava os trabalhos. Quando vista pelas costas. deixava aparecer, através do envoltório branco de aparência de cautchu, por transparência, a sombra escura do dorso e dos braços. Era muda. Não falava.

Outra entidade, que também habitualmente se materializava, tinha a aparência de um oriental e era denominado, pelos assistentes, como o beduíno. Trazia um grande manto, que lhe envolvia todo o corpo, finamente rendado. Mostrava, por vezes, afastando o manto, as roupas interiores. Vestia calças brancas. Nas cadeiras. trazia faixa branca e brilhante. Dispondo o fantasma de iluminação própria, a luz se distribuia pela parte inferior do corpo, não deixando divisarem-se-lhe a cabeça e a parte superior do tronco. Quando de costas. deixava, também, transparecer a sombra escura do dorso e dos braços através do manto rendado.

Uma única vez, tivemos ocasião de observar uma curiosa figura materializada. Trazia um manto branco, envolvendo a parte superior do corpo, e caminhava ligeiramente inclinado para frente, com o tórax nu sob o manto, deixando nitidamente perceber os pêlos do tegumento da caixa torácica.

Também envolvida por um manto branco rendado, materializava-se outra entidade que fazia, junto aos assistentes, uma espécie de saudação mahometana, inclinando várias vezes o tórax para frente. Trazia a cabeça ajustadamente envolvida pelo manto. Notava-se, apesar da insuficiência da iluminação, que não permitia distinguir-se-lhe a fisionomia com nitidez, que a face e o crânio eram demasiadamente pequenos, em desproporção com o corpo. Êste fantasma também não falava e respondia às saudações que lhe dirigiam os assistentes, à maneira oriental, com inclinação do tronco.

Da mesma forma que assinalei com o médium Nelson, algumas dessas entidades que se materializavam gozavam da faculdade de aumentar e diminuir sensìvelmente de estatura.

Nesses casos, como vimos anteriormente, em que há alteração do aspecto, formas bizarras da figura materializada, desproporções das partes do corpo do fantasma e diferenças de estatura, como no caso de Katie King, há a materialização do duplo do médium, podendo o fantasma tomar "quase tôdas as formas que deseja". (1)

Apresenta ainda o fantasma quase sempre semelhança com o médium.

Não pude, nos casos observados com Melchíades Borges, constatar tal semelhança, uma vez que a iluminação deixava ver de preferência a parte inferior do corpo do fantasma, não permitindo distinguir-se-lhe nitidamente a fisionomia. Vê-se, no entanto, que, como

(1) — ANIMISMO E ESPIRITISMO, pág. 685.

no caso de Katie King, alguns desses fantasmas apresentavam o mesmo aspecto de uma boneca de cautchu, ou ainda a cabeça pequena, em desproporção com o volume do corpo, e, também, modificações súbitas da estatura.

A única entidade que falava era uma que se fazia conhecer como sendo o preto Paulo. Não tinha luz própria, e perambulava pelo escuro, dirigindo a palavra aos assistentes. Trazia pequena luz camuflada, que não permitia ver-se-lhe a fisionomia.

Com uma das entidades passou-se um interessante fato, que serve para afastar a possibilidade de fraude no fenômeno observado. Indo à sessão um assistente, o advogado Dr. O.M.L., não habituado aos fenômenos de materialização, desejou fazer uma experiência. Pediu a mão à figura materializada para um cumprimento, e reteve-a firmemente agarrada. Dissolveu-se entre os seus dedos a mão da entidade, que, por esta forma, pôde se libertar sentindo, no entanto, o médium um grande distúrbio, com sensação de estrangulamento.

Ainda nos fenômenos observados com êsses dois médiuns, a natureza dos fatos, por si mesmos, e as circunstâncias que os rodeiaram afastam a possibilidade de fraude.

Tôdas as sessões realizaram-se em residências estranhas aos médiuns, onde sempre se apresentaram sem trazerem consigo valise, mala, embrulhos cu qualquer outra bagagem, apresentando-se habitualmente com vestimenta esporte, sumária, de calças escuras e camisa de meia manga e por vêzes com paletó, que era retirado por ocasião dos trabalhos, à vista de todos.

Nunca receberam os médiuns o menor auxílio ou retribuição, em dinheiro, pelos trabalhos realizados , como sistemàticamente acontece a quase todos os médiuns no Brasil.

Por outro lado, nos fenômenos apresentados por Armando Ramos, como sejam as modificações sucessi-

vas e imediatas de côres da luz emitida por uma lanterna, as variações de intensidade de luz nos aparelhos usados para fins terapêuticos e que não apresentava calor, o aparecimento de uma luz com o aspecto de um grande lírio e de outras duas luzes vermelhas, não irradiantes, que se fundiram em uma só, a aparição da figura materializada com a indumentária de médico, em local em que absolutamente não havia tal indumentária, a exposição à luz de um ante-braço fora das proporções normais, são fatos que por si mesmos falam decisivamente em favor da autenticidade dos fenômenos.

Da mesma forma, os fenômenos apresentados por Melchíades Borges, como sejam a luz emitida do polegar e do abdome, com variações de intensidade, de acôrdo com o rítmo respiratório; os intensos jorros de luz procedentes da cabina do médium e projetados nos dois aposentos; as exóticas e variadas indumentárias, com que se apresentavam as entidades, e que inexistiam no ambiente; a desproporção do volume da cabeça de uma das figuras materializadas relativamente ao corpo; a desmaterialização da mão aprisionada por um dos assistentes, são fatos que por si mesmo afastam a possibiidade de fraude.

Como poderá a ciência explicar êstes extraordinários fenômenos de materialização, ùnicamente pelos recursos científicos?

Vimos em tópico anterior a possibilidade de explicar-se pela "Teoria Corpuscular do Espírito", isto é, pela teoria atômica da matéria, através da concepção doutrinária, do fenômeno material da formação temporária do corpo físico da figura materializada. Mas, como explicar-se o mecanismo íntimo com relação à fôrça inteligente e misteriosa, que preside e orienta o fenômeno?

Como explicar-se a formação dêste corpo, com tôdas as funções de um corpo vivo de duração efêmera, mas que tem personalidade própria, que raciocina, que emite idéias contrárias ao ponto de vista do médium,

que escreve ou fala em língua dêle desconhecida e que relata fatos íntimos, só conhecidos dos familiares diretos, e muitas vezes desconhecidos de tôdas as pessoas da localidade, e que se passaram há centenas de anos, em lugares distantes e cuja comprovação só poderá ser feita pela documentação nos arquivos da lei ou das igrejas, conforme o relato de grandes autoridades da ciência?

À ciência diante da magnitude dos fatos só resta um caminho: negar a realidade dos fenômenos, ou tudo atribuir à superstição e à ignorância, como aconteceu aos aerólitos, à chuva de peixes, e aos movimentos da Terra. Ao clero, no entanto, nem esta evasiva lhe resta.

A aparição de santos, de Nossa Senhora, a materialização de Cristo com revelação aos apóstolos e em outras circunstâncias, são fenômenos verdadeiros, desde que sejam trazidos a público pela Igreja católica. Quando os fatos são revelados pelos espíritas, ou pelos cientistas, são por êles negados, ou atribuidos ao demônio. Assim ficam as coisas bem distribuidas: Cristo e os santos para êles, e o demônio para os outros, segundo o critério do merecimento.

Mesmo assim, como a teoria do demônio anda muito desmoralizada no conceito público, estão alguns representantes do clero tentando explicar cientìficamente aquilo que é inexplicável para êles.

Esquecem-se, no entanto, que não podem andar de mãos dadas com a ciência, que não aceita a ordem divina na criação do universo, o qual procede, segundo admite ela, de uma nebulosa. Não admite tudo aquilo que não esteja ao alcance de sua explicação, como Deus, a alma ou espírito, a vida eterna.

Antes de finalizar êste livro, desejo salientar que não me foi possível fazer um trabalho mais completo e mais documentado dos fenômenos de materialização, com maior número de fotografias, impressões dactiloscópicas, palmares e plantares, das figuras materiali-

zadas, e muitas outras valiosas documentações para estudo, como sejam as fases de evolução do fenômeno de ectoplasmia (para formação do corpo parcial ou totalmente materializado), a resistência à corrente elétrica da figura materializada. Tudo foi devido à falta de entendimento por parte dos médiuns, da missão que lhes é destinada, para a integração absoluta da metapsíquica nos domínios da ciência.

Desde, no entanto, que possa conseguir um médium, em condições de compreender o dever que lhe impõe a sua faculdade mediúnica, no sentido de favorecer as pesquisas e os estudos científicos dos fenômenos metapsíquicos, voltarei a ampliar êste trabalho, ou a fazer nova publicação para atender às naturais exigências científicas.

Faço um parêntesis, neste capítulo, para incluir um episódio que tive ocasião de presenciar com o grande médium Francisco Cândido Xavier.

Antes de terminar êste livro, recebi, através daquele extraordinário médium, em Uberaba, interessante mensagem de Bezerra de Menezes.

Quando já me despedia, terminados os trabalhos da noite, informou-me Francisco Cândido Xavier, que ali se achavam presentes duas entidades que diziam conhecer-me.

Informou-me que se tratava de Atanásio e José de Castro. O primeiro, como vimos, materializava-se com o médium João Cosme e o segundo, com Nelson Rocha.

Cumpre ainda ressaltar que não me ocorrera a idéia de que, naquela laboriosa sessão, pudesse haver oportunidade para se manifestar qualquer espírito familiar e, menos ainda, entidades relacionadas com as sessões de materialização.

CAPÍTULO IX

O PONTO DE VISTA DE ALTOS DIGNITÁRIOS DA IGREJA CATÓLICA A RESPEITO DO ESPIRITISMO

De um livro, "O ESPIRITISMO", da autoria do escritor alemão J. Godfrey Raupert, membro da Sociedade Psíquica de Londres, e católico fervoroso, serão transcritos trechos de vários capítulos, em que o autor traduz o pensamento dominante, a respeito da realidade indiscutível dos fenômenos espíritas.

Atribui, no entanto, a natureza dos fenômenos observados à interferência do demônio ou dos espíritos maus, idéia esta de há muito superada, e que, a ninguém mais convence ou impressiona, mas que ainda satisfaz aos desígnios da Igreja, que, por motivos compreensíveis, não pode aceitar a explicação que é ditada pela clareza meridiana dos fatos todos os dias observados.

O livro "O Espiritismo" editado em 1930 pela tipografia do "Lar Católico", de Juiz de Fora, foi traduzido do alemão pelo Dr. Lúcio dos Santos, engenheiro de Minas de Ouro Preto, grande católico, sendo mais tarde reitor da Universidade de Minas Gerais.

A publicação dêsse livro foi autorizada pelo censor eclesiástico P. Alphonsus M. Wenger e por Antonius, Archiepiscopus Belo Horizontinus.

Recebeu o autor, além do mais, o endôsso valioso de uma carta do Cardeal Gasparri, em nome do Papa Pio X, tendo portanto o livro, para sua divulgação, a autorização das mais altas autoridades da Igreja Católica. Foi editado e depois traduzido, como arma de combate ao Espiritismo. Deixando entrever, no entan-

to, grandes verdades a favor da doutrina espírita, talvez por êste fato deixou de ser reeditado.

Serão transcritos alguns tópicos do prefácio do tradutor, Dr. Lúcio José dos Santos, por oferecerem a respeito do assunto conceitos interessantes. Assim, à página IV do prefácio, diz o tradutor: "O fato espírita está, hoje, fora de dúvida".

"Referindo-se ao Espiritismo, no seu livro, "Automatisme Psycologique", diz Pierre Janet que não tem mais prestígio "êsse cepticismo desdenhoso, que consiste em negar tudo que não se compreende, e a repetir, por tôda parte e sempre, as palavras-truque e mistificação".

"Paul Gibier, Crookes, Lombroso, Lubock, Chiaia, Zöllner e outros, afirmam a realidade dos fenômenos espíritas.

São homens inteligentes, doutos, acostumados às pesquisas científicas, possuindo em alto grau o verdadeiro espírito crítico, notando-se ainda que alguns dêles não são espiritualistas.

Gibier e Crookes afirmam que, nos fenômenos espíritas se manifesta uma fôrça extra-natural, que não age como uma fôrça física, um agente fatal, como tôdas as energias naturais constatadas pela experiência.

Aksakof, outro insuspeito, constatou que, frequentemente, as manifestações espíritas estão em contradição absoluta com as convicções pessoais do médium, e que, muitas vezes, ainda, estão acima do seu nível intelectual, pois, tem-se visto pessoas ignorantes responder com acêrto a perguntas dificílimas em física ou língua que jamais aprenderam ou entenderam.

Quer dizer, pois, que não está no homem a causa dêsses fenômenos, que nêles se manifestam. Há fraudes, sem dúvida, e muitos dentre os mais notáveis médiuns têm sido apanhados em fingimentos. Mas, a existência de mentira, a respeito de determinada questão, não prova por si só a inexistência da verdade".

Passando a transcrever o pensamento do autor — RAUPERT — lê-se à página 11: "Para observador experimentado, está hoje fora de dúvida, que, em determinadas condições e por intermédio de pessoas que experimentaram uma certa espécie de manifestações, pessoas a que se dá o nome de médiuns, certos fenômenos se manifestam de caráter anormal, cujos autores, na maioria dos casos, são seres espirituais. As provas dêsses fatos multiplicaram-se de tal modo e são de caráter tão variado, que os cépticos mais acentuados se viram forçados a abandonar o seu antigo ponto de vista e a admitir o Espiritismo.

Pode-se de fato afirmar, sem reserva, que a explicação espírita dos fenômenos só é hoje contestada pelos que possuem um conhecimento superficial do assunto, colhido em livros, ou que julgam mais esclarecido duvidar da realidade dos fatos incômodos e atribuir o resto "as faculdades até hoje não bem conhecidas da psique dos vivos".

E mais adiante: "Está se vendo hoje, que tôda explicação desses fenômenos, excluindo a ação dos espíritos, subleva mais dificuldades do que a explicação simplesmente espírita. Dever-se-iam, portanto, atribuir, à psique humana faculdades que estão muito acima do homem e são absolutamente incríveis. O professor americano de filosofia, Dr. Hyslop, que durante a vida sempre se ocupou com essas pesquisas, escreveu com razão: "Quem nega hoje a existência de seres espirituais e a autenticidade dos fenômenos espíritas, ou é covarde ou é ignorante".

À página 17, diz o autor: "Um mundo espiritual existe, e, por meio do espiritismo, faz hoje a tentativa de pôr-se em contato com o mundo sensível, para influenciá-lo e dominá-lo. O conhecimento claro e a confissão dessa verdade, em face da expansão cada dia mais ampla das doutrinas espíritas, são de necessidade urgente". E mais aiante: "Quando dizemos que os fenô-

menos do Espiritismo demcnstram a existência de seres espirituais autores dos mesmos, não queremos significar que tais entidades sejam os espíritos dos mortos".

Essa ressalva do autcr deve decorrer do ponto de vista que defende em outros capítulos, atribuindo ao demônio cu espírito mau as manifestações observadas nas sessões espíritas. Assim é que, à página 122, declara: "Hoje não se acredita fàcilmente no extra-terrestre. A ciência e frequentemente a religião, em sua atuação prática, têm sido materializadas e técnicizadas. Não se quer perceber bem e compreender nem o divino nem o diabólico, no mundo. Quantcs não têm mais a verdadeira experiência de Deus, e, por isso, não percebem a do demônio!"

Para responder à teoria da interpretação demoníaca ou dos espíritos maus, que hoje por ninguém é levada a sério, dispensando gastar-se tempo para refutação, transcrevo da página 107, simplesmente um tópico da carta do Prof. William James, de Harward, dirigida ao autor: "Como lhe disse pessoalmente, consi-dero a teoria dos espíritos parasitas não sòmente como justificada, mas também como altamente verossímel. Não percebc, porém, porque devamos supor sempre que sejam maus esses espíritos. No mundo supra-sensível, deve haver várias espécies..."

À página 75, transcreve o autor a opinião do jesuita francês Padre J. Bonniot: "Certamente, resolvem-se pela negativa dos fenômenos muitos escritores, filósofos, sábios, publicistas, especialmente médicos; mas, infelizmente, em grande parte, é o medo de se tornarem risíveis, que os leva a esta atitude. Entre homens que, dêste ou daquêle modo, têm ação pública, nenhuma fraqueza se manifesta mais frequente e geral do que o medo de serem tidos como cérebros fracos". E a seguir, escreve Raupert: "Quem conhece as correntes científicas da Alemanha não se admirará de que o Dr. von

Schrenck Notzing, que tão claramente demonstrou os fenômenos de materialização, não se tenha convertido ao Espiritismo (no sentido lato). Sabem todos quão fortes e repetidos ataques se fizeram e ainda se fazem a êsse homem, simplesmente porque êle reconheceu, com seu grande renome, os fenômenos por tanto tempo e com tanto cuidado observados, e tenha assim aderido a outros observadores experimentados.

Que caráter assumiriam esses ataques, se êle declarasse formalmente que na sua opinião, em relação com muitos dos fenômenos observados se encontram espíritos e que êle, por isso, se fizera espírita? Não lhe desacreditariam o testemunho os representantes do materialismo, e não o declarariam incapaz mentalmente? O que pensa real e pessoalmente o Dr. von Schrenck Notzing não conseguirei dizê-lo. Quem lêr com atenção seu livro, reconhecerá que êle, apesar de todos os esforços para fugir à explicação espírita dos fenômenos, fala a mesma linguagem dela, e nem se pode pensar como lhe seja possível outra".

À página 79, continuando a analizar a obra de Notzing, faz a respeito da explicação animista dos fenômenos, a seguinte advertência: "Mas, não é isso brincar com os fatos e com a verdade? O narrador, como se conclui das observações precedentes, permanece no ponto de vista animístico, porque êste, na sua opinião, explica suficientemente os fatos até hoje examinados. Agora, porém, surge um fenômeno que vai além desta explicação e para o qual ela não basta, e que, entretanto, torna verossímel a explicação espírita. Não ocorre aqui o dever de reconhecer isso, e assim o declarar em palavras claras e inteligíveis, sem a mínima consideração para as conseqüências possíveis de uma deliberação? Onde ficam, então, experimentação e ciência?

"As pesquisas são empreendidas para verificar os fatos e dar-lhes a explicação que melhor lhes convenha. E como sabe o autor que a influência da explicação es-

pírita seja mais nociva que a animista? O conhecimento de verdades não deve, afinal, ser mais nocivo do que a afirmação de inverdades, e, se realmente isto é verdade, não acabará esta por aparecer? Recusa o autor a explicação verossímil, porque esta não pode ser posta em acôrdo com a que tem sido afirmada, e se acha em perigo de ser destruida pela outra?

Em que sentido pode ser assinalado como superstição o aceitar a explicação racional, porém incômoda, de fatos cientìficamente verificados"?

Passo a transcrever um curioso fenômeno de materialização, narrado por Raupert, o qual foi presenciado pelo secretário do Cardeal Vaughan, Arcebispo de Westminster e que, antes da publicação do livro "O ESPIRITISMO", só era conhecido em estreitos círculos eclesiásticos: Lê-se à página 80: "Era eu hóspede de S.E. o Cardeal Vaughan, falecido Arcebispo de Westminster. Tinha aceitado o seu amável convite, de fazer um retiro durante algumas semanas em sua residência, para preparar-me quanto à minha conversão à Igreja Católica. Dominava então na Inglaterra, em todas as rodas, um interêsse extremamente acentuado pelo Espiritismo, cujos fenômenos se tornaram conhecidos pelas publicações da Sociedade Psíquica e, em casa do Arcebispo, à mesa, pertencia à ordem do dia a conversa sôbre o espiritismo. Tinha eu que contar repetidamente as minhas próprias experiências; e não tinham fim as questões que se me propunham. Falou-me várias vezes o Cardeal de suas preocupações em vista dêsse interêsse crescente, e pensava nos meios e caminhos pelos quais se pudesse combater melhor êsse movimento e esclarecer os curiosos. Observei, que um dos secretários de S.E., que tratava de seus negócios particulares e gozava de tôda sua confiança, estava por demais informado sôbre o Espiritismo e parecia conhecer perfeitamente que as doutrinas deste davam lugar a questões muito graves.

Pouco depois de minha conversão, pediu-me o Cardeal que fizesse, aos estudantes católicos da Universidade e aos seminaristas, algumas palestras sôbre o Espiritismo, narrando os fatos que me eram conhecidos e chamando a atenção sôbre o êrro da explicação popular e o perigo das experiências.

Convidou ainda os sacerdotes da Arquidiocese para uma conferência em palácio, presidida por êle mesmo, a qual, se não me engano, foi a última vez que êle apareceu em público. Mais ou menos, dois anos depois, achava-me em uma sessão em Londres, na qual uma dama idosa, diante de um grande círculo de ouvintes, fazia comunicações espíritas, quando a mesma afirmou achar-se presente um sacerdote católico.

Como sabia eu que um decreto da Igreja proibe aos católicos tomarem parte nessas experiências, acreditei que a dama se referia a um sacerdote Anglicano da High Church Party; e temendo a má impressão sôbre os ouvintes, manifestei as minhas dúvidas sôbre a verdade dessa afirmação. A dama insistiu no afirmado e, com espanto meu, foi comigo até um dos lados e deu-me o nome do jovem Monsenhor.

Era o secretário do Cardeal, com quem estivera eu em relações diárias. O falecimento do Cardeal libertára êsse sacerdote do secretariado; era então cura d'almas em outra zona da cidade. Uma tarde, fiz-lhe uma visita e pedi-lhe que me comunicasse as suas experiências. Lamentou êle a loquacidade das mulheres, que lhe não permitia guardar segredo, e manifestou o seu grande prazer em que lhe fôsse dada a ocasião de falar sôbre as suas experiências com um experiente. E era fora de dúvida que tais experiências tinham feito sôbre êle profunda impressão. Contou-me, que não tinha podido resistir ao desejo de examinar êle mesmo os fenômenos e que, em casa de um conhecido e conceituado militar, encontrara uma ocasião excepcionalmente feliz para satisfazer os seus desejos. O que lhe havia acon-

tecido, era o seguinte: O médium, que servia na primeira sessão, um homem de meia idade, submetera-se de boa mente a tôdas as condições.

O dono da casa, um general de merecimento, havia agravado essas condições para plena tranquilidade dos circunstantes; êstes, antes da sessão, não se conheciam. A sessão se realizava em aposento fechado e em uma semi-obscuridade. O médium estava apenas em parte encoberto por uma estreita cortina, e entrou fàcilmente em transe.

Com o máximo espanto do jovem sacerdote, surgiu de trás da cortina uma figura perfeitamente materializada, com a forma e os traços da fisionomia do falecido Cardeal, foi diretamente a êle e segredou-lhe mais ou menos o seguinte: — "Tenho uma comunicação importante a fazer-lhe. O que ensinei durante a minha vida terrena, não é verdadeiro. Reconheci isso, apenas entrei no mundo, em que agora vivo. Dizei a todos, que me falastes, e comunicai-lhes o que disse."

Depois destas palavras, desvaneceu-se o fantasma, apareceram outras formas materializadas que se entretiveram com os presentes.

Como é fácil compreender, êste fato impressionou profundamente o jovem Monsenhor, fazendo com que o mesmo tomasse parte em outras sessões, para examinar melhor o caso e formar sôbre o mesmo um juizo. Verificou, que tudo girava em tôrno da questão de identidade, da prova de identificação, reconhecendo, entretanto, as dificuldades para isso. Após longas hesitações, resolveu consultar um velho Prelado, muito ligado a êle, grande conhecedor da teologia, que fôra, por longos anos, o consultor do falecido Cardeal, para narrar-lhe o ocorrido e pedir-lhe conselho. Êste não duvidou um momento de que fôsse autêntico o fenômeno, mas, evidentemente, era de opinião que se tratava de uma fraude, nada tendo o fantasma de parecido com o Cardeal morto. Verificou, porém ser-lhe impossível convencer

disso o jovem eclesiástico. E como se repetissem os fenômenos e pudessem repetir-se ainda, formulou uma série de perguntas que deviam ser feitas e pelas quais esperava obter a prova do engano.

Ignoro de que natureza eram tais perguntas; sei, porém, que foram respondidas mais ou menos satisfatòriamente. Já tinham sido empregados objetos da casa do Arcebispo com o fim de desmascarar o pretenso Cardeal. Entre êsses objetos figurava um solidéu vermelho do Cardeal, que se conservava na casa do morto.

O monsenhor colocou no bolso interior do paletó êsse objeto, sem mesmo ter pensado no melhor uso a fazer do mesmo, para o fim em vista. Sôbre isso guardou segrêdo. O fantasma, contou-me êle, apareceu como de costume, foi diretamente a mim e disse-me: "Ao que me parece, tens aí, no bolso, um objeto que me pertence"; desabotoou o paletó, retirou da algibeira o solidéu, mostrando-o. Logo desmaterialisou-se o fantasma e o solidéu caiu no tapete.

Para o jovem sacerdote, tomou o caso um aspecto grave, e compreende-se que devia tornar-se indispensável a êle continuar as observações. Depois de deliberar sôbre o caso, formulou êle uma pergunta relativa a um assunto que só era conhecido de três pessoas — o falecido cardeal, o monsenhor em questão, e o duque de Norfolk, então chefe dos católicos leigos na Inglaterra.

Como não houvesse sido levado a efeito o plano formulado por essas três pessoas, ninguém tivera conhecimento disso. As perguntas baseavam-se sôbre as dificuldades que, na opinião das três pessoas citadas, desaconselhavam a realização do plano.

O fantasma, continuou o monsenhor, respondeu às questões de um modo que não deixava dúvida de que tratássemos com o próprio cardeal. E com isso se deu o naufrágio total da sua convicção católica. Abandonou a Igreja, retirando-se à vida privada, convencidamente

espírita. Meus esforços no sentido de fazê-lo recuar, graças à minha experiência na matéria, falharam completamente".

Depois da narrativa dêste extraordinário fenômeno de materialização, presenciado por credenciada autoridade eclesiástica e que representa documento de inestimável valor, o autor naturalmente para salvaguardar a sua teoria da explicação demoníaca dos fenômenos, faz uma justificativa narrando, evasivamente, a desilusão que, mais tarde, experimentou o Monsenhor.

Essa desilusão foi manifestada por carta a êle dirigida, e na qual o monsenhor dêle solicitava uma entrevista, que não se pôde realizar por não o haver permitido a sua curta permanência em Londres.

Para finalizar, será transcrito mais um trecho do livro, à página 150, em que se lê o seguinte: "As comunicações dos espíritos feitas pelos médiuns são destituidas de valor. Jamais se referem à Igreja; o seu objetivo é sempre afastar dela os homens e aconselhar-lhes a que sigam o Espiritismo. O fato da ação inteligente de seres, no Espiritismo, significa a ruína completa do materialismo, e, segundo creio, Deus só tem permitido o Espiritismo para êsse resultado".

É, portanto, explicável que não possa a Igreja Católica aceitar tôdas as verdades reveladas pela doutrina espírita, visto que essas verdades conduzem, como assinala o autor, o afastamento dela dos seus adeptos. Assinala, no entanto, o grande mérito do Espiritismo no combate ao materialismo. É, com efeito, a única religião que dispõe, nos tempos atuais, de irrefutáveis elementos de convicção, com revelação prática da existência dos espíritos, e, portanto, da sobrevivência da alma.

São de grande evidência essas afirmações da realidade dos fenômenos espíritas, endossadas pelas mais altas autoridades do clero.

No entanto, entre nós, alguns dos seus representantes ainda tentam confundir o público, fabricando em laboratório luvas de parafina e provocando em menores manifestações histéricas, por êles rotuladas de telargia, ou apresentadas como fenômenos espíritas.

De nada vale ocultar a verdade que terá que aparecer, segundo as próprias palavras de Raupert, diante da abundância de fenômenos que dia a dia se multiplicam, abalando convicções errôneas e despertando para a realidade os displicentes e os incrédulos.